

**FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ
CASA DE OSWALDO CRUZ**

ODILON BAPTISTA
(Entrevista)

Ficha Técnica

Projeto de pesquisa – Memória da assistência médica da Previdência Social no Brasil

Entrevistado – Odilon Baptista (OB)

Entrevistadores – Luiz Octávio Coimbra (LO), Marcos Chor Maio (MC), Nilson Moraes (NM)

Data – 10/07 a 05/08/1986

Local – Rio de Janeiro, RJ

Duração – 6h03min

A citação de trechos da transcrição deve ser textual com indicação de fonte conforme abaixo:

BAPTISTA, Odilon. *Odilon Baptista. Entrevista de história oral concedida ao projeto Memória da assistência médica da Previdência Social no Brasil*, 1986. Rio de Janeiro, FIOCRUZ/COC, 2024. 99p.

Resenha biográfica

Odilon Duarte Baptista nasceu no Rio de Janeiro, em 1910. Filho de Pedro Ernesto, recebeu forte influência do pai, tanto na sua formação profissional, em que valoriza o sentido humanitário da medicina, como em suas concepções éticas e políticas. Casado, Odilon Baptista tem uma filha e três netos.

Realizou os estudos básicos no Colégio Santo Inácio e o curso secundário no Colégio Pedro II. Formou-se, em 1932, pela Faculdade de Medicina da Universidade do Brasil, atual Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

Iniciou suas atividades profissionais na Casa de Saúde Pedro Ernesto, local em que desde o final dos anos 20 desenvolviam-se articulações políticas, tornando-o conhecido como “Centro da Revolução de 1930”.

Em 1933, foi nomeado para o quadro de médicos da Colônia Juliano Moreira e do recém-criado Instituto de Aposentadoria e Pensões dos Marítimos (IAPM). Três anos depois, devido à sua participação na Aliança Nacional Libertadora (ANL), foi preso e demitido do IAPM e do Ministério da Educação, ao qual se subordinava a Colônia Juliano Moreira.

Em 1938, retornou ao IAPM, passando então a chefiar o Centro Cirúrgico, atividade que exerceu até 1964, quando todos os chefes de clínica do Hospital dos Marítimos foram destituídos de seus cargos.

Cirurgião e cancerologista, introduziu no Hospital dos Marítimos procedimentos modernos de diagnóstico do câncer, como a biópsia por congelamento. Em 1943, realizou nos Estados Unidos um curso de especialização em cancerologia. Integrou também a delegação brasileira nos congressos internacionais de câncer, realizados em 1952 e 1962.

Em 1953 e 1954, quando ocupava o cargo de presidente da Associação Médica do Distrito Federal (AMDF), foi um dos líderes do movimento nacional pelo enquadramento na letra ‘O’- nível salarial pretendido pelos médicos do serviço público.

Além das atividades de caráter sindical, Odilon Baptista atuou em diversos movimentos políticos, e hoje pertence ao Conselho Mundial da Paz.

Na ocasião da entrevista, exercia a medicina em seu consultório e também como chefe de cirurgia da Ordem Terceira da Penitência.

Sumário

1ª Entrevista

Data: 10/07/1986

Fita 1 – Formação universitária; a carreira profissional; a prisão do pai, em 1936; a viagem aos Estados Unidos para o estudo da planta do Hospital dos Empregados Municipais (atual Instituto do Câncer); a demissão da Colônia Juliano Moreira e do IAPM; referência à documentação existente sobre Pedro Ernesto no Centro de Pesquisa e Documentação em História Contemporânea da Fundação Getúlio Vargas (CPDOC/FGV); origem familiar; dados biográficos de Pedro Ernesto; nascimento; formação escolar básica; lembrança do movimento OS 18 do Forte; a participação de Pedro Ernesto no movimento tenentista de 1924; o movimento no terceiro regimento de infantaria, em 1926; lembranças de Copacabana na década de 20; a chegada de Pedro Ernesto no Rio de Janeiro; o ingresso de Pedro Ernesto na Saúde Pública; a resistência à vacinação antivariólica na Favela; atuação de Pedro Ernesto na erradicação de focos de febre amarela no morro da Favela; resistência à vacinação contada por Pedro Ernesto; comentário sobre a defesa de tese de medicina; atuação de Pedro Ernesto na Santa Casa da Misericórdia e na Policlínica de Botafogo; o primeiro consultório de Pedro Ernesto numa farmácia da Rua Riachuelo; o prestígio do médico nos anos 20; referência à qualidade de atendimento do Hospital São Francisco de Assis e da Santa Casa da Misericórdia; a vocação para medicina; os convênios firmados pela Casa de Saúde Pedro Ernesto; lembrança da gripe espanhola; o vestibular para a faculdade de Medicina da Universidade do Brasil na década de 20; lembrança dos professores da faculdade; os movimentos de esquerda da faculdade, entre 1928 e 1932.

Fita 2 – O discurso do orador da turma em que se formou; as reivindicações dos estudantes da faculdade de medicina; características do curso de medicina da sua época; a Casa de Saúde Pedro Ernesto e o tenentismo; a vinculação ao Partido Comunista Brasileiro (PCB); a ligação entre Luiz Carlos Prestes e Pedro Ernesto antes da Revolução de 1930; a nomeação para o corpo médico do IAPI a ligação de Pedro Ernesto com o movimento dos marítimos na década de 30; assistência médica no IAPM; atuação de Anísio Teixeira como Secretário de Educação na administração Pedro Ernesto; ampliação hospitalar durante a administração Pedro Ernesto; a ligação com líderes marítimos;

2ª Entrevista

Data: 15/07/1986

Fita 2 (continuação) – A ligação de Pedro Ernesto com Getúlio Vargas; as bases populares de Pedro Ernesto decorrentes da sua trajetória como médico; o contrato da Casa de Saúde Pedro Ernesto com a Sul América para o atendimento aos acidentes de trabalho; atuação de Pedro Ernesto como mediador na greve dos marítimos em 1934; a posição antiintegralista de Pedro Ernesto; comentários sobre a ANL; a participação dos médicos

na ANL; ampliação do atendimento ambulatorial e hospitalar na administração Pedro Ernesto no Distrito Federal; o contrato do IAPM com o Hospital Graffrée Guinle.

Fita 3 – Opinião sobre a unificação da Previdência Social; o atendimento ambulatorial e hospitalar do IAPM; descrição do Hospital do IAPM no Andaraí; a relação entre médico e paciente no Hospital dos Marítimos; referência à qualidade dos profissionais da área de saúde no Hospital dos Marítimos; as condições salariais dos profissionais de saúde no IAPM; atuação dos assistentes sociais no Hospital dos Marítimos; a prisão em 1937; o retorno ao IAPM através de Luiz Aranha, em 1938; realização do curso de cirurgia do câncer nos Estados Unidos, em 1943; a participação no Congresso Internacional do Câncer, em 1954, 1958 e 1962; o atendimento de urgência no Hospital dos Marítimos; admiração dos marítimos pelo serviço médico do IAPM; o atendimento aos marítimos durante a Segunda Guerra Mundial; a especificidade do atendimento aos marítimos; a greve dos médicos do serviço público, em 1953; as características das associações médicas do Rio de Janeiro, Ceará e Fortaleza; influência do PCB na AMDF; a dedicação dos médicos de esquerda ao movimento médico do Distrito Federal; o apoio dos jornais *Última Hora* e *Diário de Notícias* ao movimento dos médicos; referência às gestões de Homero Mesquita e Eduardo Ribeiro no IAPM; referência à gestão de Armando Falcão no IAPM; o prestígio dos sindicatos dos bancários e dos marítimos; as decisões sobre assistência médica no Hospital dos Marítimos; o desenvolvimento da biópsia por congelamento no Hospital dos Marítimos; o contrato do Hospital dos Marítimos com Cosolano Machado para serviços de radioterapia e cobaltoterapia; o Centro de Estudo do Hospital dos Marítimos; o papel do Centro de Estudos na identificação de erros de tratamento médico.

Fita 4 – O impacto do movimento de 1964 sobre a equipe médica do Hospital dos Marítimos; a demissão dos chefes de clínica do Hospital dos Marítimos, em 1964; o inquérito devido à participação no Congresso Internacional do Câncer realizado em Moscou, em 1962; a queda de qualidade do atendimento do Hospital dos Marítimos no pós-1964; a recusa ao convite para dirigir o Hospital dos Marítimos; comentários sobre José Bica, médico do Hospital Miguel Couto; comentário sobre Armando Amaral, diretor do Hospital da Casa de Saúde Santa Teresinha; assistência médica previdenciária e assalariamento dos médicos; os centros de estudos dos hospitais previdenciários e o aprendizado médico; atuação do médico como conselheiro familiar no período de predomínio da medicina liberal; comentários sobre a profissão médica; opinião sobre a socialização da medicina; avaliação da Colônia Juliano Moreira e do Hospital Central do Hospício; o atendimento às doenças infecto-contagiosas na Previdência Social; a resistência médica no Hospital dos Marítimos;

3ª Entrevista

Data: 22/07/1986

Fita 4 (continuação) – A conquista da letra “O” pelos médicos do Distrito Federal, em 1953; o movimento nacional dos médicos pelo enquadramento na letra “O”; a

heterogeneidade do grupo médico; a importância do setor público na assistência médica na década de 50; a utilização dos serviços médicos do IAPM pelos marítimos; atuação na AMDF; posição de Carlos Lacerda ao movimento dos médicos; origem social do médico e sua dificuldade de mobilização.

Fita 5 – Assistência médica gratuita até a década de 30; opinião sobre a socialização da medicina em países capitalistas; a evolução tecnológica e o alto custo da assistência médica; comentários sobre os contratos da Previdência Social com o setor privado; comentário sobre as fraudes nos contratos com o setor privado e a posição dos médicos; o crescimento populacional e o atendimento médico; consequências da unificação da Previdência na relação entre médico e paciente; a perda da qualidade do Hospital dos Marítimos após 1964; o atual trabalho como chefe de cirurgia no Hospital da Ordem Terceira da Penitência; modelo filantrópico de assistência médica; atual atividade como médico no consultório particular e no Hospital da Ordem Terceira da Penitência; posição sobre os convênios com empresas de medicina de grupo; comentário sobre a família; comentário sobre o neto Pedro Ernesto; a crença na evolução da medicina.

4ª Entrevista

Data: 05/08/1986

Fita 6 – A evolução da cancerologia; referência ao desenvolvimento da medicina preventiva em Cuba e na China; a relação entre medicina e política; influência do sentido humanitário da atuação de Pedro Ernesto na carreira médica do bisneto; comentário sobre a atitude dos médicos que se negavam a trabalhar no Hospital da Posse, em Nova Iguaçu (RJ); o empastelamento do *Diário Carioca*, em 1933; o julgamento de Odilon Baptista e Pedro Ernesto pelo Tribunal de Segurança Nacional, em 1937; a primeira prisão de Pedro Ernesto em 1937; a prisão em 1937, na Casa de Correção onde estavam Otávio Mangabeira, Euclides Figueiredo, Arturzinho Bernardes e Carlos Lacerda; impressões sobre Euclides Figueiredo; o contato com Spencer Bittencourt e José Oiticica na prisão; a libertação após 45 dias de prisão; o contexto histórico do golpe de 1937; a posição antiintegralista de Pedro Ernesto; influência de Góes Monteiro, João Gomes e Eurico Gaspar Dutra na prisão de Pedro Ernesto; a permanência de Pedro Ernesto no interior de Minas Gerais após sua saída da prisão; o retorno de Pedro Ernesto ao Rio de Janeiro; a doença e morte de Pedro Ernesto; defesa da entrada do Brasil na Segunda Guerra Mundial por Pedro Ernesto; comentários sobre a posição de Getúlio Vargas; a participação no Conselho Mundial da Paz; comentários sobre a transição para o socialismo no Brasil; avaliação da atuação do Sindicato dos Médicos; opinião sobre a unificação da Previdência.

Data: 10/07/1986

Fita 1 – Lado A

MC - Qual é a sua formação médica? Queremos conhecer suas origens familiares, influências, lembranças.

OB - Eu sou filho de médico, o que você sabe, e fiz o curso na Faculdade de Medicina aqui da Praia Vermelha, me formei em 1932. E em 1933 fui nomeado médico do Ministério da Educação, fui nomeado cirurgião da Assistência de Psicopatas de Jacarepaguá, hoje Colônia Juliano Moreira, já naquela época ela já tinha esse nome. Ali eu estive trabalhando até 1936. Eu entrei em 1933, estive até 1936. Também nessa época que me formei, em 1936, fui nomeado cirurgião do IAPM*. Eu fui da primeira leva de médicos no IAPM. O Instituto foi fundado justamente nesse ano. E eu fui nomeado cirurgião também, e depois passei até a chefe de cirurgia lá. Quando estudante, trabalhei na Casa de Saúde Pedro Ernesto, trabalhei desde o primeiro ano de escola, até o sexto ano trabalhei na casa de saúde, inclusive fui interno de radiologia do Manuel de Abreu, que até é meu padrinho de casamento. E também trabalhava com o meu pai na clínica particular dele; eu era ajudante dele, assistente dele. Agora, isso foi até 1936. Em 1936, em abril de 1936, meu pai foi preso, eu estava, justamente, tinha ido ao Estados Unidos, para ver um problema do hospital que estava sendo construído, dos empregados municipais, lá onde hoje é o Instituto de Câncer. Aquilo ali ia ser uma organização particular até, dos empregados municipais. E o chefe de cirurgia lá era o Mario Melo, e eu era assistente dele. E tive que ir aos Estados Unidos para levar umas plantas, porque naquela época, 1936, 1935, era um problema qualquer organização de sala de refrigeração, salas de operação refrigerada. De maneira que nós tivemos de levar as plantas para *Westing House*, para General Electric, lá em Nova Iorque, e precisava ir um médico. Como a situação política aqui estava muito tensa, meu pai disse: "Vai você lá, assim você sai um pouco daqui do fogo." Acontece que quando estou lá nos Estados Unidos, estava lá há uns dez dias, meu pai foi preso aqui. Papai foi preso, e eu fui demitido a bem da segurança nacional. Aliás é um decreto; até que me honra muito, porque eu estou muito bem acompanhado. Eu nessa época tinha 26 anos, e o decreto da minha demissão sai assim: demitidos a bem da segurança nacional os professores Castro Rebelo, Anima Guimarães, Hermes Lima, Carpenter, Maurício de Medeiros, Campos da Paz e o médico Odilon Baptista.

MC - O senhor estava nessa época ligado à Universidade do Distrito Federal?

OB - Não, não. Eu era médico do Ministério da Educação, lá da Colônia de Jacarepaguá, e do IAPM. Eu tinha esses dois cargos, e trabalhava na Casa de Pedro Ernesto, particularmente. Aquela casa de saúde era do meu pai.

MC - O senhor é filho de Pedro Ernesto, que foi, além de grande médico, prefeito do Rio de Janeiro. E o seu bisavô também era médico.

* IAPM - Instituto de Aposentadoria e Pensões dos Marítimos

OB - Também.

MC - Eu queria que falasse um pouco sobre essa trajetória da família, de ter três médicos: bisavô, o pai e o senhor.

OB - É interessante vocês lerem, tem um negócio desse muito bem feito no arquivo do Pedro Ernesto, na Fundação Getúlio Vargas, não sei se vocês já viram esse arquivo. Porque eu dei todos os documentos que eu tinha em casa, porque se a gente guardar documentos aqui no Brasil, a coisa é difícil, porque o negócio de dar bicho, e destrói, traça e tudo. Eu dei o arquivo de papai à Fundação.

LO - Ao CPDOC* ?

OB - Ao CPDOC. E eles têm lá inclusive, esse CPDOC, um trabalho muito bom, um trabalho relativamente pequeno mas muito bem feito, uma espécie de dados biográficos do meu pai, feito pelo Samuel Wainer. Naquele tempo era da Revista Diretrizes. E tem a história, porque esse meu bisavô foi médico mas meu avô não era médico. Ele trabalhava num banco lá em Pernambuco, e ele teve dois filhos, que eram meu pai e uma irmã dele. Meu pai resolveu estudar Medicina. Mas naquela época só existia faculdade de Medicina na Bahia e aqui no Rio. Eram nos dois únicos estados, sendo que na Bahia teve primeiro que aqui no Rio. A faculdade de Medicina mais antiga do Brasil é a da Bahia. E ele foi estudar na Bahia. Meu pai levou uma vida de classe média, classe média bem remunerada, porque meu avô era diretor desse banco. Mas acontece que quando ele estava no segundo ano de Medicina, no primeiro ano até, este banco foi à falência lá em Pernambuco, por falcatrua de um dos diretores, que era um sujeito metido a nobre, até chamado de Barão de Duprat. E o meu avô ficou numa situação econômica difícil e queria que meu pai voltasse para Pernambuco, porque ele não tinha condições de aguentar com a parte de despesas dele lá na Bahia. E conseguiu para papai um lugar de ajudante de guarda livro numa agência do Lloyd Brasileiro em Recife. Mas papai negou-se a voltar. O interessante da parte da biografia dele é que papai desenhava muito bem, era muito bom desenhista, e fazia trabalhos de anatomia, mapas de anatomia e vendia para os colegas, e também tocava flauta, tinha uma orquestra. E foi assim que ele conseguiu aguentar lá na Bahia. Depois veio aqui para o Rio e continuou trabalhando. Mas, ele teve dificuldades, essa parte do curso dele de Medicina - foi feita sempre com muita dificuldade econômica.

Tem outra passagem interessante que é a seguinte: no segundo ano, lá na Bahia, houve um concurso para cadeira, não é para cadeira de professor não, para interno remunerado para cadeira de Psiquiatria. Foi um médico pernambucano quem fez um concurso brilhante, chamava-se Ulisses Viana. Ulisses foi diretor e o filho dele também foi diretor do Sanatório Botafogo, aqui no Rio. Houve o concurso, o Ulisses tirou primeiro lugar, e foi nomeado um candidato do governador. Aí a colônia pernambucana fez uma revolta dentro da escola, chefiada por meu pai. Aí já começa a vida revolucionária dele, chefiada por meu pai e por um médico chamado Bandeira, um estudante que se chamava Bandeira de Melo. Eles conseguiram isolar a escola, prenderam a congregação, fizeram assinar a nomeação do Ulisses. Mas depois veio o negócio da polícia e tudo. Eles tomaram conta da escola, e iam ser todos expulsos naquela época. Não foram expulsos, porque houve um movimento. A mulher do Rui Barbosa, que era oposição naquela época, fez um movimento de mulheres lá, de esposas de professores, de políticos, em defesa dos

* CPDOC - Centro de Pesquisa e Documentação em História Contemporânea da Fundação Getúlio Vargas

estudantes lá na Bahia. E eles foram perdoados. Ai já foi a primeira rebeldia do velho Pedro.

MC - A que o senhor atribui essa escolha do Pedro Ernesto para carreira médica?

OB - Olha, é uma resposta difícil. Difícil, eu não sei porque. Com o bisavô dele que foi, Pedro Ernesto não teve muito contato. Ele era uma pessoa que gostava muito de música, gostava muito de poesia. Talvez fosse até por uma arte médica que ele gostasse disso, porque na família não tinham outros médicos. A não ser esse bisavô dele.

MC - O senhor disse que o Pedro Ernesto, já na Bahia, começou o início da sua vida revolucionária...

OB - Pois é, rebelde.

MC - Mas, pelo que parece, o senhor é de uma tradicional família pernambucana.

OB - É.

MC - Os Lima Cavalcanti.

OB - Ah! Mas isso eu não vejo muita relação, porque enquanto indivíduo, o próprio Lima Cavalcanti foi governador de Pernambuco, foi daí que tomou parte na Revolução de 1930, foi revolucionário. Isso é, o sujeito por formação chega por esclarecimento de leitura, leitura política, vai se esclarecendo, vai tomando uma posição. Eu não vejo nenhuma influência de família nisso.

MC - O senhor poderia falar um pouco dessa família do senhor Lima Cavalcanti?

OB - Não, a figura mais conhecida da...

MC - Da parte de mãe, não é isso?

OB - Não, parte de pai. A figura mais conhecida da família era o velho André Cavalcanti, que foi Presidente do Supremo Tribunal, aqui no Rio. Foi até 1928, até no tempo do Presidente Washington. Ele morreu, acho que em 1927, ou 1928. Ele foi Presidente do Supremo Tribunal, e ele era tio-avô de meu pai, era tio. Era a pessoa mais conhecida. Lima Cavalcanti era primo dele. Se você for fazer um histórico da família Cavalcanti, porque Cavalcanti, com t-i lá no norte é uma coisa imensa. Aliás, esse pessoal tem muita prosa, conta muita prosa, eles são metidos a nobre, os Cavalcantis. Mas a história da família Cavalcanti é uma história meio esquisita, porque foi um príncipe italiano, que veio fugido por peculato lá na Itália e que aqui se casou com uma índia. Daí começa, e no entanto eles são todos metidos a nobre, são todos cheios de coisa e tal.

MC - O senhor nasceu aqui no Rio de Janeiro?

OB - Eu nasci aqui. Eu e minha irmã.

MC - Em que ano?

OB - Em 1910.

MC - O senhor estudou aonde, aqui no Rio de Janeiro?

OB - Eu estudei no Colégio Santo Inácio, três anos no Colégio Santo Inácio. E depois saí de lá, acabei o meu curso com o Melo e Sousa. Mas, nesse tempo que eu era menino, o Melo e Sousa ainda não era um colégio grande, era um curso. Eu fui aluno do Júlio, que é o Malba Tahan, o Júlio Melo e Sousa; já morreu. Ele e o João eram irmãos e tinham um curso. Depois é que eles fizeram o colégio grande. Eu fiz os meus preparatórios nesse curso. E a gente fazia no fim do ano exame no Colégio Pedro II, era obrigatório. Naquela época você estudava, fazia o curso, e no fim do ano ia prestar exame no Colégio Pedro II. Depois eu fiz o vestibular, e fui para a faculdade de Medicina aqui no Rio, da Praia Vermelha.

MC - O primário e o ginásio o senhor fez no Santo Inácio e no Melo e Sousa, é isso?

OB - É isso. O primário e o ginásio.

MC - E o científico, no Pedro II?

OB - Não, não. Não tinha científico naquela época. Eram quatro anos de curso secundário, também eram quatro anos no primário.

NM - Nessa época o senhor morava aonde?

OB - Eu nasci na rua, ela chamava-se Rua Silva Manoel, hoje André Cavalcanti, aqui perto da Rua do Riachuelo. A casa que eu nasci ainda está até hoje lá. A de número 48. E morei na Rua Silva Manoel até os dez anos de idade. Depois fui morar em Copacabana, moro em Copacabana desde 1921.

NM - Quais são as lembranças que o senhor tem de sua infância?

OB - Eu tenho uma lembrança, que ficou muito gravada, eu assisti, quer dizer, assisti em termos, a Revolução do Forte de Copacabana. Eu tinha doze anos. E me lembro muito bem: acordei à uma hora da madrugada, e ouvi o Forte de Copacabana dar um tiro de canhão de 305, de cinco em cinco minutos. E também vi uma coisa, uma passagem interessante, nessa fase. Eu já morava em Copacabana, e nós fomos para janela, porque a cada tiro dava a impressão de um relâmpago, era uma coisa brutal. E vi passar o bonde, que vinha com a única guarnição que aderiu ao Forte Copacabana, foi o Forte do Leme. O Forte do Leme era comandado por um rapaz chamado Carpenter. Vi o bonde passar, com os soldados todos no bonde, e com um oficial que devia ser o Carpenter, não sei, com o revólver na cabeça do motorneiro, passando para ir para o Forte de Copacabana. Eu vi isso. Depois, no segundo dia, eles pediram para evacuar a cidade... Copacabana. Todo mundo saiu de Copacabana, porque eles estavam esperando ser bombardeados. E quando eu voltei... A Revolução foi no dia cinco, cinco e seis. Nós voltamos no dia sete, e eu me lembro que passei, (eu me lembro bem disso), ali na Rua Hilário de Gouveia, sabe? Ali na Praça Serzedelo Correia onde foi o combate, porque os 18 do Forte, que há dúvida se eram 18, (riso) Os 18 ficaram na praia, eram dois mil homens ali na Praça Serzedelo Correia, por aquela zona. E eu ainda me lembro, passei por ali de automóvel, ainda se via no chão manchas de sangue do combate.

MC - Houve combate, não é?

OB - Ah! Houve combate. Eles saíram todos feridos e mortos. Os que não morreram, saíram feridos. Os 18, dizem que eram 18, e outros dizem que eram 14, não sei.

MC - E o senhor tem outras lembranças da infância?

OB - Tenho. Tenho lembranças também de 1924. Meu pai começou a tomar... Eu estou contando as lembranças políticas, não é? Que é o que mais interessa a vocês aí. Eu me lembro perfeitamente, já que em 1924, eu tinha 14 anos, houve a Revolução de São Paulo, do General Isidoro Dias Lopes, e foi em julho também, foi em cinco de julho, e em novembro houve a Revolução do Couraçado de São Paulo, aqui no Rio. E aí papai já estava metido na revolução, na conspiração. E me lembro que nós fomos todos para Casa de Saúde Pedro Ernesto, para esperar lá. Eu, minha mãe, minha irmã, fomos todos ficar lá na casa de saúde. E a revolução praticamente não saiu. Era comandada pelo Protógenes; só saiu a revolução, o couraçado que se revoltou. E depois, meu pai foi preso pela primeira vez. Papai foi preso com o senhor Augusto Amaral Peixoto, porque eles dois tinham fornecido umas ampolas de clorofórmio para... Você sabia disso? Eles anestesiaram o comandante de bordo (risos). Foram fornecidas por ele. E aí tem uma passagem muito interessante na coisa, porque meu pai foi preso, o doutor Amaral foi preso também, e o velho André Cavalcanti, que era Ministro do Supremo, presidente do Supremo Tribunal. Esse era o governo Bernardes, o velho era a terceira pessoa da República, porque era o presidente da República, o vice-presidente e o presidente do Supremo Tribunal. E o velho André era um tipo de homem conservador, não acreditava, ele gostava muito de meu pai, e não admitia de jeito nenhum que papai fosse revolucionário e tal. Ele foi ao Palácio do Catete reclamar da prisão de meu pai. Disse ao Bernardes que ele não saía de lá sem que meu pai fosse solto, que aquilo era uma infâmia, que meu pai era um homem que só tomava conta de trabalho médico, e tal. E ele foi solto, foi a primeira vez que papai foi preso e foi solto. Isso também eu tinha 14 anos.

NM - A cada movimento desse tipo, cinco de julho de 1922; cinco de julho de 1924, o que se comentava em sua casa?

OB - Ah, sim. Houve sempre uma grande simpatia por todos esses movimentos. Agora, em 1922 papai já não estava engajado; ele era um simpatizante; em 1924 já estava. Quem conhece bem a história desse período? Esse período é muito ignorado. Entre 1922 e 1930, houve uma série de movimentos, que ninguém sabe disso. Por exemplo, vocês também não sabem que houve um movimento no Terceiro Regimento em 1926 ou 1927. Você sabia disso? Esse movimento é interessante. Eram nove oficiais, eu acho, comandados por Leopoldo Neves da Fonseca. Tem um deles que ainda está vivo aí, que é Dêlcio Fonseca. Eram nove oficiais que saíram da casa da sogra do Aníbal de Mendonça, daquela rua lá de Copacabana*. Ela morava na Rua Bento Lisboa. Eles saíram em dois automóveis e entraram vestidos, o Leopoldo, parece que ia vestido de coronel do Exército, compreendeu? E entraram no regimento, tomaram a guarda do regimento, mandaram reunir a tropa, o regimento já estava praticamente na mão deles, quando o corneteiro lá deu um toque qualquer diferente. Você sabia disso, e aí eles reagiram, e assim mesmo ainda houve um tiroteio que durou mais de uma hora, do regimento inteiro, contra os novos camaradas. Quando foi ferido mortalmente o Jansen de Melo eles pegaram, vieram

* Ele se confunde. A Rua Aníbal de Mendonça é no Leblon.

num carro, trouxeram o carro, e deixaram o Jansen na Casa de Saúde Pedro Ernesto. Ele morreu dentro do elevador, quando ia sendo transportado para sala de operação. Isso foi em 1926, e você fala hoje, quase ninguém sabe disso.

MC - Desde a década de [19]20 que o senhor mora em Copacabana?

OB - É. Desde a década de [19]20, desde 1921. Morei primeiro na Rua Copacabana numa casa alugada, depois papai construiu uma casa na Rua Sá Ferreira. Essa casa, inclusive, que estava no meu nome, e no nome da minha irmã, foi a única coisa que ele deixou. E quando ele morreu, nós vendemos a casa, e foi feito lá um prédio de apartamentos, e nós gostávamos muito do local. Eu fiquei com um apartamento, e minha irmã com o outro, e até hoje moro lá.

MC - Como que era Copacabana nessa época, de 1920?

OB - Ah, na década de [19]20 Copacabana praticamente não tinha nenhum arranha-céu, era tudo casa, casa. Eu me lembro, tinham prédios grandes, que era o Hotel Londres, que não existe mais, onde existe hoje o Hotel Luxor, parece. Era um hotel que tinha ali, de uns quatro ou cinco andares; e o Hotel Copacabana. O resto era tudo casa, casas de moradia.

MC - E as pessoas que moravam lá, em geral eram pessoas de classe média?

OB - Ah, era de classe média, classe média para cima.

MC - Há, por exemplo, uma situação que quando o Rei da Bélgica veio ao Brasil, em 1922, foi construído um ambulatório, o Rocha Maia se não me engano, nessa época.

OB - É, mas o Rocha Maia é ali perto do Botafogo Futebol Clube. É.

MC - Parece que na época havia alguma preocupação por parte do Governo em relação a alguma doença que o Rei da Bélgica pudesse..

OB - Não, isso eu não sei, não sei.

MC - O senhor se lembra dessa ideia de Copacabana ser um lugar para as pessoas, ali tomarem um ar melhor?

OB - Ah, sim! Para o banho de mar, não é? Os sujeitos moravam ali, tinham diversos postos, era posto um, posto dois, até o posto seis. Geralmente, todo mundo se conhecia, eu por exemplo fui criado ali no posto seis, jogava futebol pelo time do posto seis, e todo mundo conhecia. Hoje você vai à praia, não conhece mais ninguém (risos). Completamente diferente Copacabana daquela época, e Copacabana hoje.

LO - O senhor se lembra se tinha saneamento, bonde, transporte?

OB - O transporte era bonde, eu não lembro quando começou o ônibus, mas deve ter sido por volta de 1924, 1925 que começou o ônibus, porque era bonde. E era um serviço de bonde muito bom, da Light, muito bom. O bonde ia até Ipanema, até ali onde era o Bar Vinte.

Fita 1 - Lado B

MC - Quando Pedro Ernesto veio para o Rio, qual foi a trajetória dele?

OB - Ele veio da Bahia, veio estudar aqui, morava em pensão, trabalhava muito nessa parte de desenhos e tocava flauta em orquestra também. Aí tem coisas interessantes, coisas muito mais interessantes. Naquela época o sujeito, para se formar, precisava fazer defesa de tese, só davam diploma de médico a quem fizesse defesa de tese. E quando papai estava no sexto ano, para fazer defesa de tese, foi procurar ser vacinador da saúde pública. E acontece que era diretor naquela época, de saúde, o Pacheco Leão, que até foi meu professor depois na faculdade.

MC - Isso foi em que ano, hein?

OB - Papai formou-se em 1908, quer dizer, foi um ano antes 1907. E ele procurou o Pacheco Leão. Quando chegou lá, o Pacheco Leão disse: "Olha menino, você chegou tarde, porque eu fiz as nomeações todas".

INTERRUPÇÃO DA GRAVAÇÃO

OB - Onde estava?

MC - Falando que participou da vacinação do Pacheco Leão.

OB - Ah! Já tinha feito todas as nomeações. Aí ele foi saindo assim da sala, meio tristonho. O Samuel Wainer conta isso tudo. Ele ia meio tristonho, e o Pacheco que era um homem muito humano, muito bom, disse: "Você, menino, parece que está precisando desse lugar". Ele disse: "É eu estou, porque eu tenho que fazer defesa de tese, não tenho dinheiro para fazer, para publicar a tese". E ele virou e disse: "Você aceita ser vacinador no morro da favela?" Aí papai perguntou: "Por que o senhor pergunta isso? Se eu aceito". Ele disse: "É porque nós não conseguimos até hoje vacinar; lá eles reagem. A semana passada eles mataram dois guardas e feriram gravemente um enfermeiro. Mas, se você aceitar, eu dou esse lugar; você faz uma tentativa." Papai disse: "Eu aceito." Ele disse: "Então você esteja amanhã de manhã, às seis horas da manhã, na Ladeira do Faria, que é ali logo atrás do edifício d'A Noite, que é uma subida lá para Saúde." Quando papai foi lá, seis horas da manhã, estavam lá uns soldados armados, um enfermeiro com as vacinas, ele subiu. Quando ele está no meio da subida do morro, veio o prefeito lá da favela. Diz que um crioulo com um cacetão na mão, tremendo, disse: "O que vocês vieram fazer aqui? Botar micróbio no braço da gente, vocês não vão botar, não." Ai papai - ele era um homem muito sereno, sabia lidar com o povo, disse: "Não, mas vocês estão fazendo isso, por que?" – "Não, porque isso nós não deixamos..." Naquela época houve um movimento muito grande contra a vacina obrigatória, inclusive muito orientado pelos positivistas, que eram muito contra isso, tinha muito oficial positivista que era contra o negócio da vacina, da vacina antivariólica. E aí, papai disse: "Olha, se eu me vacinar, e vacinar aqui esses guardas, dois ou três guardas, vocês vão assistir eu vacinar, vocês deixam eu vacinar?" "É mas, o senhor não faz isso." Papai fez, e nesse dia já conseguiu vacinar uns 50 e tantos. E acabou vacinando aquele morro lá. -Foi ele quem fez a vacinação lá. Inclusive no final da campanha, ele ia para lá com os livros, ficava naquela igreja que tinha ali em cima no morro. Às vezes ficava lá lendo, estudando, e os sujeitos trabalhando, organizando lá, ajudando ele. Depois veio o problema da larva, do mosquito

da febre amarela, que ele também foi incumbido, como já tinha resolvido o problema da vacinação antivariólica, veio o da febre amarela, e aí eles reagiram novamente. "Não, nós não vamos deixar jogar as águas de depósitos fora." Aí o papai disse: "Mas, por que vocês estão reagindo contra isso?" Ele disse: "É porque nós aqui não temos nenhuma tubulação de água. Nós saímos para trabalhar, geralmente a grande maioria de operários trabalha no cais do porto, e as nossas mulheres ficam carregando lata d'água o dia inteiro lá para cima, para as favelas, é carregada na cabeça." Aí papai disse: "Mas, isso não precisa jogar a água fora, tem uns filtros de pano próprio, vocês filtram a água, pronto, está acabado." E ele conseguiu fazer isso também lá. Inclusive ele acabou tendo um porção de afilhados. Ele já médico, já conhecido e tudo, de vez em quando aparecia na minha casa um afilhado dele, um crioulo lá, que era da favela.

MC - Esse momento da vacinação, de que o Pedro Ernesto participou, estava dentro da política de saúde da época do Oswaldo Cruz?

OB - Do Oswaldo Cruz, que foi o homem que conseguiu debelar com a febre amarela aqui.

MC - O seu pai chegou a comentar alguma coisa sobre Oswaldo Cruz?

OB - Não. Ele se dava bem com Oswaldo Cruz, era amigo do Oswaldo Cruz. Inclusive ele era médico da filha do Oswaldo Cruz, que era casada com Joaquim Vidal, também médico.

NM - E ele contava alguma história interessante sobre Oswaldo Cruz?

OB - Não. Ele contava o problema que Oswaldo Cruz teve na época, que houve verdadeiras batalhas aqui dentro do Rio de Janeiro, por causa da febre amarela. Mas, não era só de gente do morro, gente da favela. É que os sujeitos não queriam fazer a vacinação antivariólica também, da varíola foi pior.

MC - Por que eles não queriam?

OB - Porque achavam que aquilo... naquela época havia um preconceito terrível contra o negócio de vacina. Achava-se que era injetar micróbio no braço do sujeito. Vacina é um problema, essa vacina BCG, contra a tuberculose, teve problemas sérios também, porque na época houve um acidente na Alemanha, e uma vacina mal preparada inoculou tuberculose numa porção de gente. Mas, que criava problemas.

MC - Depois que o Pedro Ernesto defendeu a tese dele, de doutor...

OB - É, inclusive a tese de papai não foi uma tese sobre cirurgia. Depois ele ficou conhecido como cirurgião, ginecologista e obstetra. Mas, ele trabalhava num hospício e a tese dele foi sobre boloterapia nas moléstias mentais. Foi um trabalho lá no hospício. Nessa época ele fez um trabalho sobre Psiquiatria.

MC - Parece que na defesa da tese dele houve um comentário...

OB - Houve, houve um barulho lá.

MC - Qual foi o barulho?

OB - Foi com o velho Leitão da Cunha, que depois até ficou amigo dele, mas o Leitão, naquela época, tinha entrado para escola há pouco tempo, e parece que era o primeiro ano em que ele examinava tese, o Leitão. Era moço na época. E o Leitão era um homem muito aristocrata, descendente do pessoal do Barão de Vidal. Quando ele examinou a tese de papai, ele virou-se, papai fazia um comentário no início do prefácio reclamando que ele teve muita dificuldade para fazer a tese. Teve que comprar uma banheira, ele estudante pobre, e um termômetro d'água porque o hospício não fornecia, e ele criticou isso. E logo no começo, na defesa de tese, o Leitão da Cunha virou-se e disse: "O senhor começa a sua vida profissional muito mal." O certo naquela época era o sujeito fazer defesa de tese de fraque. Era um negócio solene. "E o senhor começa sua vida profissional muito mal, porque o senhor está saindo- da escola, e o senhor já está criticando o governo, já está fazendo uma crítica aí." Papai virou-se: "Mas é verdade, porque eu sou um estudante pobre, e tive dificuldade para fazer essa tese, tive que comprar uma banheira, e comprar um termômetro d'água, porque não me forneceram." Ele virou-se e disse assim: "É além do mais o senhor tem uma maneira de escrever áspera." Aí papai perguntou: "Mas o português está errado?" Ele disse: "Não está errado, mas está desagradável." Ele disse: "Então, o senhor examina a minha tese, a parte técnica." Aí ele virou-se para papai e disse assim: "Eu já conheço o senhor de tradição." O termo que ele usou, me lembro bem disso, o papai sempre falava. - O senhor é um turbulento, o senhor chefiou um movimento de estudantes na Bahia (risos). Ele sabia. Papai virou-se: "É, eu sou turbulento mas, tenho a dizer que sempre entrei nos primeiros dias de exame aqui, e nunca trouxe nenhum cartão de pedido para o senhor." De maneira que a tese dele foi numa base de briga. E passados os anos, eles até se davam muito bem. Quando papai foi governador, nomeou o Leitão da Cunha para um conselho da saúde lá da Prefeitura.

MC - Quando ele saiu da universidade, da faculdade de Medicina, ele foi trabalhar aonde?

OB - Ele trabalhava na Santa Casa. Ele entrou no serviço da Santa Casa do Daniel de Almeida, em 1914, ele foi ser Chefe do Serviço de Cirurgia da Policlínica de Botafogo, na Policlínica de Botafogo. Lá ele ficou quatro anos. E em 1918, ele fundou a primeira Casa de Saúde Pedro Ernesto, que foi na Rua do Riachuelo.

MC - O senhor poderia contar a história da fundação da Casa de Saúde Pedro Ernesto?

OB - O problema é o seguinte: ele começou fazendo sucesso como cirurgião. Eu não me lembro bem a data, se em 1914 ou 1915, ganhou um prêmio da faculdade de Medicina, com um trabalho sobre "Mal-de-Banting". Ele foi premiado, e aí ele ficou com uma clínica muito grande, aliás essa clínica é interessante. A clínica de papai começou na Rua do Riachuelo numa farmácia que existe até hoje, quase chegando na esquina da Rua André Cavalcante, farmácia Castor. Ele, quando estava no sexto ano de Medicina, procurou um português que era dono dessa farmácia, e que se dava com ele, ele como estudante e tal. E ele foi pedir a este português para dar consulta lá. E o português virou-se e disse assim: "Olha, eu podia deixar você dar consulta, porque eu sei que você é um rapaz preparado, estudioso. Mas o problema é que se precisar de algum atestado, você não pode dar, porque você não se formou ainda, não está formado. O problema é esse." Depois ele virou-se: "Bom, mas eu acho que posso resolver o seu problema, porque tem um médico aqui, um médico antigo, que é muito boa pessoa, e eu peço a ele se precisar de algum atestado, se ele dá para você." E apresentou a papai este médico. Era o Augusto

Amaral Peixoto, pai do Ernani, que fez muita amizade com papai, e papai começou a dar consulta, e acabou que se formou, e foi fazendo uma clínica enorme naquela zona, ali da Rua Joana, de Santa Teresa. Era Rua do Riachuelo, a Gomes Freire, ele tinha uma clientela enorme ali. Ele dava consulta na farmácia, e depois começou a se projetar também como cirurgião. Aí foi que ele teve a ideia, em 1917, para 1918, de fundar a primeira casa de saúde. E o velho Amaral Peixoto, que era mais velho do que ele, foi ser assistente dele na Casa de Saúde Pedro Ernesto.

MC - Parece que tem uma história, de que o seu pai operou a esposa de um português, e esse...

OB - Ah, é! É verdade também, é verdade. Mas, aí já é a segunda Casa de Saúde Pedro Ernesto. Nessa casa da Rua do Riachuelo, ele fez muito sucesso, fez muito sucesso mesmo. Ficou com uma clínica; na época era um dos cirurgiões de maior clínica no Rio de Janeiro. E ele operou a mulher de um português chamado Joaquim Teixeira de Carvalho, que era dono da Papelaria Cruz, papelaria que existe até hoje ali na Travessa São Francisco. É uma papelaria grande. E esse português tinha adoração por meu pai. Sabe que um médico, naquela época, tinha um prestígio muito grande, prestígio de médico era uma espécie de conselheiro de família, era comum um sujeito querer brigar com a filha ou o filho, chamar o médico, para o médico dar conselho. Brigava marido e mulher, o médico podia dar conselho e tal. E esse português, principalmente no meio dos portugueses, esse português tinha adoração por meu pai. E um dia papai operou a mulher dele de câncer da mama, e essa criatura viveu até a década de [19]50. Papai morreu, morreu o marido, e ela... Eu conheci dona Judith. E ele telefonou para papai e disse assim: "Oh, doutor Pedro, eu queria que o senhor viesse aqui na minha casa comercial, porque eu queria que o senhor assinasse um papel aqui comigo." Papai disse: "Assinar papel?" "É um negócio que eu queria que o senhor visse aqui, e tal. Papai foi lá, e ele lhe deu de presente o terreno da Casa de Saúde Pedro Ernesto, que hoje é o IASERJ, é o IASERJ! E papai fez ali a casa de saúde mais bem montada do Rio de Janeiro, na época. Tanto era a melhor casa do Rio, que quando Washington Luiz foi operado de apendicite supurada em 1928 para 1929, apesar de saber que papai era revolucionário, ele foi para lá.

MC - Doutor Odilon, a que o senhor atribui essa importância do médico nessa época, quer dizer, final da década de 1910, início da década de 1920?

OB - É porque não existe. O Rio de Janeiro naquela época era uma cidade que tinha um milhão e pouco de habitantes, não é? Esses serviços sociais não existiam. Existia Santa Casa, a Pro-Matre, e o Hospital da Gamboa; o resto era... tudo tinha que ser feito com médico particular. E o médico particular tinha realmente uma autoridade muito grande nessa parte familiar, era uma espécie de conselheiro de família, isso era muito comum. Depois, o negócio foi mudando muito, inclusive se desmoralizando muito, não é? Hoje, às vezes, o médico é encarado até como charlatão, não é?

LO - Pela inconstância?

OB - É.

MC - Nessa época, por exemplo nessas instituições como a Santa Casa, os médicos lá também eram respeitados como os médicos particulares?

OB - Eram. O outro também, o outro hospital que fazia um atendimento bom, era o São Francisco de Assis, ali no Mangue. Eram tão bons que dessas organizações hospitalares saíram as enfermeiras para Faculdade. A Faculdade de Medicina, da Praia Vermelha, tinha a parte prática na Santa Casa e no São Francisco de Assis; eram muito bem organizados, serviços muito bons.

MC - O senhor nessa época, o senhor ...

OB - Eu ainda peguei essa época. Eu fiz o curso, tive aula no São Francisco de Assis, e na Santa Casa. Aula de clínica médica era do Miguel Couto na Santa Casa, que eu tive. De cirurgia foi com o Raul Batista, o Jorge Gouveia, no Hospital São Francisco de Assis.

NM - Por que o senhor resolveu fazer Medicina?

OB - Eu sempre tive uma admiração muito grande por meu pai, e achava bonito, é uma questão de vocação, desde garoto que eu tinha mania de fazer operação em boneco, tudo (risos). Sempre gostei, talvez influenciado também pelo sucesso da clínica que papai teve.

MC - E o senhor sempre estava muito próximo a seu pai?

OB - Sempre trabalhei com ele, sempre fui assistente dele.

MC - O senhor que mais ou menos...

LO - Doutor Odilon, o senhor acompanhou o surgimento das Caixas, no início da década de 1920, quer dizer, o senhor tem alguma lembrança desse período?

OB - Eu me lembro bem do período da década de [19]30, a década de [19]20 não acompanhei, não. Na década de [19]20, inclusive, foi criado o Instituto dos Marítimos. Foi em 1932 ou 1933, 1933. E eu fui nomeado, eu fui da primeira leva de médicos do Instituto dos Marítimos.

LO - O senhor sabe dizer se a Casa de Saúde Pedro Ernesto fazia algum tipo de convênio com Caixas, se fazia atendimentos de..

OB - Fazia. Fazia convênio com os Marítimos, teve convênio com a Sul América, teve convênio com a Sul América de Seguros.

LO - Isso na década de [19]20?

OB - Na década de [19]20, já na casa de saúde nova, de 1924 para cima, de 1924 até 1935, a primeira casa, não. A primeira casa de saúde não tinha convênio nenhum, era tudo doente particular. Tinham dois leitos de graça na casa de saúde, na primeira casa de saúde era para Casa dos Artistas. Tinham dois leitos de graça. Papai deu para os artistas.

LO - O senhor sabe se havia alguma diferença na qualidade do atendimento médico entre os leitos particulares e os leitos oferecidos para os convênios com as Caixas?

OB - Nessa época, e no meu tempo, no início, não. O atendimento das Caixas era muito bom, muito bem atendidos! Engraçado que eu falei, outro dia, com você, que tenho a impressão que esse atendimento começou a piorar quando houve a fundação do INAMPS, mas, quando eram Marítimos, Bancários, Comerciais, Rodoviários, o atendimento era muito mais perfeito, na parte médica, muito mais. Também e o tal negócio, a cidade foi crescendo de uma maneira... numa progressão geométrica.

LO - O senhor tem alguma lembrança da gripe espanhola?

OB - Tenho, tenho. A lembrança da gripe espanhola é a casa de saúde, primeira casa de saúde. Foi em 1918. E eu tenho uma lembrança terrível até. Foi a primeira vez, eu morava ali na Rua Silva Manuel, na época, a minha casa era de dois andares. Foi a primeira vez que eu vi defunto. Eu estava na minha casa, todo mundo teve a gripe, menos a minha mãe. Eu, minha irmã, meu pai, a empregada, todo mundo teve a gripe. A minha irmã teve uma gripe forte, com pneumonia. E quando eu já estava na fase de recuperação, eu estava na janela com a minha babá, a minha empregada, quando passou um caminhão de transporte, aberto, cheio de defunto, cheio até em cima! O negócio era assim... Teve gente que trocava defunto velho por defunto novo, porque já estava apodrecendo dentro de casa, que não tinha serviço de... Foi uma coisa terrível. A cidade fechou. Em frente à Casa de Saúde Pedro Ernesto tinha uma pensão, que se não fosse a enfermeira chefe da casa de saúde, que havia (até era prima de meu pai), que fez o atendimento, tinha gente que tinha morrido de fome, sem socorro. Foi uma coisa realmente bárbara. Os cemitérios não tinham coveiro, e dizem que na Ladeira do Castro, ali na Ladeira do Monte Alegre, teve caso de jogarem cadáver na rua. Foi uma coisa bárbara a gripe de 1918, 1918. Eu tinha oito anos de idade nessa época.

NM - Em 1928 o senhor já estava fazendo faculdade?

OB - Já. Eu me formei em 1932.

NM - E houve também um surto de febre amarela. Qual a memória que o senhor tem desse surto?

OB - Eu não tenho. Mas, esse surto foi rapidamente, não demorou muito, foi eliminado rapidamente. Mas, em 1928, houve um surto.

MC - Doutor Odilon, era difícil entrar para faculdade de Medicina nessa época que o senhor fez?

OB - O vestibular era bem puxado, bastante puxado. Você tinha que fazer prova, tinha que fazer História Natural, Física e Química, Biologia, e uma língua, francês ou inglês. Geralmente fazia francês. Eu peguei uma época que... a minha época era quase tudo em francês.

MC - E a faculdade era puxada?

OB - Era, e muito bem organizada.

MC - Quais são as lembranças que o senhor tem das matérias, e dos professores que...

OB - Eu tive professores famosos lá dentro. Tive como professor de clínica médica, o Miguel Couto, que é, considerado "o papa" da clínica médica aqui no Brasil, não é? Tive o Carlos Chagas em moléstias tropicais, também era uma figura excepcional em moléstias tropicais; na prática de cirurgia tive o Brandão Filho, foi um dos grandes cirurgiões, era o que havia de melhor na época.

NM - Enquanto o senhor fazia faculdade, ocorria no Brasil uma série de fatos políticos, sociais. Como isso repercutia dentro da universidade, junto aos seus colegas?

OB - Tinha movimentos, já tinham, desde 1928 já tinha movimentos, principalmente movimentos de esquerda dentro da faculdade. De 1928 até 1932, os movimentos eram mais de esquerda dentro da faculdade. De 1932 em diante começou a aparecer o integralismo também, movimento integralista dentro da escola.

MC - Sim mas, aí a esquerda diminuiu ou...

OB - Não, não diminuiu, não.

MC - Polarizou?

OB - Polarizou.

MC - A que o senhor atribui essa presença da esquerda dentro da faculdade?

OB - Olha, eu não sei, pelo processo revolucionário eu atribuo principalmente ao movimento que começou em 1922, e depois com a Coluna Prestes. A Coluna Prestes na época nós todos estudantes éramos admiradores da Coluna, a figura de Prestes era quase que lendária aqui, não é? Aí que começou a crescer. O movimento dentro da escola era bem grande.

Fita 2 – Lado A

OB - A minha turma, por exemplo, eu me formei em 1932. Houve uma luta grande dentro escola pra escolher o orador de turma. Tinha um grupo, pessoal católico, que queria que o orador de turma fosse esse rapaz, que hoje é um pediatra muito conhecido, o Reinaldo Delamare, era o candidato dos católicos. E o pessoal de esquerda queria o José Decusate. Esse rapaz, inclusive, era muito amigo meu, e foi oficial de gabinete do meu pai. E quem venceu foi o Decusate. O negócio foi interessante por que a cerimônia foi no Teatro João Caetano, não foi no Municipal não. E o orador nosso, da turma, era o Decusate. E ele começou o discurso dele com a seguinte frase: "Nós saímos com a tristeza daqueles que vivem num fim de regime." E por aí foi, baixando o pau. O resultado é que houve uma reação dentro do corpo de professores, e o Fernando Magalhães fez um discurso depois protestando, dizendo que aquilo ali era um bando de "comunais", não sei o quê.

LO - É, parece que o seu pai não gostou muito dessa...

OB - Meu pai também não gostou não, achou que foi um pouco fora de propósito.

MC - Quais eram as reivindicações na época, dos estudantes? Quais eram as reivindicações existentes, que mobilizavam os estudantes?

OB - Ah, o movimento maior ali já era um movimento contra o fascismo, porque já existia nessa época Mussolini na Itália. E o movimento era... daí é que partia mais a coisa. E outro, também, era o movimento para a questão de mudança do estado de coisas aqui, que era aquela corrupção administrativa de sempre, é o que condicionava isso.

MC - Então, quer dizer que as reivindicações dos estudantes na época eram mais políticas. Não havia questões internas?

OB - Não, não. Os movimentos dentro da escola, nessa época, eram de caráter político.

MC - Doutor Odilon, o senhor poderia falar um pouco assim do que o senhor lembra da assistência médica nessa época? E como é que ela é tratada dentro da faculdade?

OB - A assistência médica, dentro da faculdade, não existia, não existiu. O que existia, dentro da faculdade, eram aulas. E as aulas práticas são dadas nos hospitais, que eram os hospitais da Santa Casa e São Francisco de Assis. Assim de serviços, nessa época, não existia nenhuma ligação da faculdade com os serviços de Medicina social, não existia nada.

MC - Por exemplo: havia algum tipo de preocupação dos próprios estudantes, ou mesmo dos próprios professores, em relação à saúde pública?

OB - Olha, eu confesso a você que me lembro bem da parte de reivindicações que nos tínhamos, tinha sempre um caráter político. Não me lembro muito dos estudantes nessa reivindicação de parte, não me lembro. Era mais um problema... a reivindicação era política.

MC - Mas, não existiam cadeiras dentro da faculdade, tratando da questão de saúde pública?

OB - Não. Existia cadeira de Medicina Legal. Era a única cadeira.

MC - Medicina legal?

OB - É, Medicina legal, que existe até hoje. Mas, a Medicina legal não cuida muito dessa parte de Medicina social, é mais para problemas de crimes, de autópsias, e de coisas. Mas, não existia nenhuma cadeira de estudo social dentro da faculdade.

LO - O estudante de Medicina tinha algum tipo de visão acerca da Previdência Social e da assistência médica, dentro da Previdência Social? Havia alguma opinião corrente, algum tipo de reivindicação?

OB - Olha, como eu digo: quando eu estava na faculdade, não existia isso. Isso praticamente começou em 1933, eu saí em 1932. De maneira que eu não me lembro dessa parte, não.

LO - Não, mas tinha um sistema de caixa já montado e organizado?

OB - Ah, mas isso era muito pequeno. Esse era um sistema muito pequeno, quase que nem se sabia disso. Umas caixas de ferroviários, serviços muito pequenos, Caixa da Light também, eram coisas muito pequenas. Eu nunca vi comentário nenhum, dentro da escola, sobre isso. E a preocupação grande do estudante naquela época era sair da escola e pegar um serviço de enfermagem, ou no São Francisco, ou na Santa Casa, um serviço para trabalho técnico. Era a grande preocupação, ou então o sujeito conseguir assistência com um bom cirurgião, ou com um bom ginecologista, ser assistente. Isso que era a reivindicação da época. Depois é que veio surgindo, isso é anterior, sou mais velho (ri), não é da minha época.

MC - Doutor Odilon, a Casa de Saúde Pedro Ernesto era chamada, durante uma época no final da década de [19]20, por "centro da revolução".

OB - E foi mesmo. Era o centro da conspiração revolucionária no Brasil. Desde 1924 até 1930, era tudo feito, as ligações todas, inclusive a Revolução de 1930. Por exemplo, essa revolução que eu falei do...

LO - 1936.

OB - 1926. O negócio todo organizado na casa de saúde.

MC - No terceiro R.I, ou da...*

OB - Não. Mas é do RI de 1926, não é em 1935. E a conspiração toda da Revolução de 1930, os homens que faziam ligação de Minas com o Rio Grande do Sul, era o Virgílio Melo Franco e meu pai. Foram as grandes ligações, e saía tudo lá da conspiração da casa de Pedro Ernesto, saía tudo de lá.

MS - O senhor poderia contar alguns fatos assim que envolviam esse movimento, na casa de saúde? Reunião de tenentistas...

OB - Ah! Teve vários, iam escondidos. Tinha gente escondida lá dentro que era um horror. Por exemplo, o gerente, o camarada da casa naquela época era administrador. O administrador da casa era um rapaz chamado Francisco Sousa, que era um antigo... da Coluna Prestes, que estava lá na casa de saúde escondido.

LO - Francisco de Sousa, que era da Coluna Prestes?

OB - Foi da Coluna Prestes, era o chefe da equipe, aquilo não chamava equipe, eles davam um nome do Siqueira Campos. Ele veio trabalhar na casa de saúde com a recomendação do Prestes e do João Alberto. Estava lá escondido. O Estilaque Leal, o que foi Ministro da Guerra, esteve escondido na Casa de Saúde Pedro Ernesto três meses. Filinto Müller, o salafrário do Filinto, esteve escondido na Casa de Saúde. O Chevalier, o Costa Leite, todo esse pessoal.

LO - Parece que o Pedro Ernesto operou a mulher do Filinto Müller, não é isso?

* Regimento de Infantaria.

OB - É. Tanto que eles chamavam, na época, eles chamavam papai de mãe dos tenentes. Era o... é.

MC - Agora, particularmente em 1930, como é que se deu essa grande conspiração, como o senhor diz? O senhor diz que era o centro da conspiração, como é que...

OB - Ah, sim. Aí era porque a ligação. Olha, esse negócio, se a gente começar a falar isso não acaba mais. Vamos fazer o seguinte: vocês não querem ir lá em casa de noite? Na minha casa à noite. Porque a gente, é um negócio que vai do... Em casa eu tenho certos documentos, que eu posso mostrar a vocês. Porque isso é uma coisa que vai pelas horas adentro.

MC - Bom, diz o que o senhor se lembra de memória, o que interessa é a memória do senhor, não é?

OB - Sim, mas por exemplo.

NM - A gente não vai recusar o convite também não, não é ?

LO - Claro!

OB - Eu acho que o convite para vocês era melhor, porque aí pode ser uma coisa, isso é um negócio muito extenso mesmo.

MC - Mas doutor Odilon, o senhor parece um conhecedor assim aprofundado de conspiração, e o senhor nunca, não seguiu essa carreira política do seu pai?

OB - Não, eu sempre me meti em política. Mas sempre tive uma política, não era política de ser deputado, era uma política, por exemplo, sou até hoje ligado ao PCB.

MC - Até hoje?

OB - Até hoje. Não é o PC do B não, o PCB (risos). De maneiras que sempre fui, mas nunca quis sair da parte profissional, não. Agora, realmente eu conheço bem essa história toda da revolução, isso é uma coisa muito longa, se vocês quiserem o negócio. Agora, se vocês tiverem curiosidade também, é interessante vocês verem os arquivos da Fundação, porque não só tem o arquivo de papai, que é muito completo, tem o arquivo do Oswaldo Cordeiro de Faria. Se eu não me engano tem arquivo do João Alberto, que é um negócio interessante.

MC - Quais eram as ligações assim do Prestes com o Pedro Ernesto, nessa época antes da Revolução de 1930?

OB - Eles tinham ligações sempre por emissários, não é? Porque o Prestes estava em 1924, depois emigrou e ficou na Argentina. E eles tinham sempre emissários que iam. Agora, quando chegou em 1930, o Prestes não topou a Revolução de 1930. Foi quando ele se desligou, e aí houve um afastamento.

LO - Eu tenho uma pergunta para o senhor, doutor Pedro Ernesto, me desculpa, doutor Odilon Batista. Com relação à entrada no Instituto, quer dizer, o que levou o senhor ao IAPM?*

OB - Ah! Foi a necessidade de trabalho. Quando houve a fundação, meu pai era governador e era presidente do Instituto Napoleão Alencastro Guimarães. Ele conhecia o Napoleão e pediu para ele me nomear. Eu fui nomeado, não foi por concurso, porque naquela época era nomeação.

LO - O senhor encontrou algum tipo de resistência, tendo em vista que o Napoleão Alencastro Guimarães era uma pessoa estranha ao meio dos políticos, e foi, em certa medida, combatido pelos marítimos. O senhor percebeu...

OB - Naquela época... O movimento dos marítimos começou em 1934. Aí já eu tenho a impressão de que já tinha saído o Napoleão e era o Luiz Aranha. Foi quando houve aquela primeira grande greve dos marítimos. Aliás foi uma greve para valer mesmo, que parou todos os portos no Brasil e no estrangeiro, parou tudo.

MC - Nós fizemos uma entrevista com um marítimo, um ex-marítimo, senhor Zélio Coutinho. E ele na entrevista falou que o Pedro Ernesto, na época, apoiou a greve dos marítimos.

OB - Apoiou, é. Papai era muito ligado a dois líderes da classe, que eram o Eduardo Ribeiro e o Pergentino. Esse Pergentino era um... foi marinheiro, tinha um prestígio tremendo na classe. E o Eduardo Ribeiro, depois foi presidente do instituto. Quando papai foi preso, o Eduardo também foi preso, em 1936. Agora, a greve foi em 1934 ?

LO - Agora, o senhor lembra se houve alguma resistência ao seu trabalho lá dentro, nesse início, ou o senhor começou a trabalhar e...

OB - Não, pelo contrário, sempre tive uma grande facilidade de ter o trabalho, meu serviço de cirurgia cresceu muito lá dentro, e sempre tive, fui muito prestigiado lá dentro do Instituto, na classe marítima.

MC - A que o senhor atribui essa...

OB - Deixei bons amigos lá.

MC - A que o senhor atribui essa importância da ciência médica dentro do Instituto dos Marítimos?

OB - Agora, eu perdi a chefia em 1964, aí eu perdi, tiraram a minha chefia, e logo depois eu me aposentei.

LO - O senhor era chefe desde [19]30 e pouco?

OB - Eu era chefe desde 1933.

* IAPM - Instituto de Aposentadoria e Pensões dos Marítimos.

LO - Repetindo a pergunta do Marcos, a que o senhor atribui essa importância da assistência médica dentro do Instituto dos Marítimos? Por que para os marítimos era tão importante a questão da assistência médica?

OB - Porque era um atendimento muito bem feito, na época. Aqui no Rio de Janeiro o atendimento era realmente muito bem feito. Nós começamos na Casa de Saúde Pedro Ernesto, depois lá ficou pequeno, nós fomos para o Hospital Gaffrée Guinle, no Hospital Gaffrée Guinle nós tivemos alguns anos lá. E o serviço médico era realmente muito bem feito. A parte de atendimento em nível de cirurgia, ginecologia e clínica médica, era tudo feito no Gaffrée. E depois com o Eduardo Ribeiro nós compramos o hospital onde hoje é o marítimo, era uma casa de saúde, que foi comprada. Durante alguns anos funcionou no prédio antigo, depois foi construído esse hospital atual lá, que é um hospital que hoje, apesar da confusão toda, está existindo nessa parte de INAMPS e tudo, ainda é um dos hospitais mais bem organizados do Rio, é o da Rua Leopoldo. Sendo que o CTI de lá é considerado o melhor CTI do Rio de Janeiro.

NM - Quais eram os tipos de doenças que apareciam no IAPM?

OB - Ah, todo tipo. Era cirurgia geral, o atendimento da família, ginecologia todo tipo, não havia, como é que se diz, especialidades. Qualquer tipo de tratamento, era apenas os tratamentos de doenças mentais que não se fazia no hospital. E eu acho que aí eles tinham convênio com a Colônia de Engenho de Dentro e algumas casas particulares, isso eu não sei bem. Mas, para cirurgia geral, ginecologia, obstetrícia, pediatria e clínica médica, tinha tudo.

NM - Entre 1931 e 1935 o seu pai foi prefeito, interventor, e de 1935 a 1936 o seu pai foi eleito...

OB - Governador.

NM - Pois é. E o seu governo foi caracterizado, basicamente, por uma reforma administrativa, e por uma reforma de assistência médica. Qual o impacto disto?

OB - De assistência médica, foi caracterizado de assistência médica e assistência de educação. Papai teve, na minha opinião, um secretário que era o maior educador que o Brasil já teve, o Anísio Teixeira. Sendo que nesse período (não foi só no período dele governador, não), de 1931 a 1936 foram construídos no Rio de Janeiro 28 escolas, escolas construídas e muito bem organizada a Escola Normal, tudo isso com o Anísio. Foi feito também um conselho de educação, foi a primeira vez. E ele era um sujeito excepcional, o Anísio Teixeira; era um homem para ser Ministro da Educação e, no entanto, saiu daqui fugido, perseguido. Era um dos homens mais perseguidos pelo integralismo.

MC - Até que ele foi demitido pelo Pedro Ernesto, não é?

OB - Papai teve que dar demissão a ele mas, logo depois ele foi preso também, eu tenho a impressão que depois de Anísio Teixeira nunca houve nenhum plano educacional no Brasil igual ao dele, ou tão bem feito quanto o dele. Tanto que até hoje não conseguiram destruir muita coisa que o Anísio deixou.

NM - E do ponto de vista da assistência médica ele caracterizou-se pela criação de postos, subpostos e hospitais. E até hoje...

OB - E foram feitos de acordo, estudados de acordo com a densidade da população. Sendo que você vê o Hospital Pedro Ernesto, lá em Vila Isabel, foi localizado ali porque aquilo é o maior centro populacional do Rio de Janeiro. Você vê: foi o Miguel Couto aqui na zona sul; foi em Marechal Hermes; foi a Penha. Tudo isso foi do tempo de papai. O Hospital Jesus para crianças; o Campo Grande. Ah, outra coisa importante é que, naquela época, se o sujeito sofresse um acidente na Ilha do Governador e na Ilha de Paquetá, não tinha nada. O sujeito tinha que esperar a barca para ser trazido para o Rio de Janeiro, para ser atendido no pronto socorro do Rio de Janeiro. Foi o papai que organizou; no plano dele que foi organizado, lá na Ilha do Governador e em Paquetá, centros que existem até hoje; não existia nada disso. Na época em que ele assumiu o governo, existia o atual pronto socorro, que eles dão um nome, qual é o nome do atual pronto socorro? Tem um nome próprio. Tinha o Dispensário da Penha, e ali no Lido tinha um ambulatório, ali atrás no Lido. Não tinha mais nada. Era o que tinha de serviço de urgência, no Rio de Janeiro. Souza Aguiar! Era o Souza Aguiar, que era muito menor do que é hoje. Existia o Souza Aguiar, Méier e o Lido.

MC - É interessante ver a distribuição geográfica dos hospitais, não é?

OB - É por densidade de população, naquele tempo era feito.

MC - Na zona sul, por exemplo, só tinha o Miguel Couto. Todos os outros...

OB - Só tinha, não, foi criado por ele. Não tinha.

MC - Então, não tinha, foi criado na zona sul.

OB - Foi criado o Miguel Couto, que hoje já está pequeno, já está precisando mais.

NM - Mas, quando ele criou subpostos, na região oeste, Sepetiba, aquela região, criticava-se dizendo que ali não existia uma população capaz de merecer um posto, um...

OB - E depois foi crescendo e viu que deu tudo certo, que havia necessidade.

NM - Em 1935 o Pedro Ernesto criou uma Secretaria Geral de Saúde e Assistência, composta de quatro diretorias, e uma delas recebia o nome de Assistência Social e Previdenciária. Qual a importância que Pedro Ernesto atribuía à assistência previdenciária?

OB - Eu não trabalhei com ele nesse setor, não é? Eu nunca fui da Prefeitura, não trabalhei com ele nesse setor. Mas ele era um homem que se interessava muito por toda essa parte social, pelo programa dele você vê, pela parte do programa de assistência, de abrir escolas em morro e fazer posto em zonas pobres, tudo. Quer dizer, tinha um sentido social muito grande nisso.

MC - O senhor foi chefe do Serviço de Assistência Médica dos Empregados Municipais, não foi?

OB - Não. Eu fui assistente do Mario Melo, não fui chefe.

MC - Não foi chefe não.

OB - Não. Eu era assistente do Mario Melo.

LO - O senhor falou que teve grandes amigos no IAPM. O senhor podia citar algum?

OB - Posso. O Eduardo Ribeiro foi um; o outro que foi presidente de lá e procurando na memória.

MC - Homero Mesquita?

OB - Homero Mesquita, esse era muito meu amigo; Brandão, eu não sei o primeiro nome dele, chamavam Brandão Cabeleira, não sei. Pergentino, Pergentino; tudo isso é gente do meu tempo.

NM - Entrou com o senhor na década de 1930?

OB - É, eles eram líderes da classe, líderes da classe marítima. E o Homero foi presidente do Instituto, e o Eduardo. Essa turma toda acabou em cana.

NM - O seu pai era um líder popular?

OB - Era.

NM - Querido pelo conjunto da população. E como é que Getúlio Vargas via o seu pai?

OB - É um negócio, como é que ele via é um negócio difícil. Eu sei o seguinte: que ele, inclusive, devia ao meu pai a vida da mulher dele e do filho.

NM - Qual é a história da perna da dona Darcy Vargas?

OB - Por isso que eu digo: é bom a gente, porque tenho que sair agora. Eu vou sair, terça feira a gente conta isso, e entra noite adentro, está bom?

Data: 15/07/1986

Fita 2 – Lado A (continuação)

NM - Falávamos sobre a relação entre Pedro Ernesto e Getúlio Vargas. Como se explica um homem como Getúlio Vargas conviver com um líder como Pedro Ernesto?

OB - Eles se conheceram na Revolução, papai não conhecia o Getúlio, depois da chegada do Getúlio aqui, em 1930, é que teve o primeiro contato pessoal com ele. Agora, meu pai foi um dos chefes da conspiração da Revolução de 1930. E logo que ele voltou, ele tomou parte como chefe do Serviço Médico das Forças Mineiras, que ele foi para lá e veio como

chefe das Forças de Saúde, do Serviço de Saúde. E quando chegou aqui no Rio, ele com o prestígio que tinha no meio dos revolucionários, dos tenentes, foi convidado por Getúlio para ser diretor da Assistência Hospitalar no Brasil, foi o primeiro cargo que ele ocupou. Aí que começou o relacionamento dele com o Getúlio. E eu acho, tenho a impressão de que ele não chegou a um ano como diretor da Assistência Hospitalar, quando foi convidado para ser interventor, com a saída do Adolfo Bergamini. E aí começou o contato dele grande, com o Getúlio. E teve também não só contato político, mas contato de amizade familiar, quando houve o acidente com a Dona Darcy. Eu não me lembro a data, quando foi. Tenho a impressão que foi em princípios de 1932, ou em 1931. Isso eu não me lembro bem. Vocês querem que eu fale sobre o acidente? O relato verdadeiro é o seguinte: Ela, o acidente vocês sabem como foi. Foi na Rio-Petrópolis, e quando eles estavam quase chegando lá no alto da serra, despencou uma pedra no carro, e feriu gravemente a Dona Darcy na perna, e o oficial de gabinete que ia ao lado dela, morreu. Morreu na hora, morreu esmagado. Ela teve uma fratura exposta da perna, e foi levada para Petrópolis, não foi trazida aqui para o Rio de Janeiro. E ficaram tomando conta do caso, aquele cirurgião Castro Araújo, o Jesuíno de Albuquerque, e um general médico, espera aí que eu já me lembro. Com 48 horas do acidente, a Dona Darcy apresentou uma placa de gangrena na perna. E o Castro Araújo, que era quem estava tomando conta do caso, fez imediata indicação de amputação da perna. Foi aquele corre-corre lá no palácio, e o Getúlio virou-se e disse: "Não, eu gostaria de ouvir a opinião do Pedro Ernesto, porque é um cirurgião de confiança e de fama." Foi quando papai subiu para Petrópolis. Quando chegou era um domingo. Quando ele chegou lá em Petrópolis, o palácio estava cheio: todo o ministério e os amigos do Getúlio, todos lá, e houve a conferência. Papai examinou a dona Darcy, e discordou da orientação do Castro Araújo, dizendo: "Olha, eu discordo porque é uma placa de gangrena seca, e há uma grande diferença entre a gangrena gasosa e a gangrena seca. A gangrena gasosa é muito mais maligna."

Fita 2 - Lado B

Tem evolução muito mais lenta." Então, meu pai virou-se e disse: "Olha, eu discordo da orientação, porque esta placa não tem 24 horas de aparecimento, e não foi tentado nenhum tratamento clínico, de maneira que eu acho que se deve sugerir que se faça um tratamento clínico." Naquela época não existia antibióticos nem sulfa. E ele indicou para se fazer um tratamento que se chamava, não sei o que Abreu. Florêncio de Abreu era o nome do General Florêncio de Abreu. Mas, não havia antibiótico, não havia sulfa, todos esses anti-infecciosos. E papai sugeriu que se fizesse o que na época se usava era um equipamento de Alex Carreul, que era um conta-gotas pingando na região da ferida, uma solução recentemente preparada de líquido Idraquem. E o Getúlio aceitou a opinião dele. E foi feito isso, e a perna foi salva, não foi amputada. Quer dizer: quem resolveu o problema da perna dela foi meu pai.

NM - Mas, existe uma história de que um político tentou questionar o seu pai.

OB - Ah! Existe. Onde é que você viu isso? (risos) É, foi o Oswaldo Aranha. É, isso foi interessante! Quando papai saiu do gabinete onde estava a conferência, o Oswaldo que inclusive era muito amigo dele, mas era um sujeito muito expansivo, muito extrovertido, vira-se para o velho Pedro, e diz assim: "Oh, Pedro você já imaginou a responsabilidade que está assumindo?" Papai virou-se e disse assim: "Olha, eu vou responder a você, porque sou seu amigo, porque senão lhe mandava era para outro lugar. Porque o que está acontecendo é que vocês todos aqui, todo mundo aqui está olhando para a perna da mulher

do Presidente da República, e eu estou olhando para a perna de um doente; essa é a diferença." De maneira que daí, naturalmente que a amizade, a relação com o Getúlio, ficou mais fortificada. E depois desse acidente da dona Darcy, também teve um acidente com o Lutero. Ele foi numa noite de ano bom, em frente ao antigo Cassino Beira Mar, o carro dele capotou. Ele teve uma fratura de crânio e foi tratado por meu pai, na Casa de Saúde Pedro Ernesto.

LO - O senhor lembra mais ou menos em que época?

OB - Foi logo depois. Eu agora faço só uma pequena confusão nisso: eu não sei se o acidente da dona Darcy foi antes, ou se foi o acidente do Lutero. Mas, foi por esse início de 1931, 1932.

NM - Dr. Odilon, nesse período seu pai assumia como interventor, e era considerado um homem de um carisma profundo, de grande ligações com um conjunto da sociedade carioca.

OB - É verdade. Tinha uma clínica muito grande.

NM - Uma clínica bastante grande. E ele tinha uma característica que o diferia de alguns outros políticos. Ele tinha apoio tanto dos setores ...

OB - Conservadores.

NM - Conservadores, quanto dos setores ligados ao trabalhismo. Como é que o senhor explica essa liderança dele, e essa base social que ele possuía?

OB - Eu acho que pela posição profissional dele que, aliás, conversando com vocês outro dia eu disse no início da vida dele, logo como estudante, ele teve aquele problema do contato com o povo na vacina, no movimento da vacina obrigatória. Aquilo já o condicionou a um sentido de problema muito intenso, eu tenho a impressão que daí, a formação dele, um estudante pobre, e já tendo tomado posição também naquele movimento lá na Bahia, dos estudantes na Bahia, e naquela época houve um movimento político muito grande, que era para candidatura do Rui Barbosa. Tudo isso eu tenho a impressão que a formação dele vem dessa época. E o prestígio dele no meio do povo aqui do Rio, nessa parte do pessoal das classes mais pobres, veio porque o início dele foi na clínica. Ele fez uma clínica muito grande ali no centro da cidade - era ali o bairro pobre. Naquela Farmácia Castor, onde ele dava consulta, nos primeiros anos da vida profissional dele. Fazia fila, às vezes fila até dez horas da noite, pessoal para ser atendido por ele. De maneira que isso deu a ele uma formação popular muito grande.

NM - O senhor é médico, filho de um outro médico. Como é que ele e o senhor discutiam a questão da relação médico-paciente?

OB - Como é que eu discutia? Eu acho que discutir é principalmente uma parte profissional técnica, não é, principalmente essa. Agora, eu sempre senti nele essa tendência que ele tinha para resolver os problemas de sentido social, eu sempre senti nele isso. Muito antes dele entrar para política, inclusive, já na Casa de Saúde Pedro Ernesto, ele tinha dois leitos para os artistas, tinha um leito lá também para uma associação de cegos. Ele tinha sempre, quer dizer, sempre no sentido de política social, de proteção ao

trabalhador. A casa de saúde tinha contrato com... como é que eles conseguiram eu não sei, tinha um contrato até com a Sul América, os socorros, do seguro do acidente do trabalho eram feitos na Casa de Saúde Pedro Ernesto, da Sul América.

LO - O senhor lembra de alguma coisa com relação à posição de Pedro Ernesto, com referência à Previdência Social?

OB - A Previdência Social foi criada em 1932, 1933, não é? Quando começou o aumento, a criação dos institutos, eu sempre notei nele uma grande simpatia, ele era muito ligado, principalmente ao Instituto dos Marítimos, justamente onde eu fui trabalhar. Ele tinha uma quantidade muito grande de amigos nesse setor. E ele era um partidário da Previdência Social, sempre viu com grande simpatia isso, quando o governo de Getúlio criou.

LO - O senhor acredita que o governo de Getúlio, em alguma medida, atende a alguma proposta do Pedro Ernesto? Que o dr. Pedro Ernesto tenha, de alguma maneira, influenciado na política previdenciária do governo getulista?

OB - Eu só me lembro... não, assim da influência grande na greve dos marítimos. Aí é que ele foi chamado quase como mediador.

LO - Greve dos marítimos, que o senhor fala, de 1953?

OB - Não, de 1934. Em 1953 ele já estava morto. É 1934, que aliás foi uma greve que parou tudo que foi navio, em todos os portos do Brasil e do exterior.

NM - E ele serviu de...

OB - Ele serviu de mediador.

NM - O senhor lembra alguma coisa, como foi isso, teria como relatar?

OB - Eu me lembro por contatos que ele tinha com os líderes principais dos marítimos daquela época que eram o Eduardo Ribeiro, Pergentino, um que chamava Brandão Cabeleira, que eu não sei como era o outro nome dele. Eram os líderes da época, desse movimento. Foi criada até uma associação ali na Saúde. Eu não frequento. Você nunca viu, vocês que estudam a saúde, tinha uma associação lá. É que papai inclusive era da diretoria, muito ligado aos marítimos.

NM - Nesse período o seu pai era interventor, e o senhor começava a sua carreira de médico no IAPM.

OB - No IAPM, e fui também do Ministério da Educação e também trabalhava na clínica particular dele, na Casa de Saúde Pedro Ernesto. O primeiro lugar que eu ocupei, fui nomeado, foi para médico da assistência de psicopatas, lá em Jacarepaguá.

NM - Cirurgião dos psicopatas.

OB - Fui cirurgião lá. Depois fui para os marítimos, o IAPM. Fiquei com os dois cargos, tinha os dois cargos.

NM - O seu pai, nessa oportunidade, havia criado um partido político.

LO - Partido Autonomista.

NM - Partido Autonomista do Distrito Federal.

OB - Eu tenho... Olha, eu não posso afirmar a você, mas eu tenho a impressão de que a criação do Partido Autonomista foi depois de 1932. E aí eu já estava nomeado. Quer dizer: não foi nessa época, foi posterior.

NM - O senhor participava desse partido?

OB - Não. Eu participei do Clube Três de Outubro. Do Clube Três de Outubro eu participei.

NM - Qual é o peso que o senhor atribui ao Clube Três de Outubro na vida política do Brasil naquele tempo?

OB - Ah, naquele momento tinha um peso enorme. A ponto, eu tenho a impressão que tirando Minas, o Estado de Minas Gerais, eu acho que o Estado de Minas Gerais, e o Rio Grande do Sul, que era o Flores da Cunha. Eu tenho a impressão que todos os interventores foram praticamente indicados pelo Clube Três de Outubro, todos aqueles tenentes.

NM - É correto falar-se que o seu pai foi um tenente civil?

OB - É, chamavam-no "A Mãe dos Tenentes", era o apelido dele, "A Mãe dos Tenentes".

LO - Doutor Odilon, eu queria voltar à greve dos marítimos. Eu queria saber quais eram as propostas dos marítimos, quais eram as reivindicações dos marítimos na época, se o senhor lembra disso? E qual foi a atuação, mais especificamente, do dr. Pedro Ernesto?

OB - A reivindicação principal era salarial, era problema salarial. Essa era a grande reivindicação da época. Ele serviu como mediador com essas ligações que ele tinha com esses líderes que eu mencionei. Ele depois serviu como mediador da greve. Eu tenho a impressão que foi conseguido, algumas reivindicações foram aceitas. Eu não me lembro com muito detalhe, porque eu estava trabalhando num outro setor. Mas tenho a impressão que uma grande maioria das reivindicações foram aceitas.

LO - O senhor acredita que o instituto, IAPM, tenha sido fruto de reivindicações de marítimos, ou da própria força de organização do movimento dos marítimos?

OB - Não, ali foram criados quase todos na mesma época. Você vê: eu acho que só existiam as Caixas, anteriores à criação dos institutos. Existiam as Caixas de Ferroviários; Caixa dos funcionários da Light. Mas essas outras, esse marítimos, bancários, comerciários, quais eram os outros? Isso tudo foi criado na mesma época. Isso foi criado lá pela orientação do Ministério do Trabalho.

NM - Em 1935 ocorreu a chamada Intentona Comunista, e qual foi o papel do seu pai nessa intentona? Aliás, em primeiro lugar, o senhor participou desse movimento?

OB - Não. Eu participei, eu era membro da Aliança Nacional Libertadora, e participei do movimento da Aliança. Agora, não participei do movimento, que o movimento foi um levante militar. Estávamos todos nós esperando o que ia sair daquilo ali. A interferência de meu pai aí é a seguinte: em 1933 começou o crescimento do fascismo aqui no Brasil, que era o Partido Integralista. E meu pai tomou sempre uma posição declarada contra o integralismo. Ele foi o primeiro homem público no Brasil que falou abertamente, publicamente, contra o integralismo, até numa sessão no Sindicato dos Choferes, aqui no Rio. E aquilo ali era um movimento antifascista, que começou, foi crescendo, e o resto vocês sabem como aconteceu. Agora, posição direta no movimento ele não teve.

NM - Como era a relação dele com Prestes, nesse movimento?

OB - A relação dele com Prestes era toda sem conhecimento pessoal. Eles nunca se encontraram. Eles tinham contato no tempo da Coluna, até contatos por carta e por emissários. Mas, contato pessoal ele nunca teve. E quando ele estava aqui, se eu não me engano, já tem depoimento nesse sentido. Quando estava aquela fase de agitação que o Prestes chegou aqui no Brasil, que houve aquela célebre reunião do Estado Brasil, que foi declarado Prestes como chefe da Aliança Libertadora. Isso foi apresentado pelo Carlos Lacerda, foi o homem que apresentou o Prestes. Nesse período, depois que foi fechada a aliança, de que a situação estava se agravando, houve uma tentativa de oficiais, alguns oficiais tentaram fazer um encontro de meu pai com Prestes. O Prestes estava aqui mas estava, como é que se diz o termo?

NM - Clandestino?

OB - Ele estava clandestino, tinha chegado aqui mas, ninguém sabia. Eles chegaram a marcar encontro, mas não se encontraram, não chegaram a se encontrar.

NM - Como é que o senhor caracteriza o movimento de 1935 da ANL?

OB - Acima de tudo um movimento antifascista, um movimento com uma tendência para fazer até uma frente popular. Você vê que, na Europa, o surgimento do nazismo foi nessa época, que vai surgindo Hitler e o Duce. Eu acho que aquilo foi uma reação, uma reação no Brasil, porque começou a aparecer Partido Integralista, um partido dos Camisas Pardas do Chico de Campos e tudo. E o movimento da aliança, acho que foi justamente uma reação contra isso. Pegando uma gama grande de intelectuais antifascistas e outros comunistas mesmo.

NM - Era um movimento de classe média?

OB - Tinha classe média. Era um movimento de classe média e classe operária.

LO - Havia participação dos médicos, especificamente, como categoria?

OB - Havia. O Sindicato dos Médicos deu uma porção de gente na época. O Campos da Paz, Manuel Venâncio Campos da Paz, era o Guilherme de Figueiredo, o Flávio Poppe, e quem mais? Odilon Batista (ri). Muita gente, muita gente na época, muito médico. Reginaldo Fernandes, todos tomaram parte ativa no movimento da aliança.

NM - Havia um projeto médico?

OB - Não, da aliança não. Não havia nada, porque não havia ainda possibilidade de tomada do poder. O movimento não estava nesse sentido, quando a aliança foi fechada. Era um movimento político mesmo.

LO - Tentando repetir ou recolocar uma questão, que eu trouxe aqui hoje, em que ponto o senhor acha que existe contato entre a política de saúde adotada pelo Pedro Ernesto e os institutos, e a Previdência Social, quer dizer, por que o Pedro Ernesto não fala, na administração dele, por exemplo, não se coloca nada com relação à Previdência Social?

OB - Porque a Previdência Social estava muito jovem nessa época, estava muito no início, e ele, Pedro Ernesto, estava preocupado com os problemas do estado, inclusive com problemas de saúde do estado e problemas de educação. E ele não teve muito contato com essa parte da Previdência, essa parte ele via com grande simpatia, mas não tinha nenhum contato.

NM - Quais eram os grandes problemas da saúde, da área de saúde nesse momento, no Rio de Janeiro?

OB - Ah, os problemas eram, por exemplo o Rio de Janeiro, quando papai assumiu a direção da Prefeitura como interventor, existia no serviço de pronto socorro o atual hospital, como é, aquele lá em frente ao Campo de Santana?

NM - O Sousa Aguiar?

OB - Sousa Aguiar. Existia o Dispensário do Méier, e existia o ambulatório no Lido, que não era para internamento, era só para ambulatório. E foi aí quando papai assumiu a Prefeitura e resolveu. Ele nomeou uma comissão de médicos para estudar o problema da assistência hospitalar do estado. E foi quando eles planejaram, foram os planos principais. Os autores desse plano foram Alberto Borguete, o Canário; o Gastão Guimarães, um irmão do Odair de Figueiredo, que eu não me lembro o nome. Planificaram isso e o plano foi muito bem feito, porque foi feito de acordo com a densidade de população. Os hospitais que foram planejados, foram todos, você vê, aqui na zona sul eles botaram o Miguel Couto e o Rocha Faria* que é aquele ali perto do Botafogo Futebol, e na cidade já tinha o Sousa Aguiar.

LO - Rocha Maia.

OB - Rocha Maia é pequeno, é um dispensário pequeno. Já existia o Sousa Aguiar; eles fizeram o Marechal Hermes; a Penha que é o Getúlio Vargas, e o Hospital maior, que é o atual Hospital Pedro Ernesto. Esse foi planejado porque ali naquela zona de Vila Isabel é que havia maior concentração urbana. Depois foi feito o Campo Grande também, o Campo Grande. Todos esses, e não existia nada disso, foi criado no governo Pedro Ernesto. E tem o hospital na Ilha do Governador e outro na Ilha de Paqueta.

LO - Por que o hospital era tão importante, quer dizer, o que significava isso?

OB - Porque não havia, meu filho! Não havia atendimento para população. O indivíduo sofria um acidente na Ilha do Governador, que naquela época não tinha ponte. O sujeito

* O entrevistado confunde o nome do hospital que, na realidade, é o Rocha Maia.

tinha que esperar um barco, para ser trazido, para ser atendido no Sousa Aguiar. Você sofria um acidente em Campo Grande, tinha que vir para o Sousa Aguiar, porque o Dispensário do Méier não tinha leitos, era só para ambulatório. Não existia, era coisa mínima.

LO - O senhor acredita que esses hospitais tenham resolvido, ainda que parcialmente, o problema de super, oferta de mão de obra médica, que existia naquele momento?

OB - Na época aliviou muito, muito. Na época resolveu muito. Depois é que a cidade foi crescendo de uma maneira bárbara.

LO - Mas havia, efetivamente, naquela época, uma super oferta de mão-de-obra, quer dizer, havia muitos médicos formados sem espaço para exercer a Medicina?

OB - Teve, tinha, e foram nomeados muitos.

NM - E a que o senhor atribui a existência dessa vasta quantidade de mão-de-obra médica?

OB - Naquela época, já tinham no Rio de Janeiro três faculdades de Medicina. Olha, a minha turma de 1932, que saiu em 1932, tinha quase 500 médicos, na turma de 1932. Para você ver a quantidade de médicos que já tinham aí, que vinha dos estados, porque naquela época só existia faculdade de Medicina na Bahia e aqui no Rio, e depois veio São Paulo. De maneira que no Rio de Janeiro ele não teve dificuldade de nomear médicos, não, para esses hospitais todos. E nessa época o serviço funcionava com bastante eficiência.

NM - Nesse momento nós podemos falar que se cria uma proletarização do médico. Existia uma, digamos assim, uma crise da Medicina liberal, naquele momento, e filantrópica.

OB - Como hoje não, muito menor. Porque hoje, inclusive, a quantidade de escolas de Medicina que tem, por exemplo, no estado do Rio de Janeiro, eu nem sei o número em escola fora aqui do Rio, tem Vassouras, Teresópolis, Petrópolis, todo lugar tem escola de Medicina. Há uma proletarização da classe médica, e depois o problema é delicado, porque o indivíduo se forma e não fica com vontade de ir para o interior, porque realmente o indivíduo faz uma Medicina, tem vontade de fazer uma Medicina científica, para ele não é convidativo ir para o interior. De maneira que no próprio estado do Rio deve ter cidades aí com uma percentagem mínima de médicos, fica tudo aqui.

NM - O senhor formou-se e foi trabalhar no centro cirúrgico do IAPM. Como era o centro cirúrgico do hospital?

OB - Naquela época não existia o hospital do IAPM. Nós fizemos um contrato com o Gaffrée Guinle. E tínhamos lá, praticamente, um andar do Gaffrée Guinle, com um número de leitos bastante razoável para época. E o atendimento era muito eficiente e não havia essa procura brutal que se tem hoje. Porque o problema principal, eu acho que é o do crescimento da cidade também, porque vem tudo para periferia, aqui no Brasil. Nessa época e depois que saiu do Gaffrée Guinle, o atendimento foi lá para Barão de Mesquita, que era um hospital antigo, uma antiga casa de saúde que foi vendida ao IAPM, e foi bem

aproveitada para o serviço do IAPM. Aqui no Rio ela resolvia, porque o atendimento do IAPM não era... O sujeito também tinha atendimento nos estados; existiam hospitais nos estados. Em Recife, em São Salvador. E o atendimento aqui do Rio era muito bem feito, na época.

NM - Quais eram os casos mais comuns de doença entre os marítimos?

OB - Nós atendíamos de tudo. Mas, tem a parte também de casos mais comuns de doenças. Era um negócio... é difícil de identificar, porque...

LO - O senhor quer ver uma coisa? Uma vez eu fiz essa pergunta para outra pessoa. Ela me disse: "Ah, os marítimos têm muito problemas gástricos, porque viajavam muito".

OB - Viajavam é.

LO - Identifica esse tipo de...

OB - Têm. Têm problemas gástricos por causa da alimentação. Alimentação de bordo, e havia muito problema de úlcera de duodeno, úlcera de estômago, colite. Existia muito, mas era atendido tudo quanto era tipo, inclusive a família deles também era atendida. E até a década de [19]50, o atendimento era muito bom, sabe? Mas depois foi havendo... Hoje nos ambulatórios de INPS e tudo, é coisa de assustar de gente.

NM - Por que a qualidade do atendimento decaiu? Só pela quantidade de pacientes?

OB - Não. Eu sempre tive uma impressão, apesar de não ser um técnico em matéria hospitalar, sou um técnico em cirurgia, e sempre tive uma certa aversão por essa parte burocrática. Eu não gostava e tal.

LO - O senhor espera um pouquinho, que nós vamos trocar a fita, e o senhor responde por quê.

Fita 3 – Lado A

OB - Eu nunca tive nenhuma simpatia por esse sistema de unificação que fez o INPS. Eu achava, aliás já falei isso com vocês outro dia, que o atendimento quando era feito por institutos, por classes, era muito mais eficiente. Sempre tive essa impressão, por exemplo, quando eram bancários, marítimos, comerciários. Inclusive dava ao associado conhecimento do instituto, do serviço médico do instituto dele. Ele já ia procurar os médicos, eles já ficavam conhecidos dos médicos. Para os próprios associados era muito melhor. O médico já... O associado marítimo já conhecia toda a equipe médica do Instituto.

LO - Como é que era isso?

OB - Isso hoje é uma mistura completa. Você hoje não tem mais, o sujeito vai onde tem vaga. Eu não vejo com simpatia isso.

LO - Como é que era esse atendimento, que o senhor está falando, no hospital, por exemplo, no Hospital do Andaraí, onde o senhor foi chefe do centro cirúrgico durante muitos anos?

OB - Existiu um ambulatório dos marítimos na cidade onde era... na Venezuela. Esse ambulatório é que fazia a triagem dos casos de internamento. Agora, no meu tempo do hospital não existia ambulatório no hospital da Venezuela. Hoje não, hoje parece que também tem ambulatório no hospital lá dos marítimos.

LO - O senhor acha que isso representou uma melhora?

OB - Eu não. Eu acho que o outro era a parte de organização hospitalar, da parte da organização do hospital, o ambulatório traz sempre muito mais confusão. O ambulatório separado, como era na Venezuela, e aí fazia a triagem.

LO - O senhor pode descrever para gente como é que se dividia o Hospital do Andaraí, como é que eram as enfermarias? O senhor tem uma lembrança?

OB - Tenho. Era dividido por clínicas, não é? Tinha o hospital, acho que tem doze andares, tenho a impressão disso.

LO - Desde então?

OB - Desde então.

NM - Desde... o senhor entra em 1933? Não...

OB - Não, não. O Hospital do Andaraí é depois de 1940, 1940 e poucos. Porque antes era no Gaffrée que nós atendíamos. Depois teve um hospital pequeno, foi comprado o Hospital do Andaraí, onde era a casa de saúde, uma casa de saúde com um nome de santo aí. E depois é que foi projetado o atual hospital, que também tem crescido. Mas, inicialmente, até foi muito criticado dizendo que ele era grande demais. Na época em que ele foi inaugurado, Napoleão Alencastro Guimarães era Ministro do Trabalho e houve uma crítica muito grande, dizendo que o hospital era grande demais. Ele hoje está superlotado.

LO - O senhor acredita que isso era uma crítica válida, quer dizer, efetivamente existe esse hospital grande demais, ou existiu?

OB - Não, eu acho que foi projetado justamente com a perspectiva bastante favorável do que ia acontecer, e a prova é que em menos de quatro ou cinco anos ele estava lotado.

LO - De marítimos, de familiares de marítimos?

OB - De marítimos e só de familiares de marítimos. Naquela época eram só marítimos.

NM - Como os marítimos e os seus familiares se relacionavam com os médicos, com o corpo de saúde do hospital?

OB - Ah, isso eu já falei, muito bem. Eu conheço também muitos médicos dos Bancários, e tudo é a mesma coisa. Os médicos, as clínicas, ficavam muito mais conhecidos. O sujeito às vezes vinha da Bahia, de São Salvador, de Recife, porque queria se operar aqui no serviço dos marítimos com o doutor fulano de tal. Era muito mais, era muito mais eficiente. Outra coisa que tinha naquela época, e que hoje não tem, por exemplo, são as clínicas. O indivíduo ficava, era operado, e a equipe que operava o doente - tinha quem ficasse tomando conta dele. Atualmente o movimento é tal que o sujeito fica com o médico que está no dia de plantão. Quer dizer, às vezes o sujeito opera o doente, não o vê mais. O sujeito diz: "Mas é que a cidade cresceu". Cresceu mas, naquela época, o serviço era muito mais eficiente.

LO - E quais eram os profissionais que participavam desse atendimento a que o senhor está se referindo? Quem participava? Era médico, operador. Como é que se...

OB - Ah, eram especialistas, todos eram especialistas em cirurgia, era a cirurgia geral. Tinha cirurgia ginecológica, tinha o serviço de Ginecologia, que era cirurgia ginecológica, tinha o serviço de Cirurgia Neurológica, Neurocirurgia, Obstetrícia, tinha tudo.

NM - Além dos médicos, quem mais convivia na atividade, no trabalho?

OB - As enfermeiras, não é, o serviço de enfermagem.

LO - Enfermeiras formadas?

OB - Formadas, formadas! E as chefes todas, a grande maioria diplomada na Escola Anna Nery, era o Instituto dos Marítimos.

LO - Eram boas as enfermeiras?

OB - Grandes enfermeiras!

LO - O senhor se lembra de alguma?

OB - Me lembro. Me lembro de uma, que até era irmã de um sujeito que eu acho uma figura terrível. Era irmã do Amaral Neto, mas ela era uma grande enfermeira. Grande enfermeira diplomada pela Anna Nery, uma mulher formidável.

LO - Assistente social, o senhor chegou a acompanhar a entrada da assistência social?

OB - Cheguei, foi do meu tempo ainda. Também era bastante eficiente a assistência social. Agora, o que eu acho é que o volume, o crescimento, isso eu acho que é um fenômeno nacional, porque o Rio de Janeiro e São Paulo são duas cidades que ficaram abarrotadas, não é, abarrotadas! Você vê em tudo. Essa rua que eu moro, por exemplo, quando vim morar aqui isso aqui era casa. Hoje tem quatro filas de automóvel aqui, você não entra nem na calçada. Nem na calçada! Quer dizer, o fenômeno no Brasil é tudo vir para periferia, e o resultado nesse serviço hospitalar hoje você nota pelo volume de serviço, uma coisa brutal! Não sei se você já teve oportunidade de entrar, já foram visitar esses hospitais durante a manhã de serviço. É uma coisa incrível!

LO - O senhor acredita que o principal problema é o número de pessoas, é o excesso populacional?

OB - Eu acredito que é o fundamental. Eu acho que é o fundamental. Isso condiciona uma série, aí começa a demolição quase. Começa a não funcionar direito. Começa a não funcionar! Agora, pessoalmente tenho uma impressão muito desfavorável dessa unidade do INAMPS para o serviço médico. Pode ser que lá na parte burocrática deles, de pagamento, como é que se diz, que eles chamam...

LO - Convênios?

OB - Convênios, não, esse pagamento de funcionários, a parte de salários, de...

LO - Aposentadorias.

OB - Aposentadorias. Pode ser que isso funcione melhor, pode ser que nessa parte seja melhor. Agora, na parte médica, não.

NM - E no tempo dos antigos IAPs, do ponto de vista salarial, o médico, a enfermeira, o assistente social, ganhavam condizentemente para manter um estilo de vida, um padrão de vida bom?

OB - Ganhavam. Na época não era nada de excepcional. Mas ganhavam.

LO - Era um bom salário?

OB - Era um bom salário.

LO - Mesmo das enfermeiras?

OB - Das enfermeiras, era um bom salário. Você vê que quase não havia muita reivindicação nesse sentido nessa época.

LO - Qual era exatamente o papel da assistente social, quer dizer, quais eram os limites entre a enfermeira e a assistente social?

OB - A assistente social era para o indivíduo que estava lá no hospital, o indivíduo que estava hospitalizado tinha, às vezes, necessidade de ver negócio de pensão, de situação de família e tudo. E elas é que orientavam isso. Eles recorriam a elas. Elas faziam esse serviço. Era da maior importância. Às vezes o indivíduo que ficava hospitalizado 30, 40 dias, precisava, a assistência social era às vezes para ver, também, a parte de documentação deles. O indivíduo marítimo deixou a documentação dele no norte. Tudo isso eram elas que faziam. Essa parte é muito importante.

LO - Em algum momento a assistente social chegou a suprir o papel de uma enfermeira? Eu pergunto isso por que parece que isso ocorre hoje em dia, uma confusão entre os papéis da assistente social e da enfermeira. A assistente social substituindo a enfermeira. O senhor acha que isso ocorreu?

OB - Não, não, não me lembro disso, não. A assistente social não entrava na parte de tratamento, porque outra parte de tratamento é toda feita por papeletas, papeletas com as ordens médicas, assinada pelo médico que está vendo, que é o dono do caso, e as enfermeiras fazem a papeleta delas. Mas, a parte social não entra nisso, não, nessa parte técnica.

NM - Nós estamos fazendo perguntas sobre os IAPs. Mas, vamos voltar um pouco à sua vida. O que aconteceu na sua vida depois do afastamento do seu pai da Prefeitura?

OB - Bom, aconteceu o seguinte: eu já falei isso com vocês, que eu fui demitido do serviço público. Quando eu voltei da Europa, do exílio, porque eu ainda fui preso.

LO - O senhor estava nos Estados Unidos?

OB - Eu estava nos Estados Unidos, mas quando papai foi preso, fui trabalhar na França. Eu trabalhei na França, na Salpêtrière, no Hospital Salpêtrière, trabalhei lá no serviço do Professor Goffet. Quando fui anistiado, que vim para o Brasil, eu estava sem emprego nenhum, porque eu tinha sido demitido dos dois empregos. E aí eu procurei alguém que se dava muito bem com o meu pai. Eu cheguei, e logo depois fui preso, estive 45 dias preso.

NM - Quando foi isso?

OB - Foi em 1937, quando estavam arrumando o...

INTERRUPÇÃO DA GRAVAÇÃO

OB - Eu adiantei um pouco. Quando voltei da Europa, que estava demitido de todos os serviços, aí fui preso no dia 12 de outubro de 1937, no mesmo dia em que meu pai foi preso em São Paulo. Aí fiquei 45 dias preso. Depois fui solto, não me incomodaram mais. Isso foi em 1937. No princípio de 1938, como eu estava numa situação econômica difícil, estava sem emprego, eu procurei, em nome do meu pai, o Luiz Aranha, com quem ele se dava muito bem. Luiz Aranha, Oswaldo, que era no momento o Presidente do Instituto dos Marítimos. E como eu tinha sido absolvido pelo Tribunal de Segurança Nacional, e com a boa vontade que ele tinha, com a amizade que ele tinha com papai, fui reintegrado lá. E aí eu voltei para o serviço. Para o Ministério da Educação eu não fui reintegrado de novo, não voltei. Voltei só para os marítimos. E aí comecei a minha vida profissional lá, voltei novamente para o serviço de cirurgia, e o Castro Araújo, que era o cirurgião chefe na época, foi para direção médica, e eu já fiquei como chefe de cirurgia desde essa época.

NM - Como é que foi a sua vida?

OB - Agora, isso que vou lhe dizer: eu fiz uma carreira boa lá, o meu serviço era muito bom, não tenho vaidade em falar nisso, era um serviço bastante eficiente. Em 1943, um ano depois que meu pai morreu, eu consegui uma bolsa de estudos para os Estados Unidos, para o *Memorial Hospital* de Nova Iorque, para fazer um curso de cirurgia de câncer, e fiquei um (TI) trabalhando lá, e quando voltei reassumi o meu serviço nos Marítimos. Isso é que eu inclusive, na época, fui licenciado. Era presidente do instituto nessa época o Homero Mesquita, que gostava muito de mim, e eu fui licenciado para fazer

essa bolsa recebendo os ordenados daqui do Instituto. Fora a bolsa que eu tinha, eu recebia o ordenado dos marítimos.

NM - Era muito comum a viagem de brasileiros ao exterior?

OB - Naquela época era, havia muito, havia um escritório aqui chamado escritório do *Winter American*. Era época do Roosevelt, os Estados Unidos eram outra coisa, havia um intercâmbio grande, e bolsas relativamente boas. Eu fiquei lá um ano trabalhando, e com essa vantagem do instituto ainda conservar o meu lugar. Quando eu voltei eu assumi, e ainda me pagavam.

NM - Quais eram os critérios que o instituto tinha para fornecimento dessas bolsas para funcionários viajarem para o exterior?

OB - Não, essa bolsa não era do instituto. Essa bolsa eu consegui por intermédio da *Winter American*. Eu consegui, particularmente, por prestígio meu; eu falei lá, apresentei os trabalhos.

LO - Doutor Odilon, tenta explicar para gente, como é que o instituto continua a pagar o senhor enquanto o senhor está viajando?

OB - Para isso é preciso uma concessão especial. Naquela época havia vantagem também para o Instituto de ter um técnico, um chefe que fosse fazer um curso de especialização. Havia uma vantagem nisso, isso é um negócio, para a instituição é uma vantagem. Eu não sei se atualmente eles fazem isso. Mas comigo fizeram. E era Presidente do Instituto o Homero Mesquita. Foi quem fez a concessão.

NM - Durante o Estado Novo o senhor desenvolveu algum tipo de militância?

OB - Não, eu sempre fui, mesmo nessa época, sempre fui ligado ao pessoal de esquerda. Mas, essa época foi de muito pouco movimento aqui, político. Era quase tudo clandestino.

NM - E as sociedades pela paz?

OB - Eu fiz parte delas. Inclusive eu sou membro do Conselho Mundial da Paz. Eu tomei parte no congresso em Moscou, em 1962. Até hoje recebo uma correspondência enorme lá da Finlândia. Eles mandam aquilo, aliás com uma regularidade fora do comum. Você conhece as revistas deles, não?

NM - Não, não conheço.

OB - Ah, eu vou buscar para mostrar para vocês. É uma coisa interessante, eles mandam regularmente, mensalmente. Eu sou também, faço parte do Congresso Internacional de Câncer. E a primeira vez que eu tomei parte foi em 1954 aqui no Brasil. E de quatro em quatro anos eles fazem num determinado país. Eu em 1954 tomei parte, e 1958 tomei parte apresentando um trabalho sobre câncer de rim em criança. Um trabalho em colaboração com o (TI) e o Bica, José Bica. Nós não fomos ao congresso por problemas econômicos, mas apresentamos trabalho em 1958, em 1962 foi na União Soviética. E eu na época fui um dos cancerologistas designados. Éramos dez os cancerologistas, chefiados pelo Antônio Prudente. E um deles fui eu, nomeado pelo governo, do governo

Jango Goulart. Eu fui nomeado e eles fazem esses congressos lá na Europa, geralmente, todos no mês de agosto, que é o mês do calor e tal. E acontece que o congresso de câncer era um mês antes do Congresso da Paz, lá. Um mês não, uma semana antes. E eu, como sabia do negócio do Congresso da Paz, que saí daqui já recomendado lá para o Congresso da Paz. E tomei parte também no Congresso da Paz em 1962. E é de lá que eu fiquei membro do congresso.

LO - O senhor no congresso do câncer, representava o IAPM ou representava...

OB - Não. Representava o serviço de câncer, chefiado pelo Prudente, do serviço do Instituto de câncer. Não foi pelo IAPM. Nessa ocasião também o IAPM me deu licença para ir.

LO - Doutor Odilon, voltando à questão do atendimento no IAPM. Eu vou criar aqui uma situação que, possivelmente, pode ter ocorrido, um doente num estado de crise, que não possa passar pelo ambulatório do centro da cidade, ele podia ir direto ao hospital?

OB - Podia. Podia e a única coisa que geralmente pediam - mas, se o indivíduo estivesse numa situação ultra grave ficaria de qualquer maneira - era a documentação dele. Mas era atendido lá. Era atendido.

LO - E se não tivesse a documentação?

OB - Se tivesse num caso grave era atendido. Aliás, isso era uma norma nos hospitais, aqui no Rio, era uma norma. Não era só nos Marítimos, não. O sujeito chega lá, o sujeito morrendo, o sujeito tem que ser atendido.

LO - Como era, por quem ele era recebido, quer dizer, quem recebia esse paciente no momento em que ele chegava ao hospital?

OB - Ah, o serviço de plantão, os plantonistas, porque sempre tinha um serviço de plantão, médico de plantão que atendia. E tem sempre uma equipe cirúrgica de plantão, sempre teve.

LO - O senhor lembra de alguma reclamação corrente sobre o funcionamento do hospital, dos hospitais nos quais o senhor trabalhou enquanto chefe do centro cirúrgico no IAPI? Quais as reclamações mais correntes, o senhor lembra assim da imprensa, ou mesmo reclamações de usuários do serviço?

OB - Você sabe que o problema de atendimento médico, toda vez quando o sujeito morre, quando é um caso fatal, geralmente vem reclamação. Isso é uma coisa muito comum. Mas, reclamação existe sempre, sempre. Agora, eu me lembro que naquela época o atendimento do serviço dos marítimos, até 1964, era um atendimento muito bom, muito bom mesmo. Não só na parte cirúrgica, como na parte de clínica médica também.

LO - O senhor não lembra de nenhuma reclamação?

OB - Não. Reclamação me lembro do sujeito chegar e dizer que a cama está suja, que a cama tem percevejo. Isso não tem hospital que não tenha. Isso é normal, existe sempre

reclamação. Existem sempre elementos da família, principalmente quando o doente não está passando bem, que apresentam reclamações. Isso é normal.

LO - E iam até o senhor reclamar muitas vezes?

OB - Não, a mim não, porque eu não tinha nenhuma parte de direção. Eu só tinha parte na direção de cirurgia, só o serviço cirúrgico. Eu não tinha nenhuma parte com a direção do hospital.

LO - Existia alguém a quem se pudesse reclamar?

OB - Existia o diretor do hospital, o diretor e eles davam até um nome, não é gerente não, tem o administrador. Existia o administrador do hospital, o diretor e administrador.

NM - As reclamações dos marítimos eram ouvidas?

OB - Eu acho que sim, acho que sim. Iam sempre verificar se havia razão ou não para essa reclamação.

NM - Durante a Segunda Guerra Mundial os marítimos, como é que eles viveram essa expectativa da guerra em mar?

OB - Você sabe que foi muito marítimo socorrido pelo Brasil inteiro, daqueles afundamentos de navios, e foram socorridos pelos serviços de Pernambuco, serviços de São Salvador, mesmo os daqui. Veio muito marítimo desses navios bombardeados e tudo. Veio muita gente assim. E doentes, e muitos doentes também.

NM - E o comportamento deles, a expectativa, a tensão?

OB - Olha, eu me lembro, a minha lembrança dos marítimos nesta fase, até 1964, é de que os marítimos tinham uma grande amizade ao hospital, ao serviço médico deles. Tinham não só amizade, como tinham até um certo orgulho. Quando havia qualquer festa, ou qualquer manifestação, eles compareciam, compareciam ao sindicato, e havia um relacionamento muito bom, muito bom mesmo. E eu tenho a impressão de que em alguns outros institutos também. Só não posso afirmar, porque não trabalhei neles mas as informações que eu tive são de que também o serviço de bancários era outro serviço muito apreciado pelos associados.

LO - O senhor lembra de ter atendido, ou de ter algum caso de algum sobrevivente dos navios da Segunda Guerra Mundial?

OB - Lembro-me de doentes, na época, que voltaram até, uma vez operei, à noite, um doente que veio com infecção tífica e com uma rotura de intestino por tifo, que vinha de um navio que estava fazendo a costa aí, no tempo da guerra. Me lembro de casos assim.

LO - O senhor acredita que tenha aumentado o número de atendimentos, significativamente, nos hospitais dos marítimos, em decorrência da guerra, da conjuntura de guerra?

OB - Não, não eu para isso, o movimento não foi tão grande assim, por causa da guerra, não. Agora, o movimento da progressão do atendimento no serviço dos Marítimos foi sempre ascendente, sempre ascendente, foi sempre aumentando. A prova disso é que o hospital, você lembra que o hospital foi inaugurado sofrendo as maiores críticas, pelo exagero do tamanho dele. E que no fim de quatro, cinco anos, estava superlotado. Por aí você vê o crescimento do hospital, do serviço, muito crescimento e favorável.

LO - Com relação à família dos marítimos, quer dizer, o senhor lembra se havia um comportamento padrão dessa família, uma doença mais ou menos padrão? Quer dizer, o que o senhor tem a falar do atendimento médico da família do marítimo no seu hospital?

OB - Era um atendimento de parte ginecológica, de parte clínica; é um atendimento, não tem nada de especial da classe, nada, um atendimento. Agora, o que acontecia muitas vezes com os marítimos é o seguinte: o indivíduo, às vezes, vinha ser operado longe da sua residência, isso acontecia muito. Por exemplo, o indivíduo tinha uma crise de hérnia, era operado aqui no Rio. Uma hérnia, e o sujeito não morava aqui, o sujeito morava em Recife, morava em Belém, morava em São Salvador. Aí ficava sentindo falta da família e tudo. Mas isso era muito comum, muito comum. O serviço dos Marítimos tinha essa diferença do atendimento dos outros institutos; tinha gente que vinha de fora, dos outros estados, para ser operado aqui. Às vezes era operado de urgência. Coisa que não existia, por exemplo, com o bancário que era operado aqui. Era o bancário que morava no Rio de Janeiro, não era o bancário que morava fora. Agora, o marítimo não, às vezes eles vinham no navio e ficavam doentes aqui no porto, ou então perto do Rio de Janeiro, e vinham ser atendidos aqui. Era um atendimento diferente dos outros institutos.

LO - O senhor acredita que isso criava dificuldades à recuperação do marítimo?

OB - A parte psicológica, creio que sim, porque o sujeito sente falta da sua família quando está longe. Mas só nisso. No resto, na parte técnica, não.

LO - E o Instituto pagava a transferência desses marítimos, à medida em que eles melhoravam, existia esse tipo de procedimento?

OB - Ah, mandava! O indivíduo ia, e inclusive recebia quando estava hospitalizado. Ele nunca deixava de receber os seus vencimentos, nunca. E depois ele era removido para sua residência, se não era no Rio. Isso tudo era bem feito. Eu acredito que hoje eu não sei como é feito isso, porque pega um sujeito que é marítimo, manda operar, não há mais hospital de marítimos, não há mais hospital de bancários. Hoje é tudo INPS. Não sei como é que está esse atendimento assim. Um sujeito que vem de fora que...

Fita 3 - Lado B

LO - E quanto ao papel do médico, a interferência do médico na administração do hospital? As opiniões dos médicos eram consideradas em termos de administração do hospital?

OB - No meu tempo era. Inclusive tinha, e até hoje tenho a impressão que há sempre uma procura de um atendimento com a classe. Eu tenho a impressão disso, mas no Hospital dos Marítimos, até quando eu fui chefe, até 1964, todas as resoluções, todos os presidentes e diretores médicos, quando queriam fazer qualquer modificação no hospital, reuniam o

corpo clínico para discutir, para resolver. E muitas vezes nós reclamávamos, e inclusive ainda peguei greves.

LO - Greve?

OB - Greve. Em 1953 houve uma primeira greve dos médicos, aqui no Rio de Janeiro.

NM - Em 1953 o senhor era presidente da Associação Médica do Distrito Federal, quando houve essa...

OB - Houve a greve.

NM - Como é que se deu? Qual era o objetivo dessa greve?

OB - Era o aumento salarial. Era a tal letra "O"* . Nunca ouviu falar? A letra "O" de 1950? Era a tal letra "O" que nós queríamos, e acabamos conseguindo. Houve duas greves, naquela época.

NM - É, em 1953...

OB - Também houve uma outra. Eu aí era vice-presidente da...

NM - Qual era o motivo?

OB - O mesmo, o mesmo motivo. O motivo é que em 1953, quando houve a primeira greve, os médicos municipais... O governador era o Vital, João Carlos Vital. Os médicos municipais conseguiram a letra "O", e os médicos federais não conseguiram. Então, o movimento continuou, e houve a segunda greve. E tu vê que só depois é que veio a letra "O" para os federais. Os médicos municipais conseguiram muito antes. E nessa época o grande elemento foi a Associação Médica do Distrito Federal, a AMDF na época.

NM - Como é que foi preparada essa greve?

OB - Eu era o presidente dela aqui no Rio.

NM - Foi preparada em abril, eu acho, de 1953. Ela foi preparada lentamente, inclusive foi no Brasil inteiro. A greve não foi só aqui no Rio, não, foi no Brasil inteiro.

NM - O conjunto da categoria como um todo participou?

OB - Todas as associações médicas participaram, sendo que umas eram mais eficientes, mais revolucionárias do que outras.

NM - Em 1953 nós temos a greve dos médicos, a demissão do Segadas Vianna, o Primeiro Congresso de Previdência Social e, temos também a greve dos trezentos mil em São Paulo. Como o senhor via essa conjuntura?

* Letra "O" - Os funcionários públicos eram classificados por letras e os médicos estavam numa letra bem abaixo da letra "O" que, em relação ao salário, correspondia a um aumento razoável.

OB - Havia um elemento político também nisso, havia um elemento político nisso. As forças políticas de esquerda estavam metidas também nisso, é evidente. Tanto que existiam associações que foram muito classificadas pelo governo como associações comunistas. Era a daqui do Rio de Janeiro e a do Ceará, a de Fortaleza, todas as duas foram. Inclusive na associação nós tivemos gente presa e tudo.

LO - Foram justamente classificadas, o senhor acha?

OB - Hein?

LO - Foram justamente classificadas?

OB - Existia de tudo lá dentro, existia. Nunca nós fizemos seleção lá. Inclusive existia até no próprio conselho da associação, existia até integralista lá dentro, mas a direção de esquerda. A daqui do Rio era, a de São Paulo teve uma época, e a do Ceará, Fortaleza.

LO - O senhor podia falar um pouco dessa relação entre o Partido Comunista e as associações médicas, principalmente aqui no Rio de Janeiro.

OB - Aqui no Rio de Janeiro quase sempre a direção da associação esteve na mão de elementos de esquerda, desde a fundação dela, desde a fundação. E não só de esquerda, como comunistas declarados, sempre esteve na direção da associação médica do Distrito Federal, e na do Ceará também. São Paulo também tinha gente de esquerda lá dentro. Mas a associação que tinha mais elementos comunistas era a do Distrito Federal.

LO - Mas havia uma proposta dos comunistas?

OB - Não, a proposta não tinha sentido revolucionário de tomada de poder, nem nada disso. O problema era salarial. Agora, a verdade é o seguinte: quando chega nessas horas de luta, o pessoal de esquerda é que luta mesmo, porque os outros não querem nada.

NM - Não querem nada como?

OB - Isso foi muito comentado até. Quando iniciamos o movimento aqui no Rio, o movimento abrangeu quase toda a classe médica do Rio de Janeiro. Então nós fazíamos reuniões enormes na ABI, nós fizemos no Clube Ginástico Português, fizemos reuniões até no *Diários Associados*, naquele anfiteatro que eles tinham lá. Ia gente que era um horror quando foi dada a letra "O" para os médicos do Distrito Federal, da Prefeitura, dada pelo João Carlos Vital. A maioria desses médicos que estava na luta, que estava comparecendo às reuniões e tudo, desapareceu depois, só os elementos de esquerda é que ficaram lutando. Isso é muito comum em quase tudo que é movimento. Vocês já devem saber disso, vocês sentem isso. Quando chega na hora que o sujeito conseguiu a reivindicação, ele desaparece. Isso na classe médica; na classe operária, não, mas na classe médica isso é muito comum. Eu me lembro que nós fizemos uma... Naquela época nós só tínhamos dois jornais aqui que eram favoráveis ao movimento dos médicos. Era *Última Hora*, que era dirigida pelo Samuel Wainer, e o *Diário de Notícias* - os dois únicos jornais com que nós contávamos no Rio de Janeiro. Porque os outros jornais, todos "baixavam o pau" no movimento médico, principalmente o senhor Carlos Lacerda, esse então foi... A *Tribuna da Imprensa* era uma coisa horrorosa, a campanha que eles faziam contra.

NM - A população apoiou o movimento?

OB - No primeiro movimento houve uma certa simpatia pela população, houve uma certa simpatia. Mas o que eu estava falando? Eu me perdi um pouco...

LO - Carlos Lacerda e o movimento dos médicos, não érea?

OB - Ah, nós contávamos só com dois jornais. E para fazer qualquer publicação, ou para a gente mandar elementos para São Paulo, para Minas, para falar com o pessoal da associação de lá, precisava dinheiro para isso. Você sabe que quando saiu a letra "O" dos médicos, houve uma reunião na Associação Médica, e nós queríamos que houvesse uma contribuição para continuação. Você sabe que a turma que já tinha recebido a letra "O" desapareceu, foi uma dificuldade. E os que ficaram lá aguentando a mão, foi toda a turma de esquerda. E se o movimento continuou e tudo, foi por causa disso. Quer dizer, é o que tem espírito de luta mesmo, não é?

NM - Em 1953 ocorreu também aqui no Rio de Janeiro o Congresso da Previdência Social. O senhor participou desse congresso?

OB - Não, não.

NM - O senhor teve alguma notícia desse congresso?

OB - Não. Eu me lembro, mas eu não participei dele, não. Eu, nessa época, em 1953, estava na presidência da Associação Médica, e o movimento lá não deixava eu tomar parte em outras coisas, e não era mesmo do meu setor.

LO - Como o senhor interpreta a participação do Partido Comunista dentro do Instituto dos Marítimos, dentro do IAPM, na administração do IAPM, na orientação das políticas, e dos bancários também?

OB - A participação que eu me lembro na direção, teve um presidente que era declaradamente comunista, que era o Homero Mesquita. E tinham também alguns conselheiros do Instituto mas na presidência, o único que era ligado ao Partido Comunista era o Homero Mesquita, que aliás foi um grande presidente.

LO - Sei. E o senhor tem alguma avaliação desse tipo de participação, quer dizer, foi positiva? Que políticas eram defendidas pelo Partido Comunista?

OB - Sempre a política da melhoria do Instituto, sempre no sentido da melhora do serviço médico, dos atendimentos lá na parte social deles. A tendência era sempre para melhorar. E ele foi um grande presidente, o Homero. Outro presidente muito bom também, que era um homem de esquerda mas não era do Partido Comunista, foi o Eduardo Ribeiro, também muito bom. Em compensação, tivemos um que era uma desgraça, que continua ainda falando aí. É o Armando Falcão, (risos) esse era...

LO - Mas, por que era uma desgraça?

OB - Porque esse sujeito é o que há de ruim.

LO - Mas, o que ele fez no IAPM, que o senhor tenha...

OB - É o tal negócio, eu não posso afirmar, mas tenho a impressão de que ele deve ter se defendido a valer, na construção do hospital.

LO - No seu posto, quer dizer, como cirurgião-chefe, o senhor encontrou alguma mudança para melhor, ou para pior, nas diferentes administrações que o senhor citou? O senhor Homero Mesquita, senhor Armando Falcão, houve alguma diferença para o senhor, em termos de trabalho, no dia-a-dia?

OB - Na do Armando Falcão eu notei diferença de trabalho. Botou muita gente nova, gente sem concurso. E eu também sou um pouco suspeito para falar isso, porque tenho uma... é o tal negócio, é quase uma opinião sectária. Tenho horror a esse sujeito. De maneira que a minha opinião não é muito válida nisso.

LO - E por que o Homero Mesquita foi tão bom?

OB - O Homero Mesquita, porque o Homero Mesquita tinha um prestígio muito grande na classe: ele foi presidente do Sindicato dos Marítimos, e ele era muito apoiado pela classe, tinha um prestígio muito grande dentro da classe. Não só o Homero, tem o Santana também. Nilton Santana também foi outro presidente que tinha um apoio. Porque o Instituto dos Marítimos, desde a sua fundação, tirando no início, teve dois presidentes que não eram da classe. O primeiro foi o Napoleão Alencastro Guimarães, e o segundo foi o Luiz Aranha. Mas, depois era sempre escolhido na classe marítima. Foi um instituto que até 1964 todos os seus presidentes eram elementos da classe, desde Luiz Aranha. O Luiz Aranha e o Alencastro eram os dois que não eram marítimos. Os outros todos foram escolhidos dentro da classe.

LO - E a que se deveu isso, na sua interpretação?

OB - Nessa época o Sindicato dos Marítimos tinha um prestígio muito grande. O Sindicato dos Bancários e o Sindicato dos Marítimos eram dois sindicatos muito fortes no Rio de Janeiro, muito. E influenciavam na escolha da presidência do Instituto. Como nos Bancários também eu não conheço com detalhes, mas eu ouvi falar que sempre foi escolhido dentro da classe. Que aliás era uma das coisas que eu achava boa, por que o sindicato que pode orientar, o que são interesses da classe. Sabe quais são as necessidades. Eu tenho a impressão de que é um sistema certo. Se existe um instituto da sua classe, deve ser escolhido pelos elementos de lá, e não ir buscar um Armando Falcão.

NM - Em 1960 foi aprovada a Lei Orgânica da Previdência Social.

OB - Em 1960?

NM - Ela uniformizava todos os benefícios da Previdência Social. Isso teve alguma implicação no IAPM, na assistência médica do IAPM?

OB - Não, não teve implicação, não, continuou o mesmo sistema, não houve modificação, não.

LO - A mesma lei orgânica implantou o sistema de direção colegiada dos institutos, o senhor lembra desse período?

OB - Isso de que período é?

LO - Da década de [19]60.

NM - De 1960 até 1964.

OB - Eu nessa fase estava... foi a fase em que eu me afastei, mas eu tenho a impressão de que lá no Instituto dos Marítimos a direção era o diretor médico que resolvia de acordo com os chefes de serviços.

LO - Sempre foi assim?

OB - Sempre foi assim. Eu me lembro, as reuniões eram sempre nessa base. O diretor médico chamava as chefias de clínica. Em algumas administrações faziam de 15 em 15 dias uma reunião do corpo clínico com a direção do hospital, principalmente com chefes de clínica.

LO - O senhor lembra quais eram as administrações que tiveram esse procedimento? E o senhor acha que esse procedimento era mais correto, em termos de administração?

OB - Ah, sim, acho que sim, acho que todo indivíduo que vai dirigir um hospital, um diretor de hospital deve ter um entendimento, um relacionamento muito grande com os seus chefes de clínica. Acho que isso é fundamental, fundamental. Não só com o seu chefe de clínica médica, como também com seus chefes de enfermagem, e talvez até com os próprios funcionários. Tem que haver um entendimento, um entendimento democrático. Eu acho isso fundamental.

LO - Doutor Odilon, o senhor estava colocando que logo após a inauguração, poucos anos após a inauguração, o Hospital do Andaraí logo ficou superlotado. O senhor acredita que essa superlotação foi responsável por uma diminuição da qualidade do atendimento médico?

OB - Ah, se isso condiciona! Isso sempre condiciona. Uma superlotação do hospital sempre condiciona uma perda do serviço técnico. Isso eu acredito que sim.

LO - E o senhor lembra qual foi o momento de crise maior desse hospital? Enquanto o senhor esteve lá, houve algum momento de crise?

OB - Não. Crise assim às vezes. Crise de você ter... chegada de um doente, não ter onde colocar; tirar, movimentar leito de enfermaria, isso era o habitual. Às vezes não havia vaga, o sujeito tinha que aumentar um leito numa enfermaria, ou dois leitos numa enfermaria.

LO - Dormiam no corredor?

OB - Dormir no corredor eu nunca vi lá, nunca vi.

LO - Dormir no chão?

OB - Também não, também não! No Hospital dos Marítimos não tinha disso não. Aliás, eu tenho a impressão de que até o Hospital do Andaraí é um dos hospitais mais bem dotados aqui no serviço da Previdência.

LO - Falta de medicamentos?

OB - Por exemplo você entra no CTI do Andaraí é o melhor do Rio de Janeiro.

LO - Ainda hoje?

OB - É, é o melhor ainda.

LO - Eu estava perguntando: falta de medicamentos ocorria? Falta de medicamentos?

OB - Olha, no meu tempo não existia isso, não. Sempre estivemos bem servidos lá. No meu tempo de cirurgia não faltava, não.

LO - Na cirurgia em especial?

OB - Na cirurgia.

LO - O senhor daria um depoimento sobre os outros, sobre as enfermarias, o senhor sabe se faltava, por exemplo, medicamentos, se era corrente falta de roupa de cama?

OB - Ultimamente, quando começou a lotar em excesso, às vezes falta roupa de cama, às vezes acontece. Mas medicamentos não, nunca ouvi queixa.

LO - Ultimamente o senhor fala...

OB - Eu saí de lá em 1960 e pouco.

LO - Ah! Quer dizer que o senhor acredita que seja na década de [19]60?

OB - É, desde 1960.

LO - Qual era a medicação padrão utilizada, quer dizer, que tipo de recursos médicos o senhor dispunha na época?

OB - Ah, na época, no meu tempo o que nos necessitávamos, nós pedíamos e recebíamos.

LO - Atualizado?

OB - Atualizado, atualizado. Dos serviços todos, o material de cirurgia todo que nós tínhamos era de primeira ordem, muito bom.

LO - E qual era a expressão desse hospital dentro do Rio de Janeiro? Quer dizer, qual era a importância do Hospital do Andaraí em termos relativos ao Rio de Janeiro? Com relação à cidade do Rio de Janeiro? Um hospital pequeno, grande, de extrema importância?

OB - Não, era um hospital grande. Eram os três hospitais citados no serviço médico daqui: o IPASE, o Bancários e o Marítimos, eram os três considerados padrão na Previdência, muito bons.

LO - O senhor teve oportunidade de falar com o nosso colega, o Marcos, sobre o desenvolvimento de uma tecnologia de biópsia por congelamento, que seria uma tecnologia original desenvolvida no Hospital do Andaraí, no centro cirúrgico?

OB - Ah, isso foi quando eu voltei dos Estados Unidos em 1943, falando, era presidente do Instituto justamente o Ribeiro ou o Homero Mesquita, um dos dois. E eu pedi para fazer o serviço de biópsia de congelação, que não existia no hospital. E foi feito e continuam a fazer até hoje.

LO - O que é isso?

OB - Biópsia de congelação é o seguinte: é a retirada de um material no ato operatório, e por um processo de congelamento o médico vê no microscópio e faz o diagnóstico na hora, com uma causa de erro muito pequena; podendo haver causa de erro, mas uma percentagem mínima. Então, você faz um tumor maligno, você tira e pelo processo antigo você mandava para Anatomia Patológica. Eles iam fazer cortes em parafina, e só lhe davam resultado dois ou três dias depois. A vantagem da congelação é que no ato operatório, já faz o diagnóstico, e já diz o que é, e toma as providências necessárias. Por exemplo: se é um caso, vamos supor, um tumor de mama, você tira o material, dá para o laboratorista, ele examina em dez, 15 minutos e diz: "É um câncer, é um carcinoma e tal." Você aí amputa a mama. Anteriormente, você tinha que fechar e esperar o resultado para três, quatro dias depois, re-operar a doente. Quer dizer, um novo ato operatório, uma perda de tempo, num processo maligno, qualquer perda de tempo é nociva, é nociva.

LO - E esse sistema implantado no hospital é dos...

OB - Hoje não, hoje já está generalizado.

LO - Mas, na época o senhor...

OB - Foi um dos primeiros aqui no Rio. Já existia, sabe onde é que existia? Era no Hospital Miguel Couto com o Bica, que era quem fazia lá, que foi quem eu levei para fazer nos Marítimos, o José Bica.

NM - Todas as enfermarias dispunham dessa tecnologia, dessas tecnologias avançadas?

OB - Sim. Não, naquela época nós procurávamos nos marítimos fazer o tipo de cirurgia avançada, por exemplo, esse exame de congelação, isso é uma coisa que fica na sala de operações, é no serviço de cirurgia, é para atender todas as equipes cirúrgicas, e quando em alguns serviços nós não tínhamos material, nem profissionais, nós tínhamos contrato. No serviço de radioterapia, de cobaltoterapia, por exemplo, nós não tínhamos o serviço, mas tínhamos em compensação contrato com quem melhor fazia isso no Rio de Janeiro,

que era o Cosolano Machado. Para fazer problemas de metabolismo basal que nós não tínhamos, nós tínhamos contrato. Havia contratos também nos serviços que não existiam no hospital.

LO - Contratos para compra de serviços médicos e de clínicas?

OB - Não. Eu operava um doente de câncer, por exemplo, que precisava fazer, depois da operação, uma série de radioterapia, de cobaltoterapia e lá no hospital não tinha. Então, nós mandávamos para o serviço do Cosolano Machado, que tinha um contrato com o instituto.

LO - Mas, era um contrato com esse doutor, ou com a clínica dele?

OB - Com a clínica dele, a clínica dele.

LO - O senhor lembra de algum outro tipo de contrato, além desse serviço de radiologia?

OB - Tinha com a clínica do Costa Júnior para parte de metabolismo basal também, tinha isso.

LO - Eu queria que o senhor me desse uma visão mais ampla dessa inovação tecnológica que o senhor apresenta, já a partir da década de [19]30. O senhor acredita que foi sempre assim, ou seja, os hospitais do IAPM sempre estiveram à frente em termos de inovação tecnológica...

OB - Estiveram, e inclusive tem uma coisa importante que tinha no Hospital nos Marítimos, que é uma coisa que nós não falamos até agora, que era o Centro de Estudos. Isso é da maior importância, o Centro de Estudos do hospital com uma biblioteca e sempre muito bem cuidado.

LO - Como é que funcionava...

OB - Isso aliás, eu tenho a impressão, não posso afirmar, tenho a impressão de que também existiu um centro de estudos no Bancários e no IPASE também. Esses centros de estudos funcionavam com reuniões mensais, com apresentação de trabalhos, e com uma biblioteca lá para atender aos pedidos médicos.

LO - Quem participava dos centros de estudos?

OB - Os médicos do hospital. E muitas vezes eram convidados médicos de fora para fazer conferência, conferência no hospital, médicos de outros serviços, médicos da Santa Casa. Mais de uma vez foi lá o Paulo Niemeyer para fazer conferência, e outros, o Magalhães Gomes, todos convidados para ir lá e o Centro de Estudos é da maior importância no hospital.

LO - Eram temas sempre especificamente médicos?

OB - Só médicos, especificamente médicos. E isso é da maior importância para um hospital, o Centro de Estudos. E eu tenho a impressão que até hoje, eu não posso, não sei,

eu me afastei muito, e lá não sei, mas tenho a impressão de que até hoje funciona o Centro de Estudos dos Marítimos.

LO - Dos Marítimos não, do Hospital do Andaraí?

OB - Do Andaraí, é. É o hábito chamar dos Marítimos. O Hospital do Andaraí.

LO - Eu queria que o senhor falasse ainda um pouco mais dessa organização do Centro de Estudos, quer dizer, como é que funcionava esse centro de estudos do IAPM, quer dizer, quem participava, os nomes das pessoas...

OB - Os médicos, os médicos chefes de serviço, lá todos os colegas têm direito a frequentar o Centro de Estudos e apresentar trabalhos. A grande preocupação do Centro de Estudos é justamente a apresentação de trabalhos, trabalhos originais: o que está se fazendo, o que é discussão de casos, discussão de casos de óbitos do hospital. Por que houve isso, para discutir casos. Isso é da maior importância.

LO - O senhor lembra de alguma contribuição efetiva, que tenha saído de uma reunião dessas no Centro de Estudos?

OB - Ah, sempre! Sempre a pessoa saía, quantas vezes havia até discordância, opiniões diversas, e dessa discussão saía um entendimento, um esclarecimento muito bom para classe, para os médicos. Aliás, isso é um sistema que hoje é levado em todo lugar do mundo. Essa parte da reunião do corpo científico do hospital, isso é da maior importância. Em um hospital que eu trabalhei, por exemplo, lá nos Estados Unidos, no *Memorial Washington*, eles tinham toda primeira quinta-feira do mês. Eles chamavam *Conferencial of End Results*, porque sabe que no hospital de câncer morre gente, que é um horror. Então, é a Conferência dos Casos Fatais, resultados finais. Então, isso era da maior importância você ver. Quantas vezes eu vi lá o sujeito chegar, o médico apresenta um caso, o que foi feito, e o relatório da autópsia vem discordando do que ele fez, quer dizer: isso é da maior importância. Isso hoje todo hospital moderno tem.

LO - Quem trouxe esse tipo de centro de estudos para o Hospital do Andaraí, o senhor lembra? Como foi implantado esse centro de estudos?

OB - Olha, meu filho, o ano disso eu não tenho, mas tenho a impressão que foi no tempo do diretor médico que se chamava Mário Monteiro, Mario Machado Monteiro. Foi ele quem criou o centro de estudos. Não posso afirmar, mas a impressão é essa.

LO - O senhor lembra de algum caso de falha médica que tenha sido discutido nesse centro de estudos?

OB - Sim, isso sempre. Um dos casos de conferência é isso, é quando, às vezes, o sujeito não só falha médica, como discordância do tratamento, do indivíduo não concordar com aquele tipo de tratamento, achar que devia ser feito outro. Isso é a vantagem desse tipo de reunião, isso é da maior importância. Eu acho que isso é uma das coisas fundamentais para qualquer centro hospitalar. Aliás eu tenho a impressão que em São Paulo eles têm isso muito bem feito, lá no Hospital do Coração.

Fita 4 – Lado A

NM - Vamos falar sobre o problema das normas

legais. LO - Então, espera um instantinho. O senhor

chega...

OB - Normas legais, o que é que vocês chamam normas legais?

LO - Eu queria ainda repetir a minha pergunta. O senhor poderia contar algum caso de falha médica, que tenha ocorrido no hospital, e que seja significativo? Alguma vez a discussão da ética médica saiu, extravasou o hospital, foi discutida pela imprensa? Em algum momento se questionou a capacidade técnica do hospital?

OB - Ah, isso se deu diversas vezes, casos que... Toda vez que existe caso de morte, às vezes de acidente, qualquer coisa, os jornais fazem comentários desfavoráveis, isso é muito comum, não tem um hospital que não tenha isso. Eu não me lembro assim com detalhes mas, que tem, tem. Basta dizer que um operado que morre, para já sair problema, não é? Isso deve ter havido, um só não, devem ter tido vários. Mas, assim especificamente não me lembro.

LO - Em algum momento, como médico, o senhor teve que esquecer a lei, quer dizer, em algum momento os procedimentos do hospital se faziam à margem das determinações de normas do Instituto, ou mesmo normas legais maiores?

OB - Não, eu nunca tive esse problema.

LO - O senhor conhecia o regulamento do IAPI?

OB - Conhecia. Comigo, nunca tive nenhum problema desse, não. Não sei se o pessoal da parte de administração tinha. No meu serviço nunca tive problema desse tipo, não.

NM - Por falar em administração, como o senhor via a estrutura administrativa do Hospital do Andaraí e do próprio IAPM?

OB - Como eu via,

como? NM - É, como...

LO - Como ela trabalhava, quer dizer, qual a sua

opinião? NM - Qual a sua opinião?

OB - Como eu estou dizendo a vocês, até a época em que trabalhei lá, até 1964, que eu trabalhei ativamente lá, sempre achei que o atendimento do serviço médico do Instituto dos Marítimos era um atendimento bom, bom. Na parte técnica médica não tínhamos dificuldades, nunca nesses anos todos que eu trabalhei lá, nunca tive de estar reclamando

problemas de fornecimento de material. Sempre tínhamos o material todo necessário, nunca tive reclamações desse tipo, nunca.

NM - Em algum momento sentiu alguma forma de interferência política na administração ou no trabalho dos médicos?

OB - Não, só senti essa interferência em 1964, aí senti. Houve uma interferência que eles perseguiram todos, uma parte grande de médicos lá dentro do instituto. Aí foi que eu notei. Mas, fora disso, não! Anteriormente nunca. É verdade que de vez em quando se via nomeações de caráter político; o sujeito que entrava, sem concurso, isso sempre existiu. Mas, uma interferência direta no serviço médico não tinha. Agora, em 1964, uma série de chefes lá foram removidos do lugar, e com abertura de inquérito e tudo.

LO - O senhor podia contar para a gente como é que foi isso, mais ou menos, quer dizer, quais as suas lembranças desse período?

OB - Foi logo depois da revolução. Lá no hospital fomos chamados vários. Fomos chamados eu, Antônio Soares Brandão, Mário Monteiro, outro que eu não me lembro o nome agora. De vez em quando preciso recorrer à minha mulher para lembrar de nomes.

NM - Osmar Borges da Fonseca.

OB - Osmar Borges da Fonseca. Todos nós fomos demitidos das chefias e tivemos inquérito lá.

LO - O senhor estava contando que foi chamado ao hospital?

OB - Nós fomos chamados lá dentro do hospital, e foi para lá uma comissão de oficiais da Marinha, para fazer o inquérito. Sendo que o meu inquérito (os outros não sei como, se foram processados), foi lá um capitão de mar e guerra, o rapaz tinha idade de ser meu filho e com as perguntas mais imbecis possíveis. Veja bem como o negócio era feito naquela época: se eles quisessem me tachar de comunista, de subversivo, eles tinham uma série de elementos, porque não teve nenhum manifesto aqui no Rio de Janeiro contra a guerra que eu não tivesse assinado, assinei sempre. Tomei parte na Aliança Nacional Libertadora, fui processado em 1935. Teve uma época em que houve um partido que foi lançado aí com Abreu Chermont, com Oscar Niemeyer, comigo. Foi na época também. Tudo que era movimentos anti-guerreiro nós estávamos lá. Eu fui chamado... Mas, nunca interferi dentro do hospital com problemas políticos. Eu fui chamado por esse capitão, e a única coisa grave que ele apresentava contra mim, era ter ido à União Soviética no Congresso Internacional de Câncer. Então, quando eu fui lá, aí comecei, vi que estava lidando com um camarada bem fraco, não é? Eu disse para ele: "Olha aqui, ô comandante! O Congresso Internacional de Câncer é um congresso que se reúne de quatro em quatro anos, num determinado país. Acontece que eu faço parte desse congresso desde 1954, que foi em São Paulo. Depois, 1958 foi em Londres, que eu não fui pessoalmente, mas apresentei trabalho, com o Dr. (TI) e com o José Bica. E acontece que em 1962 foi em Moscou, e eu fui nomeado pelo governo, eu e mais nove cancerologistas, fomos nomeados pelo governo, e até recebemos, na época, uma quantia de 500 dólares para ir".

LO - O senhor recebeu do governo?

OB - Do Governo, do Governo Federal. Fomos dez cientistas ancorados pelo Antônio Prudente de São Paulo, que já morreu, e o Moacir Santos Silva. Eu olhei para ele, e disse assim: "Olha aqui, isto, esse congresso é como campeonato mundial de futebol, que de quatro em quatro anos se reúne num determinado país, e acontece que em 1962 foi em Moscou". Se ele quisesse podia ter me acusado, porque inclusive tomei parte no Congresso da Paz, praver como é que o negócio era feito. Agora, que tem uma parte interessante para vocês verem... E ele disse: "Não! O senhor precisaria ir ao DOPS, para ver a sua ficha lá no DOPS, e coisa." Eu digo: "Mas eu não fui chamado a partir ao DOPS, por que é que eu vou lá?" - "Não, é porque o senhor precisa verificar o que é que existe lá. Eu digo: "Não, mas eu não vou não. Só se for chamado." E ficou naquela. Disse: "Bom, então nós vamos ouvir o senhor novamente a semana que vem." Agora você vai ver a fase interessante dessa história. Eu cheguei em casa e peguei, eu tenho uma... quando vocês estiveram no meu consultório, não sei se viram. Tem na parede um certificado de agradecimento do governo americano por serviços que eu prestei lá no *Memorial Hospital*, e assinado. E com um agradecimento. Então, eu tirei - não levei o original - um xerox autenticado daquilo, ena próxima terça-feira fui. Quando chegou lá, que ele começou a falar, eu virei e disse assim: "Bom, o senhor está me fazendo acusações que eu sou extremista, mas acho estranho porque eu tenho esse documento aqui, e esse documento o senhor vê o que está assinado, por quem está assinado." Estava lá, David Rockefeller e General Chepan, que era do (TI). Sabe que ele me mandou embora e não me interrogou mais! Quer dizer, há mais valor em um certificado assinado pelo David Rockefeller do que a minha informação que não... Isso era o negócio da época.

LO - E o senhor continua a trabalhar então, no hospital?

OB - Mas, afastado do serviço. Eles me tiraram o serviço. Eu fiquei lá encostado.

LO - O que o senhor fazia?

OB - Fazia nada.

LO - Como nada? O senhor não atendia o paciente?

OB - Não. Chegava lá, não tinha nada para fazer, porque eu estava posto de lado. Fiquei posto de lado.

LO - E os marítimos, o senhor não atendia os marítimos?

OB - Atendia raramente. Chegava lá no hospital, estava tudo bloqueado, eu não tinha mais... os meus assistentes já tinham outros chefes, havia outros chefes. E nessa época eu já tinha vinte e tantos, 26 anos de chefia. Foi assim. E outros, outros, o Omar Borges foi preso. Quer dizer, nessa época eu sentia a influência política lá dentro do instituto.

LO - E o senhor acha que foi uma influência negativa?

OB - Claro. Como tudo que veio de 1964, acho negativo. Eu faço uma questão absoluta de frisar isso, como opinião minha.

LO - O senhor acha que caiu a qualidade do atendimento?

OB - Caiu tudo. Nesse país caiu tudo depois de 1964. Não sei o que é que não caiu. É a impressão que eu tenho, a minha impressão pessoal.

NM - Alguns denunciam o período entre 1960 e 1964, como sendo de caos dentro dos antigos IAPs. Esse caos existia ou veio a ocorrer depois de 1964?

OB - Lá nos Marítimos eu senti depois de 1964.

NM - E o que aconteceu na Previdência Social, no IAPM e no Hospital dos Marítimos, entre 1964 até a unificação em 1967?

OB - Teve lá no hospital, eu me lembro que foram designados vários diretores de hospital. Um deles, eu me lembro bem, era um rapaz, um ortopedista, esse foi um bom diretor até. Mas, teve um outro lá péssimo, esse homem morreu até, péssimo. Ligado à polícia, era uma, vivia-se... foi uma época de terror lá dentro; vivia todo mundo assustado dentro do Hospital dos Marítimos. Foi uma época terrível, essa época de 1964 até 1967, 1968 foi que eu vivi lá, depois eu...

LO - E como é que os médicos continuavam a dar atendimento médico?

OB - Continuavam porque eram obrigados a trabalhar, se não trabalhassem botavam a gente para fora. Botavam para fora ou prendiam.

LO - Doutor Odilon, eu queria voltar um pouco no tempo. Eu gostaria de perguntar ao senhor quais eram os principais defeitos que o senhor encontrava? O senhor fala que o atendimento era muito bom. Isso é muito expressivo até, nas suas colocações, mas eu queria que o senhor tentasse lembrar, até para a gente ter uma ideia mais concreta, mais geral do hospital, do funcionamento do hospital, quais eram, na sua análise, os principais defeitos do atendimento médico, realizado no Hospital do Andaraí?

OB - Isso é uma coisa difícil de responder assim, não é fácil, não.

LO - A estrutura administrativa, por exemplo, ela gerava algum tipo de problema? Ela poderia ter sido melhorada?

OB - Olha, aliás eu sempre disse isso a você: essa parte administrativa, essa parte burocrática, eu sou um sujeito que não entendo disso. Eu sempre estive fora dela, inclusive eu fui convidado pelo Eduardo Ribeiro para ser diretor do hospital, e disse a ele: "Olha, eu não aceito, porque seria um macaco em casa de louça."

LO - Quando foi isso, hein?

OB - Isso foi quando, logo que compraram o hospital, que compraram o terreno, e eu fui convidado para ser o diretor do hospital. Não aceitei, porque não gosto dessa parte de administração, tenho horror a isso. É coisa pessoal minha. Eu gosto da parte técnica da Medicina; não gosto... eu até fiz a indicação, na época, e ele disse: - Se você não aceita, você indique alguém para aqui, para ser o diretor do hospital. E eu indiquei o Armando Amaral, que foi diretor de lá durante alguns anos até, foi por indicação minha. Ele ficou uns quatro ou cinco anos diretor do hospital, eu sempre estive fora dessa parte. Agora, o que eu notava é o seguinte: lá o meu serviço sempre funcionou com facilidade de material;

nunca tive dificuldades pelo problema de transfusão de sangue, de remédio que se pedia. Sempre era tudo fornecido com grande facilidade, nunca tive problemas grandes assim.

LO - Fracassos?

OB - Não. Fracasso em Medicina, toda vez que você considera um caso letal; fracasso é fracasso. Isso tem, mas coisas erradas assim... O hospital funcionava quase dentro de uma normalidade muito boa.

NM - Os grandes vultos da Medicina no Rio de Janeiro, eles estavam vinculados à assistência médica dos IAPs?

OB - Estavam. Você tem gente de primeira ordem no IPASE, nos bancários...

NM - Quem eram esses grandes médicos?

OB - Ora, você tem uma quantidade enorme disso. Se você for identificar, tem; quase todo médico era do serviço da Previdência.

LO - O doutor José Bica, o senhor podia falar um pouquinho dele, dizer melhor quem é?

OB - Ele já morreu há algum tempo, o Bica. O Bica era um anátomo patologista do Hospital Jesus e era um grande técnico. Agora ele foi lotado no Miguel Couto. Ele foi fazer biópsia de congelação nos marítimos por contrato, porque o serviço dele era no Hospital Miguel Couto; trabalhava no Hospital Miguel Couto.

LO - Doutor Armando Amaral?

OB - Armando Amaral foi do hospital. Armando também já morreu, foi diretor do hospital e depois ele se afastou; foi diretor daquela Casa de Saúde Santa Teresinha, na Tijuca, era propriedade dele.

LO - Isso nos leva a uma questão, quer dizer, a relação, voltando àquela questão que o Nilson lançou, relação entre médico liberal, e o assalariamento médico. O senhor acredita que a política dos institutos, e posteriormente, a unificação com o INPS, tenham contribuído ainda mais para o assalariamento do médico e para o fim da figura do médico liberal?

OB - Acho que sim, porque até a fundação desses institutos, eles tinham que recorrer ao médico particular, e isso afetou muito. Hoje dificilmente você encontra um rapaz que sai da escola e que não tem que ter um suporte desse. O que não existia antigamente. Quer dizer, na década de [19]20, até a década de [19]30, o indivíduo tinha o seu consultório, e hoje, quando o indivíduo sai da escola, se não tem um lugar desse, ele está em situação difícil. Contribuiu muito para essa parte, não há a menor dúvida. Mas, isso também, isso é a evolução, não é? Eu acho que isso aconteceu não só aqui no Brasil, todo...

LO - Com relação ao aprendizado médico, o senhor acredita que os institutos tinham uma política de defesa do aprendizado médico, ou facilitavam esse...

OB - Facilitando, por exemplo, por esses centros de estudos. Os centros de estudos é que facilitavam, e tem centros de estudos da Previdência, aqui no Rio tinham centros de estudos muito bons e eficientes. O do IPASE era de primeira ordem também, o centro de estudos do IPASE, dos bancários, e o dos marítimos. É pelos centros de estudos que você vai aprimorando para apresentação de casos, é que você vai aprimorando a técnica médica. E eu acho isso fundamental, fundamental. Hoje os hospitais da Prefeitura, parece, estão numa situação muito séria, grave, mas teve, eu me lembro que há anos atrás o Hospital Miguel Couto tinha centro de estudos, tinha centro de estudos. Era chefiado até pelo Mota Maia, pelo Darci Monteiro, o Barata Ribeiro. Agora, isso é fundamental para a instituição! Mas, o problema é o seguinte: a situação econômica do médico, logo que se forma, é muito difícil, porque os salários não são suficientes, o resultado é que o indivíduo tem que ter três, quatro empregos; então vive pulando de um lado para o outro, essa que é a verdade.

LO - O senhor podia fazer uma comparação entre o modelo da filantropia, o modelo da Medicina social, e esse modelo de atuação social do médico? Posteriormente, então, esse médico assalariado que nós vimos, quer dizer, o senhor poderia comparar o médico frente a esses três momentos?

OB - Eu ainda peguei essa época, ainda como estudante. Um médico era o médico que não era assalariado, que era só médico, era uma espécie até de conselheiro de família; era conselheiro de família. Era muito comum o médico - engraçado, principalmente na colônia portuguesa - o médico era chamado, por exemplo, quando o marido brigava com a mulher, chamava o médico pra dar opinião. O sujeito queria repreender o filho, chamava o médico de família para fazer a repreensão, chamar a atenção do rapaz e tudo. O médico tinha um prestígio familiar fora do comum. Isso está desaparecendo com essa proletarização, há uma certa desconfiança, porque também tem muito... e o tal negócio, existe muito charlatanismo, também existe muita gente na classe que não presta. E hoje o médico, às vezes, é até encarado com um certo cuidado, como se estivesse explorando. Isso não existia antigamente, até 1930 isso não existia, não existia. Você quer ver um exemplo que eu dou disso? Meu pai, na colônia portuguesa, tinha uma quantidade de pessoas que tinha que falar com ele antes de resolver qualquer problema. Para até fazer uma viagem para Europa, o sujeito ia ouvir a opinião do médico. O negócio era assim. E eu não sei se contei para vocês que a Casa de Saúde Pedro Ernesto, não contei naquele dia...

LO - Contou.

OB - Foi dada por um português, assim. O negócio era assim. Isso está acabando, mas isso não é só no Brasil, não.

LO - Por que está acabando, doutor Odilon?

OB - Porque é o tal problema, que o médico... aumentou também, a quantidade de profissionais é enorme. E é o problema do médico que recebe o sujeito num ambulatório, às vezes, às pressas. Essa que é a verdade! Um ambulatório que está lotado, para ele receber 20, 30 consultas numa manhã, quer dizer, o sujeito recebe correndo, correndo. Tudo isso é diferente do que existia antigamente, do sujeito que chamava um médico em casa, e tal, e conversava. Está tudo... há uma modificação completa, essa parte está muito diferente mesmo. E eu digo mais: você hoje encontra até uma certa prevenção, é comum

você achar que o médico está querendo explorar, que não sei porque existe também exploração, (risos), ela existe, existe.

LO - E a que o senhor atribui essa transformação, quer dizer, por que o médico hoje está em busca de dinheiro em primeiro lugar?

OB - Não, porque começa com o seguinte: a Medicina não tem nada de sacerdócio, é uma profissão que tem uma... porque se fosse sacerdócio nós íamos usar uma batina, e ficar... Ela não é um sacerdócio, mas ela tem umas certas *finesses*, que são diferentes de outra profissão, não é? Por exemplo, você tem obrigações de atender um sujeito que está em certas dificuldades, que não tem dinheiro para lhe pagar, você tem que atender, você quando se forma faz até um juramento para isso. A profissão tem uma certa nuance diferente das outras, mas também não é agora, o que eu acho... Eu tenho uma maneira de pensar muito... que eu simplifico muito essas coisas. Eu acho que o defeito disso tudo é o sistema, é o sistema. O sistema está cada vez se avacalhando mais, não é? O sistema capitalista está cada vez mais... são dificuldades que vão aparecendo, que não existiam há 50 anos atrás. O sistema hoje está... a classe médica tem uma grande parte proletarizando-se! Não é que sai tudo isso, eu acho que o problema é do sistema. Agora, você...

LO - O senhor podia propor uma solução médica?

OB - Não, não.

LO - Socialização da medicina?

OB - Olha aqui, a socialização da medicina... mas, você não pode socializar o leite sem socializar a vaca. Aí é que na minha opinião começa o grande erro do negócio. É você querer fazer socialismo dentro de um sistema que não é socialista. Você vê, houve a tentativa de fazer socialização da medicina na Inglaterra e não funcionou. Por que? Porque o sistema inglês não é socialista. De maneira que entra um negócio em contradição. E começam a surgir essas coisas, uma classe servindo para os interesses de uma sociedade capitalista, e ela com um tipo de trabalho socialista; quer dizer, é um negócio contraditório. Você vê: por que a Suécia tem um serviço médico socializado que funciona? Porque o regime lá é quase um regime socialista. A mesma coisa é aqui. Você quer fazer o sistema de socialização da medicina, é como eu digo... (ri) Eu já usei essa frase há muito tempo: "O sujeito não pode socializar o leite sem socializar a vaca, não pode". Eu acho que é o sistema.

LO - Doutor Odilon, voltando no tempo, algumas dezenas de anos. O senhor esteve trabalhando, antes de se formar, na Casa de Saúde Pedro Ernesto.

OB - Estive.

LO - O senhor trabalhou também, logo que se formou, na Colônia Juliano Moreira. O senhor acredita que em algum momento, o senhor experimentou em pacientes, quer dizer, o senhor precisou de cobaias, para o seu exercício médico, para aprender a medicina?

OB - Não, eu nunca fiz medicina experimental, nunca fiz, nunca fiz. Sempre fiz medicina... a parte de terapêutica comum, nunca fiz medicina experimental. Mas, às vezes, tem serviço onde vai ter que pegar uma cobaia para experimentar, mas eu nunca

fiz isso, não. Nunca tive esse problema. Aliás eu disse a vocês outro dia: quando eu cheguei lá no serviço do Juliano Moreira, lá em Jacarepaguá, aquilo lá era um depósito de doentes, aquilo não era um hospital, era um depósito de doentes. E enquanto eu estive lá os três ou quatro... eu estive lá quatro anos, e nunca operei lá. Me neguei sistematicamente a operar, eu transferia os doentes para o Hospital Central do Hospício, aqui na Praia Vermelha, que também era infecto, mas era um pouco melhor. Aquilo ali, a Colônia [Juliano Moreira], nessa época era um depósito de doentes. Como eu acho que existe uma série de sanatórios para doenças mentais no Brasil nessa situação.

LO - Hoje em dia?

OB - Hoje em dia.

LO - Praticavam a lobotomia na época?

OB - Não, lá não praticavam nada, não tinha lugar para lobotomia. Lobotomia podia ser praticada aqui no Hospital Central. Aquilo era uma coisa tão horrorosa e o Hospital Central aqui também, o hospício aqui era uma coisa terrível, porque você entrava, verdadeiras jaulas, sujeitos guardados em verdadeiras jaulas. Você sabe qual era a estatística, e ainda é, em alguns centros de doentes mentais? A maior causa, maior razão das mortes é a gastroenterite por sujeira. Eles comem até fezes - se esfregam, é uma porcaria, uma coisa incrível - no hospital de doentes mentais. É uma coisa...

LO - Por que o IAPM, os institutos não atendiam aos loucos e aos tuberculosos?

OB - Eles tinham contrato, eles nunca tiveram o serviço. Porque o problema de um hospital do tipo dos hospitais do INAMPS é que a tuberculose é uma moléstia contagiosa, e não podia ter dentro do hospital; eles tinham que ter hospitais especiais para isso.

LO - Esses hospitais, só tinha em...

Fita 4 - Lado B

OB - Os doentes com moléstias contagiosas eram remetidos para hospitais apropriados, tipo São Sebastião, ali no Caju. Não só tuberculose, como todas as outras: tifo, todas as doenças infecciosas. Eles não aceitavam no hospital do INAMPS, nos IAPMs e IAPCs na época.

LO - Eu gostaria de saber ainda, como é que o senhor avalia o concurso do aprendiz de medicina, do estagiário, tem um nome próprio. Mas, a pessoa que estivesse aprendendo dentro do hospital do IAPM, quer dizer, havia a experimentação médica, de alguma forma o marítimo podia ser cobaia de algum tipo de aprendizado médico? Em algum momento se aceitava esse tipo de coisa?

OB - Não, não. Não, isso sempre foi feito no sentido de uma terapêutica para tratar do doente, e não para fazer experiência. Isso nunca existiu, pelo menos lá no serviço dos marítimos, na minha época, nunca houve isso, experiências. E acredito que nos outros também não. Isso é um negócio muito sério.

LO - O aprendizado do médico, quer dizer, o médico vai experimentar, a gente sabe que, ou nas policlínicas, ou nas santas casas.

OB - Ou na Santa Casa.

LO - Não é? Eles experimentam e aprendem no pobre, para fazer a medicina liberal junto às classes abastadas. O senhor acha então que esse modelo não vingou nos institutos, quer dizer...

OB – Não, não vingou. Começa até por uma coisa: esses institutos não tinham, os hospitais não tinham... eu acho que nenhum deles não tinha nem sala de autópsia, que era uma coisa que devia ter porque a autópsia é uma coisa muito necessária no serviço médico, para melhoria da parte técnica da Medicina; é da maior importância. Mas, o problema é que aqui no Brasil ainda é um pouco dificultado, precisa haver uma licença especial da família porque o número de autópsias que constata erros é uma coisa muito grande. E isso só serve para melhorar a parte técnica.

LO - A residência médica existia dentro do hospital do IAPM?

OB - Existia, existia. Do hospital novo, desse último; no antigo não tinha residência, só tinha médicos de plantão, médicos das equipes, mas nesse novo, no atual, já se tem residência, tem até concurso para residência, fazem concurso para residência.

LO - O senhor lembra quando foi que entrou o concurso no IAPM? Concurso para médicos, para contratação de médicos no IAPM?

OB - Não me lembro. Eu acho que foi depois de 1964, mas isso é uma coisa que é muito burlada. Sempre entra com pistolão político, vai entrando por fora, vai entrando. Agora, eu sei que para residente eles fazem concurso.

LO – Professor, eu tenho a impressão que...

Data: 22/07/1986

Fita 4 – Lado B (Continuação)

LO – Hoje é 22 de julho de 1986, estamos na casa do dr. Odilon Baptista, dando continuidade à sua entrevista, que reúne o Nilson, o Marcos e o Luiz Otávio como entrevistadores.

MC - João, nós gostaríamos de recapitular algumas questões das entrevistas passadas para explorar um pouco melhor o que você colocou. A primeira coisa que a gente que a gente gostaria de perguntar ao senhor é sobre a greve dos médicos de 53. Em vários momentos o senhor repete que a questão central da greve era uma questão econômica, salarial, e que era uma reivindicação pela letra O. O que era isso, a letra O?

OB - A letra... é porque os funcionários públicos eram classificados por letras naquela época e nós estávamos numa letra bem abaixo da letra O. Agora eu não me lembro, já faz tanto tempo, qual era o que correspondia em salário, mas era um aumento razoável.

LO - E esse era o aumento maior, era o salário maior? Ou tinha outro maior?

OB - Não, na classe médica, para a classe, era o maior, era o salário maior.

MC - O senhor coloca que a questão era basicamente...

OB - Salarial, era salarial.

MC - Mas os médicos não tinham outras questões importantes? As suas próprias reivindicações em termos de condições de trabalho, em termos de...

OB - Não, a verdade é essa: o que conseguiu unir a classe, e uniu qualquer movimento... porque você sabe que a classe médica é uma classe que tem desde o médico paupérrimo ao médico milionário. Quer dizer, com diferentes níveis econômicos. É muito difícil você conseguir uma unidade para qualquer movimento de classe não sendo baseado no fator econômico, no fator salarial. Você não consegue. Se fosse para melhorar os serviços médicos ou melhorar aquilo, é verdade que a classe não comparecia em massa como compareceu naquela época. Tanto que, para exemplificar mais isso, para dizer como essa parte salarial vale, é que a letra O foi concedida em primeira mão aos funcionários, aos médicos do Estado da época, Estado da Guanabara. Era prefeito, era governador João Carlos Vital, foi ele quem reivindicou e foi aprovado na Câmara Estadual. Nessa época a Câmara tinha uma maioria enorme de elementos de esquerda e foi votado. Eu estou contando isso para vocês verem como é interessante essa parte, o problema econômico. Como foi concedido? Não foi concedido aos médicos federais a letra O. Só veio tempos depois, tanto que houve nova greve no ano seguinte... O que aconteceu aqui no Rio? Aconteceu o seguinte: logo que foi concedida a letra O para os médicos de Estado, mais de 60 % da classe dos médicos do Estado, não compareceram mais às nossas reuniões de reivindicação. Não compareceram, porque já tinham conseguido. No entanto, a classe médica nacional estava em luta ainda.

MC - Quando você diz que não compareceu mais às assembleias...

OB - As reuniões, às assembleias que nós fazíamos para conservar o movimento, porque o movimento foi nacional, o movimento não foi do Estado do Rio de Janeiro só. O movimento foi um movimento nacional; todas as associações de São Paulo, associação do Ceará, associação da Bahia, associação médica de Minas, do Rio Grande do Sul, todas elas tomando parte. E a greve em 1953 parou, não parou só no Rio de Janeiro: parou o Brasil inteiro.

LO - Qual foi o papel do Sindicato dos médicos nesse momento?

OB - Aqui no Rio foi péssimo. O sindicato estava na mão do pessoal mais reacionário. Aqui no Rio de Janeiro, quem organizou o movimento e com maior sucesso foi a Associação Médica do Distrito Federal, que hoje tem outro nome do Estado do Rio de Janeiro, é a AMDF; é a Associação Médica do Distrito Federal, a MDF. Essa sim

organizou e também em São Paulo o movimento foi muito bom, chefiado pelo Ayres Neto.

MC – Doutor Odilon, o senhor está dizendo o seguinte: houve uma mobilização aqui no Estado do Rio de Janeiro, mas também no Brasil inteiro?

OB - No Brasil inteiro, a letra O era para os médicos federais também. Não era só para o médico do Estado, não; era pra ser votada na Câmara Federal, mas ela aconteceu, não sei porquê, um detalhe da época, não me lembro, que ela foi votada primeiro na Câmara daqui do Rio e quem primeiro votou foi a Câmara do Estado do Rio de Janeiro. De maneira que os médicos daqui do Rio foram os que primeiro tiveram a letra O.

MC – E como eles conseguiram, eles não compareceram mais às assembleias para votar...

OB – Pode botar 60% disso. É diferente, a classe médica... a classe médica, que é uma classe média, é uma classe difícil para fazer unidade. Porque você tem... é como eu repito: você tem na classe médica, você tem desde o médico paupérrimo ao médico proprietário de casa de saúde e que explora o serviço de colegas.

MC – Quais eram aqueles que estavam em greve? Era a rede pública que estava em greve?

OB – Era a rede pública, os IAPs, tudo em greve. Parou tudo. A greve de 53 parou, vamos dizer, 90% dos serviços médicos no Brasil, os públicos. Os particulares não; alguns hospitais particulares entraram, mas não foram todos. Eu me lembro é da parte federal e estadual.

MC – Nesse momento, qual era o peso desse setor público, médico, em relação à assistência médica geral?

OB – Ah, o público dependia deles! Tanto que parou, só ficou em atendimento o serviço de urgência. Digamos aqui, o hospital de pronto-socorro: só tinha urgência lá. Os médicos só atendiam urgência, ninguém mais, os outros serviços todos parados.

MC – A iniciativa privada, tinha algum peso, iniciativa? Ou basicamente era o público?

OB – Não, o que tinha peso mesmo era a assistência pública, a assistência federal e estadual. É o que tinha peso e um movimento desse é o que dificulta mesmo a paralisação de todos os hospitais. Naquela época, era os IAPs todos, parou tudo. Os ministérios, os médicos nos ministérios, parou, pararam. Já a segunda greve, que foi um ano depois, já não teve o mesmo sucesso.

GH – As reivindicações eram as mesmas?

OB – As reivindicações continuavam as mesmas, as mesmas das federais, mas já, ela foi muito furada porque começaram as explorações políticas, os médicos diziam que.... nós tivemos um inimigo terrível na época, que era o Carlos Lacerda, que caracterizou o movimento depois como um movimento comunista, de maneira que houve muita dispersão.

GH – Houve repressão?

OB – Houve repressão, houve gente presa.

GH – Em 54?

OB – É, em 54. Na primeira também, eu acho que chegaram a prender também.

MC – Você se lembra que nesta época da greve de 53, foi uma época também que houve outras greves, inclusive uma famosa em São Paulo. Você se lembra desse momento quando há uma série de greves no Brasil? Pipocando?

OB – É porque naquela fase, é a fase de.... havia uma liberdade, de maneira que esses movimentos todos estavam em crescimento. E todos eles, você vê sempre como a base do movimento era uma base de problema salarial.

GH – O senhor está frisando bem a parte salarial.

OB – Eu estou frisando porque é a verdadeira.

GH – Mas que outras reivindicações existiam pra categoria dos médicos? Não havia outras reivindicações?

OB – Não, nós lutávamos, a luta em 53, foi pelo problema, da situação econômica da classe médica.

GH – Não havia outras reivindicações de saúde, da população, nada?

OB – Isso é uma coisa que sempre, quando o sujeito faz um discurso ou quer uma assembleia, é sempre isso, mas não é o movimento, não é o fator primordial.

GH – Jornada de trabalho não é?

OB – Tempo de trabalho, sim. É outra coisa, mas tempo de trabalho também está dentro do fator econômico.

MC – Era redução na jornada de trabalho, era uma reivindicação desse momento?

OB – Geralmente a reivindicação de jornada de trabalho é sempre para diminuir e não para aumentar (risos). Eu nunca vi nenhuma reivindicação para pedir aumento de jornada de trabalho! (risos)

MC – O senhor disse que o sindicato na época do Rio de Janeiro, era dominado por pelegos...

OB – É, estava nas mãos de um pessoal ultrarreacionário. Ultrarreacionário... E foi a médica que liderou o movimento. A AMDF, AMDF, essa foi quem liderou o movimento aqui no Rio de Janeiro e as associações também médicas nos outros estados. O movimento não foi organizado nem controlado pelos sindicatos e sim pelas associações médicas.

MC – Qual era o objetivo da AMDF? Era mais trabalhar com o funcionalismo público, é isso?

OB – Não, a Associação é uma associação médica, da classe médica, que trata de todos os assuntos da classe, inclusive até na parte técnica. A associação médica é uma associação que fazia conferências com temas, de conferências sobre assuntos médicos, sobre assuntos sociais. É uma associação ampla. Agora, o movimento que eu caracterizo é o seguinte: esse movimento teve um fator principal que foi o fator salarial, que fez a crise e que fez a greve.

MC – Qual foi a sua função neste movimento?

OB – Eu era presidente da associação.

MC – Sim, mas o que o senhor fazia concretamente?

OB – Ué, o que é que eu fazia? Nós organizávamos a greve.

MC – Sim, e como é que era isso?

OB – Tínhamos contato com as outras associações, inclusive tínhamos elementos, estafetas, para ir lá, a São Paulo, para ir à Minas. Tínhamos muito a ver também com uma associação que prestou muito serviço, que foi a de Fortaleza, no Ceará.

NM – Quem que decidiu pela greve? Em que momento a greve foi decidida?

OB – A greve foi decidida, não foi só pelo, só pelo Rio. Foi decidida por uma assembleia de todas as associações, com representantes de todas as associações. Eu tenho a impressão que, se não me falha a memória, foi decidida aqui no Rio.

MC – Doutor Odilon nesse período, já era comum o médico ter o emprego público e ter o seu consultório?

OB – Já, já era assim. Até o contrário: era mais assim. Hoje é menos; hoje, você vê os médicos, a quantidade desses médicos jovens, quase todos, muitos médicos não têm consultório; eles vivem só do emprego deles. Hoje é muito mais dessa maneira, você encontra aí na classe médica, na turma jovem, você encontra uma quantidade brutal de médicos que não têm consultório. Eles trabalham só no emprego que eles têm porque, realmente, a vida se modificou muito. Antigamente, não; o sujeito ficava doente, chamava o médico particular. Hoje, a classe médica, até a classe remunerada vai procurar serviço de urgência; eu me fartei de ver lá no Hospital dos Marítimos, o sujeito parava de automóvel para ser examinado no ambulatório.

NM – O senhor utilizou esses serviços?

OB – Eu não porque nunca estive doente! (risos)

MC – Então quer dizer que era comum utilizar os serviços?

OB – Claro. Comandante de bordo, quem procurava os ambulatórios eram operados. No meu setor, lá nos Marítimos, no IAPM, operava comandante de bordo, o imediato, diretor de companhia de navegação, tudo isso. Tudo isso estava dentro do instituto dos marítimos.

MC – Então, não havia essa situação de alguém chegar e “Aí, vamos no hospital público?”

OB – Não, não, porque é o tal negócio: o hospital era um hospital eficiente, e é uma grande vantagem que eu vejo sem despesa nenhuma, sem despesa nenhuma, mas isso é fato e eu acredito que, até hoje continua da mesma maneira. Você encontra gente que podia pagar o médico particular e que vai no serviço de ambulatório.

MC – Havia muita agitação, mas o senhor chegava, agitava mesmo?

OB – Agitava, mas a agitação era mais em assembleias. Nós geralmente nos reuníamos, ou na ABI, ou no Ginástico português, também que tinha uma sala lá muito boa, e uma vez teve uma coisa até muito interessante. Nós nos reunimos lá no... essa foi na segunda greve, já de 54; nós nos reunimos na Rádio Tupi, eles forneceram o anfiteatro lá para a reunião. E nós falamos, fizemos discursos. Agora, nessa fase, começaram certas provocações e, às vezes, sectarismo também. Nessa reunião, eu me lembro que chegaram uns marinheiros que estavam em greve, pedindo o apoio da classe médica. Isso já em 54, pedindo o apoio da classe médica, mas havia uma série de discursos. Nós falamos para o Brasil inteiro, que era uma assembleia que estava marcada para a gente falar para o resto do Brasil e os microfones estavam desligados, a Rádio Tupi tinha desligado. Nós falamos e o negócio desligado porque aí já havia uma reação contra, e principalmente da parte dos jornais como o Correio.... nós só tínhamos dois jornais no Rio, que nos tratavam com simpatia: um era a Última Hora, com o Samuel Weiner, e o Diário de Notícias... o resto eram assim, enquanto que o [Carlos] Lacerda era um desastre, era como se fosse comandado pelo Stalin (risos)... que o movimento fosse com ele e ele fez as maiores provocações.

MC – Qual era o tipo de provocações que ele fez?

OB – Denunciando o movimento como um movimento comunista. Isso era quase que diário nessa fase.

NM – Qual a posição da direção do Instituto com essa greve? O senhor lembra mais ou menos?

OB – Aqui no Rio de Janeiro, não sei no resto... Aqui no Rio de Janeiro, a direção do Instituto, eles não reagiram e não fizeram nenhuma violência. Eles aceitaram, eles não tiveram esse problema; os problemas foram mais nas assembleias porque a polícia ia para lá e às vezes fazia provocação.

MC – E as assembleias eram cheias?

OB – Cheias, cheias. Diminuíram quando saiu a letra O dos médicos da Prefeitura, aí diminuiu para você ver como o problema econômico vale muito.

MC – Isso não preocupava?

OB – Preocupava, pois é, preocupava a liderança. Tem uma passagem até muito interessante disso... quando eles receberam a letra O, o primeiro aumento, o Campos da Paz, o Manuel Venâncio Campos da Paz, que era uma grande figura, foi numa das nossas assembleias, e nós nos reunimos quase duas vezes por semana, uma vez por semana, fez uma proposta para que o primeiro aumento que seria recebido no mês seguinte, dos médicos do Estado, que esse aumento fosse dado à Associação Médica para continuar a campanha. Então, o problema para fazer uma campanha dessa é o que se gasta de dinheiro, porque os jornais exigiam que se pagassem. Os dois jornais que não exigiam, isso era o jornal, a Última Hora e o Diário de Notícias; o resto todo, o anúncio de assembleia, qualquer artigo, tudo era pago. Então, nós fizemos essa proposta do Campos da Paz, pedindo para o aumento ser dado à AMDF. Só um, não é no definitivo de outra campanha, só o primeiro aumento, o primeiro salário aumentado. Pois você sabe que eu me levantei e falei com o Campos, eu digo: “Olha, eu acredito que isso não vai acontecer. Vocês não vão conseguir receber isso”.

Aí resolvemos, discurso daqui, discurso de acolá, resolvemos que eles dariam uma contribuição de 200 mil, na época era cruzeiro, 200 cruzeiros, quando recebessem o primeiro salário. Nem isso nós conseguimos. É muito diferente você fazer uma greve de classe média com uma greve de classe operária. A unidade da classe operária... porque na classe operária, geralmente, os salários são mais ou menos semelhantes, não há uma disparidade grande. Enquanto que na classe médica é diferente e não é só na classe médica. Na classe de engenheiro, você encontra o engenheiro que é assalariado, o engenheiro que é proprietário, o engenheiro que tem patrão com dinheiro, tudo isso. É difícil você, quando chega numa hora de uma reivindicação, você ter uma unidade. Muito difícil.

MC – O senhor lembra de alguma greve política no Inamps? Participou de alguma greve política?

OB – As greves, essas duas greves que eu tomei uma parte mais ativa, ela não deixava de ter também a sua característica política, ela tinha.

MC – Qual?

OB – Ah, sempre reclamando liberdade, reclamando contra a violência, tudo isso. E a verdade é o seguinte: é que nessas horas, os homens que trabalham, que realmente trabalham para organizar qualquer movimento de classe, é o pessoal de esquerda. Porque os outros não querem nada, essa é a verdade. Tem o pessoal que trabalha, tem a turma que secretaria a Associação, a turma do Ceará, tudo é pessoal de esquerda.

NM – E é possível se falar, em termos do conjunto da categoria, que existia uma consciência de classe ou o espírito era mais corporativo?

OB – Não, eu acho que o espírito era mais corporativo, mais corporativo.

MC – Doutor Odilon, eu estou me lembrando aqui de uma coisa que eu falei da vez passada, que é quase como... é uma pergunta sobre a gestão do Armando Falcão e o senhor falou que era suspeito pra falar do Armando Falcão...

OB – Só porque eu não suporto esse senhor, tenho ojeriza a ele. Não gostaria de falar.

MC – Uma das críticas que o senhor faz é que na época dele houve muita nomeação, houve muitas nomeações no Instituto, mas parece que é característica de uma leitura linear. Ou não?

OB – Sim, mas houve também irregularidades na administração... eu não sei com detalhes porque não era no meu setor, mas na época o que se comentava, quem diga até, que houve um processo na construção do hospital que foi parar no Ministério do Trabalho e que depois foi abafado lá.

NM – O senhor está falando do hospital....

OB – Dos marítimos, e ele foi presidente dos marítimos.

MC – Sim, mas havia concurso para o hospital dos marítimos? O senhor se lembra?

OB – Inicialmente, não. Quando foi fundado, nos primeiros anos, era por nomeação direta, não havia concurso. Depois, já de uma fase de 50 para cá, começou a haver concurso para entrar, mas na fase inicial da fundação do Instituto, não: foi por nomeação. Eu, por exemplo, fui nomeado, não fiz concurso. Eu e a primeira leva de médicos que eu levei lá, Soares Brandão, uma turma grande....

MC – Depois houve concurso...

OB – Depois, depois....

NM – Doutor Odilon nós tivemos oportunidade de conversar a semana passada, e o senhor colocou que os médicos tinham um salário razoável dentro dos Institutos, não é? Que eram, de certa forma, razoáveis, bons salários e tal nos IAPMs. Como é que se deu isso ao longo do tempo? O senhor acha que em 53, 54, havia um agravamento das condições dos salários, os salários estavam piores, foi um momento diferente da...

OB – Eu acho que a situação econômica do país estava mais grave, havia desvalorização do dinheiro e os salários tinham que ser renovados, não é? Eu acho que o maior problema foi esse, as pessoas passavam uma certa dificuldade de vida.

NM – O assalariamento do médico não iria gerar, fatalmente, esse tipo de depreciação de rendas do médico em geral? O senhor acredita que o assalariamento médico encaminharia para a proletarização do médico?

OB – Ah sim porque... até 1930, quando não existiam esses institutos, a população recorria ao médico particular, na grande maioria. A não ser... quais eram as instituições gratuitas? A Santa Casa, hospital da....

Fita 5 – Lado A

OB - O serviço de pronto socorro era mínimo, e era só para atender à parte de socorro de urgência. O que existia aqui no Rio de Janeiro até 1931? Existia o hospital, onde hoje é Souza Aguiar, existe o dispensário do Méier e um serviço de ambulatório no Lido. Quer dizer, o Hospital Souza Aguiar era para atendimento de urgência - desastres, ou

atendimentos de socorro circulatório de urgência. É só para isso que era... Agora, se quisesse internar um doente, o que existia? Existia a Santa Casa, o Hospital São Francisco de Assis e Gamboa. De maneira que o sujeito tinha que recorrer a médico particular.

LO - O médico ganhava melhor? Ganhava mais?

OB - Acho que devia ganhar mais sim, particularmente, cobrando particularmente os médicos então, que tinham boa clínica, ganhavam bem. Agora, com o surgimento dos IAPs, aí é que os serviços foram muito bons, isso que é preciso que se saiba. Inicialmente o Hospital do IPASE, por exemplo, um hospital muito bem organizado na época, o Hospital dos Marítimos, muito bem, muito bom; o Hospital dos Bancários. Não é que a classe média ia procurar, e como eu digo, não só a classe média, como a classe mesmo mais remediada ia procurar o serviço. Quem foi que sofreu com isso? Foi a classe média, médica. Os serviços particulares, consultórios particulares, começaram a enfraquecer, a não ser para os privilegiados, com a turma que já tinha nome formado.

LO - O senhor acompanhou esse processo de transformação da Medicina no Brasil e no mundo. Agora, às vezes o senhor me parece, eu estive até comentando antes disso, às vezes o senhor me parece meio saudosista daquela Medicina liberal, da oportunidade de ter um contato íntimo entre o médico e o paciente.

OB - Não, eu vou dizer por quê. Eu não acredito nessa Medicina, porque a Medicina, a tentativa de medicina socializada, na maioria dos países capitalistas, tem falhado. Falhou na Inglaterra, lá nos Estados Unidos não existe isso, existe um tipo de corporação, é coisa muito de seguro. Mas querer socializar, eu acredito que seja eficiente e muito bom nos países socialistas. Mas você querer fazer uma medicina socializada dentro de um país que não é, que não tem, que não é socialista, acaba falhando.

MC - Por que não deu certo a da Inglaterra?

OB - Porque o regime na Inglaterra não é socialista, não é socialista. Só uma classe é que fica socializada, classe de dinheiro não fica socializada; classe do advogado não é socializada. Agora, a classe média, médica, essa é socialista, serve para tudo. Quer dizer: é contraditório, contraditório!

MC - O que o senhor fala sobre essa...

OB - Eu não acredito muito na eficiência da socialização desses países socialistas, ou nos países capitalistas, não acredito. Ela vai acabar, acabar deficiente, o sujeito querendo trabalhar uma hora, e sair correndo para trabalhar no seu consultório, é o que acontece. A vida vai ficando difícil, a cada dia o padrão de vida vai ficando mais difícil.

MC - Doutor Odilon, o senhor poderia colocar assim de maneira mais concreta, coisas que o senhor vê, que o senhor percebeu, que o senhor leu, sobre por que não dá certo essa situação de medicina socializada em país capitalista?

OB - Por que razão você vai socializar só uma classe, que é a classe médica? Agora, as outras classes não são socializadas, não são socialistas. Por que há de ser a classe médica que tem que pagar? Então, é o tal negócio, o sujeito em vez de ser médico vai ser... devia usar uma batina também, feito padre, não é? Porque o serviço dele é... esse negócio de

dizer que a Medicina é um sacerdócio, isso é conversa fiada, a Medicina é uma profissão, não tem nada de sacerdócio. Eu acho que tudo isso é utopia.

MC - Mas, quando o senhor diz, o senhor coloca assim...

OB - Agora, quando você faz com um sistema já que não é o socialista, por exemplo, sistema... Por que os americanos têm um atendimento muito bem feito, em determinadas áreas lá? Por causa do sistema de seguro. Mas, atrás daquilo tem o dinheiro, está o dinheiro, as associações filantrópicas que descarregam o imposto de renda. Daí, lá o negócio funciona. Agora, querer fazer um negócio de país socialista, quando o país não é socialista, eu pessoalmente não acredito que funcione bem.

MC - E como é que funciona?

OB - Conforme vai aumentando, com o crescimento populacional, cada vez isso vai ficando mais deficiente.

NM - E como é que uma assistência médica poderia funcionar perfeitamente num país como o nosso?

OB - Você vê o seguinte: a progressão das aposentadorias nesse sistema não é em progressão aritmética não, é progressão geométrica. De maneira que um instituto que começou com um pagamento que era "X", hoje já está em "Y", está lá adiante, porque o número de aposentadorias vai aumentando progressivamente. Isso é o que eu digo, acho esse negócio da gente falar em socialização da Medicina uma coisa muito utópica.

MC - Sim, mas antigamente quando, quer dizer...

OB - Antigamente não havia isso, havia médico particular.

MC - Não havia isso.

OB - O sujeito ia ao médico particular.

MC - Mas, o médico particular, dos médicos...

OB - E tinha uma população muito menor! Com esses hospitais que eu estou dizendo a você, a que recorria o pessoal pobre: Santa Casa, São Francisco de Assis que era ali, então eram ligados também à faculdade de Medicina, eles também tinham enfermarias para parte de instrução, também tinha isso, e a cidade muito menor.

MC - Mas, nessa época, esses hospitais que existiam, ambulatórios prestavam atendimentos suficiente a essa população?

OB - Sim. E inclusive tem uma outra coisa. A Medicina era muito menos sofisticada do que é hoje, tem isso também. Hoje a Medicina está altamente sofisticada e altamente cara. Um leito de cirurgia hoje é uma fábula.

MC - Quando é que o senhor percebeu essa mudança, essa sofisticação da Medicina e esse custo alto da Medicina?

OB - Você vê que na Suécia, a socialização da Medicina na Suécia foi mais eficiente do que na Inglaterra, do que na França, do que na Espanha, por que? Porque a Constituição sueca é bem diferente, é uma associação quase que em base socialista, é mais fácil de fazer.

LO - O médico que se aproxima mais desse modelo que o senhor está propondo, perde aquela aproximação entre o médico e o paciente, quer dizer, ser socialista...

OB - Não, não. Eu visitei a União Soviética e num hospital da União Soviética o sujeito mora lá dentro do hospital, o sujeito tem o seu salário e mora lá dentro do hospital. De maneira que, cientificamente, ele produz muito mais, fica lá dentro! Tem biblioteca lá dentro. Hoje pergunto a um estudante pobre como é que ele consegue livro? E tem biblioteca para ele? Não tem. A verdade é essa: se o sujeito quiser estudar na biblioteca do Fundão, chega às 10:00h, quando chega 17:00h, está dentro da aula, 17:00h está fechado o que existe de biblioteca. Tudo isso é difícil. A Medicina está ficando cada vez mais complicada nisso. Eu acho que no sistema socialista o trabalho do médico é realmente mais eficiente, porque ele está trabalhando, não está contando a hora para chegar, para acabar uma operação mais rápido para poder chegar e dar a sua consulta no consultório, tem, isso tem.

MC - O senhor estava colocando que a Medicina é mais sofisticada hoje, ela é mais custosa.

OB - Muito mais.

MC - O senhor se lembra assim de algum momento em que isso ficou bem marcado, essa passagem para uma Medicina mais complicada, mais custosa?

OB - Ah, sim. A Medicina evoluiu muito na década de 1940, depois do descobrimento dos antibióticos. Que aí começou, cresceu de uma maneira brutal, conseguiu-se fazer cirurgias muito mais evoluídas, muito mais eficientes. Daí em diante foi que negócio começou a crescer mesmo. Você vê, hoje para se organizar um serviço de, por exemplo, de cirurgia cardíaca, como tem em São Paulo, é um negócio... não é fácil, coisa caríssima. Um leito cirúrgico hoje é caríssimo. Por que? Antigamente você usava seringa de vidro, aquilo fervia, servia enquanto ela não quebrava (ri), durava a vida toda. Hoje cada vez que você usa uma seringa descartável. Você joga fora, e tem suas razões de ser para isso. É principalmente para os problemas das viroses. Você sabe que hepatite era transmitida por seringa, tudo isso? Você vê: uma sala de operação hoje, nos centros mais especializados, toda a roupa não é mais de pano que ferve, não. Aquilo é papel descartável, é feito de papel e joga fora, avental, tudo isso. Quer dizer, vai ficando o negócio cada vez mais caro.

MC - O senhor acha que também tem alguma coisa a ver com o tipo de doenças que começaram a ser mais frequentes, ou não?

OB - Os tratamentos são muito mais eficientes, muito mais modernos. Hoje você trata de muito mais doenças do que tratava antigamente, e com resultados positivos, bons!

MC - O senhor disse que na década de [19]50 o peso da categoria dos médicos, da mobilização das greves estava basicamente no setor público.

OB - É.

MC - A que o senhor atribui esse crescimento do setor privado, principalmente nos anos recentes, a partir de 1960, 1966?

OB - Mas os movimentos continuam. Quando há movimento da classe médica, de reivindicação, continua nas instituições governamentais, não é nas instituições privadas, não.

LO - Por que o senhor colocou que na década de [19]50, na época daquele movimento, havia um predomínio da entidade pública, como mantenedora de assalariamento dos médicos.

OB - É.

LO - É que hoje teria havido uma inversão, quer dizer, o que acontece, a partir da década de [19]60? Houve uma inversão e o predomínio hoje é da entidade privada enquanto padrão do médico. Eu acho que é essa a questão, não é?

MC - Não. É que o setor privado hoje em dia cresceu bastante.

OB - Cresceu.

MC - Os hospitais privados são em muito mais quantidade que os hospitais públicos. A que o senhor atribui isso? Essa mudança? Parece que hoje em dia, em termos de assistência, 70% são de hospitais privados e 30% hospitais públicos. A que o senhor atribui essas mudanças?

OB - É, inclusive esses convênios não existiam nessa fase até 1953, quando falo. Hoje a quantidade de convênios é uma coisa enorme. Agora, por que esses convênios? Porque o número de hospitais públicos não é suficiente, então começaram a criar isso. Você vê um hospital, como eu citei outro dia mesmo quando tive com vocês, um hospital como o Hospital dos Marítimos, que na época que acabou de ser construído foi criticado duramente como um hospital pequeno ou grande, que é um absurdo fazer um hospital daquele tamanho. Em menos de dois ou três anos estava lotado, lotado! Estava insuficiente. Quer dizer, o crescimento de população também, nas capitais, é uma coisa tremenda. Eu acho que uma das causas é essa. O crescimento do Rio de Janeiro é uma coisa impressionante.

LO - O senhor acha que o estado não teria capacidade de atender a esse volume populacional?

OB - Eu acho meio difícil. Você vê que hoje a quantidade de convênios com hospitais particulares está crescendo de uma maneira bárbara. Olha, a casa de saúde que eu opero, a minha clínica particular, lá na Casa de saúde São Sebastião, ainda hoje eu estive lá, está havendo, casa está cheia, por que? Porque está só com convênio, tem convênio lá que é uma... Quer dizer, é aumento populacional aqui, criando isso. Que aqui o fenômeno no

Brasil, o sujeito vem para periferia em vez de ir para dentro. Eu acredito que em São Paulo é a mesma coisa, tenho essa impressão. Agora, você vê que essas coisas todas condicionam falhas gravíssimas, não é? Você vê que está aparecendo aí nesses convênios, irregularidades tremendas. Todo dia você abre o jornal e vê irregularidade, o sujeito está apresentando contas que não existiam, tratamentos que não eram necessários, tudo isso é falho.

MC - Mas, por que esses tipos de situações estão acontecendo?

OB - Porque eu acho que é o sistema, não é? Você vê, em todo lugar está havendo roubalheira. No setor médico, agora, parece que é um negócio impressionante nessa parte de convênio, porque é no Brasil inteiro. Você vê no sul, Paraná, em todo lugar têm surgido coisas incríveis nesses convênios. Tem chance de o sujeito roubar, porque há condições para isso.

LO - Então, o médico mudou?

OB - Não! O médico mudou, mudou o sistema, é o que está aí mudando, o médico acompanha. Por que o médico há de ser o sacrificado disso e o criticado?

LO - Não, ele podia tirar a batina. Mas não precisava ter montado uma banca de vendas.

OB - Pois é! Mas não é só no setor médico que você está vendo isso. Você está vendo, agora mesmo está esse "pacotão"* , eles estão querendo por todos os lados burlar o "pacotão", em tudo. Eu tenho a impressão de que o negócio é uma coisa mais... é o sistema que não está certo, está qualquer coisa de errado.

MC - Doutor Odilon, eu estava colocando o seguinte: o problema do aumento dos convênios, da proliferação de empresas privadas na área...

OB - E por que isso não tem funcionado direito? Por que? Qual é a razão? Não funciona direito. Em todo lugar você vê irregularidades, cada vez eles estão, agora mesmo Golden Cross, ITAÚ e tudo, eles fazem um sistema. Eu não sei se vocês já tiveram oportunidade de ver contrato de companhia de seguro de automóvel. Você olha quando eles vêm fazer a proposta do contrato, aquilo é uma maravilha. Mas você não tem a maioria, digamos que 80% das pessoas que fazem contrato, não leem aquelas letras pequenininhas que estão lá no contrato, e ali é que está a tapeação. Está acontecendo a mesma coisa com os convênios de Golden Cross, ITAÚ e AMIL, quando o sujeito chega na hora. - Ah, isso não paga, isso, não sei o quê, tem que pagar. Quer dizer, estamos morrendo! Agora, a culpa disso de quem é? É da classe médica? Inclusive não é a classe médica que dirige isso. A classe médica é assalariada lá dentro. E está havendo burla de todo jeito, todo mundo... Ah, mas é que você não leu aquele negócio todo. O senhor paga internação para isso, para aquilo ... Eles burlam de todo jeito, esse que é o fato. Agora, a culpa é da classe médica, a classe médica pode resolver alguma coisa? Não pode.

* Pacotão - Plano econômico do governo Sarney que transformou a moeda brasileira em cruzado, congelando preços e salários durante um ano".

LO - O senhor acredita que essa necessidade de grandes investimentos em capital fixo, em inovações tecnológicas, tenha condicionado o desenvolvimento dessas empresas médicas, em detrimento do profissional liberal?

OB - Não, eu acho que se o governo até investisse mais na parte técnica e na pesquisa, seria muito melhor. É que não investe. O investimento, você vê que o investimento que existe para o Ministério da Educação. Você vê uma organização como Manguinhos, por exemplo, o que eles recebem de remuneração do governo? Nenhuma! E é um centro formidável, que foi escangalhado em 1964. Agora que estão voltando as grandes figuras de Manguinhos. Quer dizer, nós vamos chegar, é o negócio que eu digo: o sistema está muito ruim.

LO - E por que o senhor acha que eles não investem? Uma decisão política?

OB - Eu acho, porque eles têm outras fontes de renda melhores. Investe-se muito mais em material de guerra, investe-se muito mais que em material de saúde. Você vê o que existe no orçamento do Ministério da Educação, do Ministério da Saúde, e do Ministério do Exército. Vê a diferença.

NM - Doutor Odilon, entre 1960, quando foi aprovada a Lei Orgânica da Previdência Social, e 1964, houve dentro dos antigos IAPs o chamado colegiado. A assistência do colegiado modificou alguma coisa para a atenção médica?

OB - Esses colegiados funcionaram sempre muito mal, funcionaram para fazer reclame, porque eu nunca vi nenhum colegiado, de nenhuma dessas instituições que funcionasse no sentido de fazer urna seleção técnica. Nunca vi fazer isso, uma seleção para chefia de serviços, não digamos com concurso, mas pelo menos, com uma verificação do trabalho profissional. Nunca vi. Esses colegiados ficaram todos no papel, essa que é a verdade. Qual é o hospital aí que o colegiado funcionou? Eu não sei!

MC - É porque com a LOPS, com essa Lei Orgânica da Previdência Social, as direções dos institutos começaram a ser eleitas pelos representantes dos trabalhadores e das empresas, e também a nomeação do quadro do governo, dos seus representantes, e aí houve uma modificação grande, não é, na direção desses institutos?

OB - Mas continuou, essas instituições todas continuaram sempre com uma função política muito grande, de arranjar emprego para políticos, para apaniguagem de políticos, foi sempre essa. Nunca vi fazer concurso para escolher chefias, nem nada. Essa é a verdade. Isso consta no papel, mas no real não existe.

MC - Por exemplo, na época da direção, que foi presidente o Valdir Simões, o senhor lembra dele?

OB - Muito, muito. Foi presidente do Instituto...

LO - O que o senhor lembra da gestão dele?

OB - Não foi das melhores, não. Sendo que o irmão dele, então, esse não é brincadeira! O tal do, como é o...

MC - Leo Simões?*

OB - Leo Simões. Dizem que é sócio do filho do Figueiredo**. Esse só fazia politicagem lá dentro, essa que é a verdade.

MC - O senhor se lembra se já ouviu falar da gestão do Valdir Simões, que foi na época do colegiado? Vê se o senhor se lembra assim de ouvir falar.

OB - Eu sempre ouvi falar isso, que era uma politicagem tremenda lá dentro, para arranjar emprego e pistolão para tudo. É o que eu ouvia falar lá, eu estava lá no meu setor operando...

MC - E isso não se refletia no Hospital dos Marítimos, não?

OB - Não, essa parte quanto à estrutura e ao serviço do hospital sempre foi muito bem servido da parte de médico. Lá nos marítimos foi sempre muito bom. Depois é que o serviço começou a aumentar demais. Mas, inclusive o IPASE, o Bancários, e o Marítimos tinham uma parte de sessões médicas, feita pelos médicos, muito bem feita, mas aquilo não tinha nenhuma relação com a administração.

MC - De sessões?

OB - Sessões de discussão, discutia assuntos médicos e apresentação de casos, de tudo. Eram feitos no IPASE, nos Bancários e nos Marítimos, muito bem organizado.

MC - O senhor quer dizer os centros de estudos?

OB - Centros de estudos.

NM - Doutor Odilon, era muito, comum chegar pedido de políticos, deputados, vereadores, pedindo facilidades, pistolões de atendimento?

OB - Era, isso vinha de vez em quando. Vinham pedidos e geralmente iam para os diretores, não iam direto para as equipes médicas; eles iam para direção, para o diretor médico, iam pedir tudo.

MC - Qual era o tipo de pedidos que eles faziam?

OB - Não, aí eram até certas coisas humanas, como por exemplo, recomendar um determinado doente, e tudo. Agora, do ponto de vista de irregularidades de tratamento não existia.

LO - Furar fila, operar antes, essas coisas?

OB - Olha, eu peguei uma época dos marítimos que lá no meu hospital não tinha fila, não tinha fila. Hoje é que vejo falar, já depois que eu me aposentei e tudo, que é uma dificu... Não é ouvir falar não, eu sei. O sujeito, às vezes, dá dois, três meses para arranjar uma

* Médico, Deputado Federal eleito pelo PDS do Rio de Janeiro.

** Faz alusão ao filho do Presidente Figueiredo.

vaga. Por isso que eu digo: mudou, tudo isso mudou muito, e o acréscimo de população é uma coisa muito grande. No meu tempo, até quando eu saí de lá, na década de 1960, não tinha esse negócio de fila esperando para operar, não, não tinha isso.

MC - O senhor considera a questão do crescimento populacional uma questão básica para todas as deficiências?

OB - Ah, sim, sim. Em tudo, tudo, você sente em tudo... Exemplos simples: essa rua que eu moro, quando eu vim morar aqui, aqui não tinha, só tinha casas. Hoje não tem mais nenhuma casa a não ser essa aqui do lado. E você, nessa rua hoje, tem quatro filas de automóveis, inclusive nas calçadas. Negócio está todo assim, uma coisa terrível! Quatro filas de automóveis você tem aí. É a mesma coisa no hospital. Há uns três anos atrás, eu estava jantando aqui em casa, e um amigo meu telefonou, tinha sofrido um acidente de automóvel. Estava internado numa casa de saúde, aquela Casa de Saúde de Santa Teresinha, na Tijuca. E ele sofreu, ele bateu com o guidão, disse que destruiu a arcada dentária dele, estava toda ela quebrada, e ele estava precisando ter um atendimento não de médico, mas de dentista. Lá na Casa de Saúde eles não tinham. Eu cheguei lá, eles não tinham, e até me indicaram: "O senhor vai aqui perto da Praça Saens Peña, tem um serviço dentário lá, uma clínica particular". Fui lá, a clínica estava fechada, aí eu lembrei de pegar... Ele aí já estava no meu carro, sangrando bastante, e eu disse: "Vou levar você lá no Sousa Aguiar". Quando cheguei no Sousa Aguiar devia ser mais ou menos umas dez horas da noite, dez e meia. Tinha uma fila para atendimento, uma coisa incrível! Eu vi, e eu mesmo dizendo que era médico do fulano de tal, o sujeito: "O senhor tem que esperar aqui." Eu acabei trazendo ele para um dentista aqui, um serviço particular que tem na esquina de Xavier da Silveira com Rua Copacabana, que trabalhava dia e noite. E ali eles fizeram a extração de dentes dele. Quer dizer, às dez horas da noite, você vai num serviço desse, tem uma fila incrível! Incrível! Você vê, o sujeito para chegar, para ser atendido no hospital da Penha, aquele Hospital Getúlio Vargas, chega lá às cinco horas da manhã, quatro horas da manhã para ficar na calçada dormindo, para esperar para ser atendido, um negócio terrível. Quer dizer, é difícil para organizar isso tudo, não é fácil não, não é fácil.

MC - O senhor acha que com a unificação dos institutos, o que aconteceu?

OB - Ah, isso eu já falei outro dia. Eu acho que o atendimento anterior, com aquela, de diversas classes, IAPM, IAPB, IAPC, o serviço era mais bem organizado. Era mais fácil de organizar, inclusive havia por parte da classe um conhecimento do serviço do hospital da sua classe. Ele já chegava lá, procurava o Doutor Fulano, Doutor Sicrano, que ele já conhecia. Você tinha clientes que já conheciam você de muito tempo, você só tinha, por exemplo, no Hospital dos Marítimos só se atendia marítimos...

Fita 5 - Lado B

OB - No meu tempo, no Hospital dos Marítimos, eu era chefe do serviço de cirurgia, tinha uma equipe grande. Quando o indivíduo operava um doente, o médico que operava aquele doente é quem acompanhava o tratamento. Hoje, a quantidade é tão grande, que veja você, opera-se um doente, às vezes você não vê mais. Esse doente fica entregue a outras equipes que estão no plantão. Isso não existia antigamente, não existia. E hoje é assim, é muito comum o sujeito dizer: "Fui operado pelo doutor Fulano de tal, vi no dia da operação, nunca mais vi". Porque é uma rotação de plantões, o negócio está muito diferente do que era até a década de [19]60, muito diferente, aumento muito também.

MC - Odilon, mas vejamos a seguinte situação: eu sou operário metalúrgico, sou ligado ao IAPI, mas não tem hospital, e a partir da unificação eu tenho possibilidade de ser atendido no Hospital da Lagoa, dos Bancários, ou no Hospital do Andaraí...

OB - Oh! Mas por que o IAPI não tinha e os outros tinham? Eles que fizessem.

MC - E por que não tinham?

OB - Ah, não sei! Esse é um problema que eu não sei. Você quer que eu saiba tudo? (risos) Por que as outras classes tinham, e os industriários não tinham?

LO - Mas, o senhor há de concordar que pensando do ponto de vista do operário, do trabalhador, não é, que não tinha hospital, de repente ele tem a oportunidade de ter acesso ao Hospital da Lagoa, Hospital dos Marítimos.

OB - É muito mais provável que os industriários não tenham tido nenhum interesse em resolver isso, isso que é bem mais provável. Por que as outras classes tinham os seus institutos e a classe dos industriários, que era dirigida por esses magnatas aí, nunca tiveram, por que? Talvez o defeito não seja, o defeito venha daí.

MC - É, o senhor poderia continuar a responder isso.

OB - Pois é, o defeito veio deles não quererem favorecer uma instituição. Por que razão, também nunca entendi isso. Por que existem Bancários, Comercários, Marítimos, Ferroviários, e não existem Industriários, por que? O Instituto dos Industriários foi sempre por convênio, sempre. Deve haver alguma malandragem nisso.

MC - O senhor disse que quem estava na direção do IAPI eram magnatas. O que quer dizer isso?

OB - Não, eu não, disse do IAPI. Eu disse dos Indus... depois era do IAPI, sim. São eles que mandam, os donos de fábrica e tudo é que mandam. Você não acha que não é não?

LO - O senhor acha que tem alguma relação entre a direção do IAPI, quer dizer, esses teóricos do IAPI, os técnicos do IAPI, e a política defendida pelo IAPI, não é? Quer dizer, como é que o senhor identifica a presença, o trabalho desses cardeais do IAPI. O senhor conhece eles? O senhor já ouvi falar?

OB - Esses cardeais têm... todas as classes têm cardeais, mas na classe dos industriários deve ter mais, (risos) deve ter mais. Eu acho que o negócio é aquela luta de sempre, é o sistema que está errado (risos). Isso é característico. Isso, você vê o metalúrgico: para ter um instituto é uma dificuldade, por que? Por que eles não tinham, por que?

MC - Na época o senhor ouviu falar por que?

OB - Eu não, porque estava metido lá no meu instituto, não estava no deles.

LO - Mas o senhor não se perguntava por que eles não tinham assistência médica?

OB - Perguntava, mas eu vivia mais ligado a meu serviço da...

MC - O senhor acompanhou esse processo da unificação?

OB - Não.

MC - Nem as reações do...

OB - Eu de 1964 para cá, de 1964 para cá, eu não participei de coisa nenhuma, nem era chamado para coisa nenhuma. Fiquei num canto lá até me aposentar.

MC - Isso em que ano?

OB - 1964.

MC - A aposentadoria foi em 1964?

OB - Hein?

MC - O senhor fala, o senhor ficou encostado em 1964, como é que...

OB - Não, me aposentei eu acho que 1968 ou 1967.

NM - No IAPM?

OB - Quando eu fiz 35, quer dizer, 35 anos, não? 33, não é?

LO - No IAPM, ou já era INPS?

OB - Quando eu me aposentei já era INPS?

MC - E o senhor não se lembra dessa situação...

OB - Não porque eu estou dizendo, fui posto de lado. Eu era chefe do serviço de cirurgia de 1933 a 1964. Em 1964, primeiro de abril de 1964 eu tive a honra de ser destituído da ...

LO - É, o senhor contou...

OB - Isso para mim, quando eu estiver lá, sete palmos abaixo da terra, meus netos vão dizer: "Meu avô, naquela época, foi punido." Isso é uma honra para família e tal... Pode falar.

MC - Mas o senhor estava encostado, mas estava vendo as coisas, ou não?

OB - Sim, mas você não vê com a mesma eficiência do que quando você está em trabalho, não vê mesmo. E eu mesmo procurava me afastar um pouco.

MC - O senhor sentiu alguma mudança, lá no Hospital do Andaraí? O senhor lá encostado, se o senhor viu algumas mudanças?

OB - Vi, vi uns chefes péssimos lá, péssimos! Eu até nem me lembro. Um deles, que morreu, era um vigarista terrível. Eu nem me lembro mais do nome deles. Mas as escolhas foram muito ruins, inclusive veio esse cara, esse Armando Falcão também, na época. Não, Armando Falcão foi anterior, foi no tempo do Juscelino. Mas teve gente muito ruim lá.

LO - O senhor acha que caiu a qualidade do atendimento médico, mesmo na...

OB - A qualidade caiu.

NM - Mesmo no Hospital do Andaraí?

OB - Mesmo no Hospital do Andaraí. Piorou por causa do acúmulo de serviço, porque as equipes médicas continuavam as mesmas, mas houve um acúmulo de serviço com essa unificação, uma coisa tremenda. Tanto que o hospital teve que fazer novas obras, teve que fazer o aumento do hospital, uma ampliação grande, uma ampliação grande! E o hospital que já era um grande hospital, modificou-se muito. Olha aqui, há uns cinco anos atrás, cinco, seis anos atrás, o meu assistente, o Geraldo Monteiro de Castro, foi operado de uma hérnia de urgência, e eu fui visitá-lo no hospital. Eu me lembro que eu cheguei lá, e começou com o seguinte: "Olha, eu fui da fundação do Instituto." Entrei lá, quase fui barrado, porque não me conheciam. E afinal tinha um jardineiro lá, um português, que disse: "Doutor Odilon, o senhor por aqui, e tal." E aí ele falou com o porteiro, que eu tinha sido chefe de lá e tal. Eu fui ao oitavo andar. Para descer do oitavo andar, na volta, fiquei esperando o elevador, acho que mais de dez minutos, porque os elevadores passam cheios. É um negócio impressionante. O aumento de serviço é realmente impressionante. Você chega num desses hospitais, você fica impressionado. E a gente, você sente, mesmo sendo leigo, sente que a estrutura do hospital, a parte mesmo, que ele é pequeno para aquilo, você sente isso. É só você chegar, não sei se vocês já tiveram oportunidade, vai em um hospital desses assim, por volta de nove horas da manhã. É um movimento brutal, brutal!

LO - Dos antigos companheiros do senhor, do hospital, o senhor foi o único cassado lá dentro do hospital?

OB - Não. Fui eu, o Soares Brandão, o Osmar... como é o nome? Eu não me lembro, e tem mais um, fomos quatro, quatro cassados lá dentro.

LO - Ficaram num processo parecido? Ficaram encostados?

OB - Encostados. Tiraram das chefias. Tiraram das chefias e respondemos a um inquérito lá. Um oficial de marinha que tomava conta.

LO - E a equipe permaneceu basicamente a mesma, o resto da equipe permaneceu no hospital?

OB - Permaneceu. Os meus assistentes ficaram no meu lugar lá.

LO - Como é que o senhor interpretou esse tipo de coisa, quer dizer, o senhor teria alguma restrição a fazer à continuação desses colegas?

OB - Não, pelo contrário, eu até pedi a eles para que continuassem colaborando com o serviço, com a clínica, que eu tinha grande amizade lá, àquele serviço. Fui para lá até... eu saí da escola em 1932, entrei para o Instituto dos Marítimos em 1933. Aquilo ali tomava amizade àquilo ali. Inclusive um de meus assistentes, que trabalhava comigo desde 1942, o Geraldo Monteiro de Castro, esse que eu falei que foi operado, até hoje está lá. O Mario Machado Monteiro, que também foi meu assistente, se aposentou, mas continua ainda na clínica cirúrgica, ficou...

LO - E o período do "Milagre Brasileiro", nos anos de 1970, é de grandes modificações na política do país. É inversão, em grandes projetos para ônibus, como é que isso refletiu na Medicina, e como é que isso refletiu no hospital que o senhor acompanhou, no Hospital do Andaraí?

OB - Eu já não estava mais nessa fase no Hospital do Andaraí.

LO - Mas, o senhor ouviu e sabia mais ou menos o que estava acontecendo?

OB - Eu sou um pouco... para responder isso, tenho uma má vontade tão grande, quanto ao Movimento de 1964, que a minha opinião é sempre um pouco, uma opinião sectária. Porque eu vejo e sinto com a maior má vontade. Eu acho que esses anos, esses 20 anos, foram 20 anos de desgraça para o país. De maneira que eu me sinto em dificuldade para responder isso.

MC - O senhor foi incomodado, na época do Médici, houve algum tipo, o senhor ou familiar do senhor foi incomodado nessa época do Médici?

OB - Não, não.

MC - Que era aquela época do "Milagre Econômico"?

OB - Não, nunca fui. Não fui, não fui não.

MC - O senhor tem aquele diploma, que o senhor mostrou lá ao chefe da...

OB - Ah, não, aquilo foi em 1964. Mas, aquele diploma deve ter feito certo efeito.

MC - Doutor Odilon, depois de 1964 o senhor não deixou de trabalhar, o senhor continua trabalhando?

OB - Continuo. Eu sou chefe de cirurgia do Hospital da Ordem Terceira da Penitência.

LO - É mesmo!

OB - Sou. Sou o chefe de serviço lá. Aliás, a minha clínica foi fundada por meu pai. Ele foi o primeiro chefe, depois foi o Mário Martins de Mello. Mário Martins de Mello também morreu, fiquei eu, e até hoje estou lá. Aliás, o hospital está numa situação muito difícil. O hospital da Ordem, o Hospital está numa crise tão grande, que eles estão desde janeiro sem pagar aos médicos e aos funcionários, estão numa crise terrível. O hospital que tinha um patrimônio enorme, foi praticamente dilapidado. A Ordem da Penitência é uma das ordens mais antigas do Rio de Janeiro. Ela foi fundada em 1600 e pouco, a

Ordem. E ela tinha patrimônio, parece que tinha 800 propriedades, aqui no Rio, da Ordem. Assim, por passagem, para você ver o que ela tinha: lembra do Edifício Carioca, aquele edifício grande, no Largo da Carioca, era da Ordem. O edifício foi desapropriado; o edifício da Casa Garcia, o Edifício São Francisco, na Avenida Central, foi vendido; o edifício da Casa Ouvidor, é esquina de Ouvidor com Uruguaiana, que tinha uma sapataria grande ali, foi vendido. O edifício da Casa Sucena, onde tem aquele *Mc Donald's*, na avenida ali embaixo, que tem 32 andares, sei que aquele edifício hoje, eu acho que resta da Ordem 12 ou 13 andares. E outras coisas, o lado direito da Rua da Carioca, que vem da Praça Tiradentes ao Largo da Carioca, praticamente todo ele era da Ordem. Mas aquele, inclusive, foi tombado, de maneira que eles não podem fazer modificação ali, e os aluguéis são muito baratos, muito baixos. Não é que a Ordem está numa situação realmente muito difícil?

LO - O senhor acredita que esse modelo da filantropia já esgotou?

OB - Já está esgotado, eles têm que modificar porque eles não... Antigamente, por exemplo, quando a Ordem foi fundada, eu fui para lá. Na Ordem o indivíduo que pagava uma ninharia, o sujeito tinha direito à hospitalização e tinha direito à consulta com fornecimentos de remédio, de medicamento. Isso hoje não dá mais, houve uma modificação tão grande nesse sistema, que não dá mais. Imagine uma instituição dar remédio de graça, não dá. Tudo isso mudou muito, mudou muito.

MC - E ela vive basicamente de que hoje em dia?

OB - Ela tem um prédio lá na parte de trás, o prédio novo que tem uma parte de geriatria e que alugam para os "irmãos" e para gente de fora. Alugam quartos ou apartamentos para pessoas velhas, dá uma renda muito pequena. O que dava renda antigamente era a parte médica, a parte de internamento. Mas o negócio foi cada vez se agravando, e eles tinham também um convênio com o INAMPS, mas esse convênio era muito mal pago, e custavam muito a pagar. Esse convênio acabou, e eles estão agora procurando fazer convênio para poder levantar a Ordem.

LO - O senhor sabe por que é que...

OB - Sabe outra instituição que era assim? Essa chegou a fechar; é a São Francisco de Paula, ali na Quinta da Boa Vista, aquele hospital da Quinta fechou, acabou! E há quem diga que a Ordem do Carmo também não está bem. É o tal problema, a Medicina é caríssima hoje, muito cara. É um problema sério! Um leito de hospital hoje, o único leito barato, é o leito, quer dizer, relativamente barato, é o leito de Psiquiatria. Esse é um leito barato, mas o leito de cirurgia, de ginecologia, e todas as cirurgias especializadas, são leitos caríssimos.

NM - O senhor teria alguma proposta para a Previdência Social hoje?

OB - Não, eu não sou técnico para isso, não, não.

NM - O senhor acredita que o problema seja técnico?

OB - Não, eu acho que o problema é de organização deles. Realmente, dessa parte econômica deles, não conheço bem, não.

MC - Doutor Odilon, o senhor além de trabalhar na Ordem da Penitência, na Ordem Terceira da Penitência...

OB - Tenho o meu consultório particular.

MC - O senhor tem o consultório...

OB - Particular.

MC - Então o senhor divide. Como é que o senhor divide o seu trabalho? De manhã o senhor trabalha lá...

OB - Não, de manhã lá na Ordem eu tenho meu serviço com quatro assistentes. Eu vou quase que diariamente lá, e quando tem operações, eu opero lá. Agora, quando eu tenho operações da clínica particular, eu opero na Casa de Saúde São Sebastião, ainda hoje eu operei no São Sebastião. Amanhã de manhã eu vou operar no São Sebastião. E a Ordem está muito parada agora, muito por problemas econômicos. Basta dizer que a classe médica não vive daquele ordenado da Ordem. Inclusive eles pagam muito pouco. Mas os enfermeiros, serventes, estão lá sem receber durante não sei quantos meses. É um problema sério.

LO - Os leitos que estão ocupados, permanecem ocupados?

OB - Não, baixou muito. Tem muito pouca coisa internada. O meu andar, por exemplo, o sétimo andar do edifício novo está fechado. Está em crise mesmo. Aliás, vocês viram nos jornais aí, eles comentaram.

LO - O senhor acredita que a Previdência Social poderia fornecer algum tipo de solução, a Previdência Social estatal...

OB - Eu acho que para essas instituições, esses convênios... bancos, isso poderia auxiliar bastante. E eu acho que é a única salvação para essas organizações. Porque pelo sistema antigo que elas viviam, o negócio não dá para viver, não dá, de jeito nenhum. Tem que recorrer a esses convênios, e parece que eles estão tentando, estão tentando. Parece que tem lá uns três ou quatro bancos, estão interessados. Mas, aí já vai pegar um abacaxi de início, porque tem folha de pagamento dos médicos. Eu, por exemplo, estou sem receber desde janeiro. Mas, tem alguns colegas que não recebem desde agosto, quer dizer, quase que um ano. Você já imaginou o que é isso? E se essa gente... e muitos deles estão entrando no Ministério do Trabalho com ação. O que eles vão ter que pagar, quer dizer, a companhia que for para lá vai pegar já de início um problema sério.

NM - Agora, o senhor não acha no mínimo curioso que a Previdência Social estatal esteja mais interessada em fazer convênios com empresas privadas, não é? Sabidamente administradas por empresários, capitalistas que buscam lucro!

OB - É. Eu tenho a impressão que é mais fácil.

LO - É mais fácil do que fazer convênio com uma entidade tipo a Ordem, ou tipo...

OB - É, eu tenho a impressão que... Não, uma entidade tipo a Ordem, acho que não é difícil não. Agora, tem uma parte difícil nisso que é o seguinte: essas ordens têm uma organização interna, a parte administrativa, ficam sujeitas a umas mesas diretoras, que às vezes bloqueiam. O diretor chama-se irmão ministro, o que eles botam lá, e fica, bloqueiam muito, todas às vezes que eles querem fazer uma modificação. Essa mesa diretora, que é composta às vezes de uns portugueses que não entendem nada daquilo, dificultam por tudo. De maneira que essas organizações tipo Ordem do Carmo, Ordem da Penitência, a São Francisco de Paula fechou, Beneficência Portuguesa, têm essa dificuldade. Essas mesas diretoras não estão entregues, por exemplo... A parte de direção hospitalar está entregue a um sujeito que... alguns que não são médicos, e não entendem nada daquilo. É um negócio difícil, contraditório, contraditório. Eu tenho a impressão de que eles têm inclusive, que modificar essa estrutura das Ordens. É um negócio que vem... A Ordem da Penitência é de 1600 e pouco.

LO - Doutor Odilon, deixa eu tentar entender a sua colocação. O senhor acredita, então, que é mais fácil a Ordem se salvar através de uma entidade particular, do que recorrendo à Previdência Social?

OB - Com a Previdência Social ela era muito mal paga. Ela teve convênio lá, esse convênio estava sempre atrasado. Eu tenho a impressão de que com uma entidade particular seja mais fácil. Tipo Bradesco, essas coisas, Itaú.

LO - O senhor sabe quando está operando um doente da Previdência Social? O senhor sabe, no caso de um doente, no hospital que o senhor esteja, um doente que esteja lá por contrato, por convênio. O senhor opera previdenciário?

OB - Não, eu não tenho convênio nenhum, eu não... já estou velho para esse negócio de convênio, eu não tenho convênio nenhum. Mas tenho a impressão de que o tratamento nos lugares que eu frequento, na Casa de Saúde São Sebastião, por exemplo, o tratamento é bom. Agora, eu não tenho convênio nenhum. Agora, eu opero muito, às vezes é muito comum, porque tem tanto no Bradesco que é a Golden Cross, como não sei se a AMIL também tem, tem possibilidade de o doente ser operado por médico de fora. Eu já operei muito doente, depois eu recebo da Golden Cross, eles pagam, mas dentro de uma tabela deles muito mais baixa do que a tabela que nos médicos particulares cobramos.

LO - Bem mais baixa?

OB - Bem mais baixa, bem mais baixa, bem mais baixa.

MC - Doutor Odilon, o senhor falou, eu não sei, eu vou falar uma coisa agora, que precisava que o senhor confirmasse. Pelo que parece é uma das primeiras, é a primeira entrevista em que o senhor fala mais da sua trajetória profissional.

OB - É verdade.

MC - É verdade?

OB - É.

MC - E eu gostaria de explorar um pouco uma parte que parece o senhor quase não falou, que é a sua família mesmo. O senhor é casado?

OB - Sou casado, tenho uma filha, tenho três netos, e o meu neto mais velho está com 23 anos, forma-se esse ano em Medicina, e tem o nome de papai. Chama-se Pedro Ernesto, forma-se esse ano, ele é da UERJ.

MC - Da UERJ?

OB - É.

NM - Seguindo a tradição política?

OB - Ele também está querendo fazer cirurgia e ginecologia, e obstetrícia, que eu não faço, ele também está querendo. Politicamente ele não é um rapaz esclarecido, mas eu não tenho visto muita atividade política nele...

MC - Conspira por aí, não?

OB - Pelo menos que eu saiba, não (risos). Mas eu vejo que as posições, as opiniões dele, são sempre bastante agradáveis à minha pessoa, para minha pessoa, para minha maneira de pensar. O outro meu neto é músico.

LO - Músico?

OB - É. E está com... Eu tenho um com 23, um com 21, 22. Vai fazer 22, e minha filha ficou viúva, casou de novo, e tem outro que vai fazer oito anos. Esse, o segundo, é músico. Ele tem, inclusive, ele montou com os companheiros uma gravadora. Ele tem uma gravadora ali aquela rua ali, Rua da Passagem, em Botafogo. Esse é bem afastado da política, é bem lá até para o negócio de músico. Já o Pedro, já se interessa mais.

LO - (TI)

OB - É, o Pedro Ernesto. Minha família também ainda tem minha irmã, que mora até... porque esse prédio aqui, que nós moramos, foi o prédio que morava meu pai. Quando ele morreu, nós vendemos; foi a única coisa que ele nos deixou, foi essa casa, que por sinal nem estava no nome dele, estava no meu nome, e de minha irmã - nós éramos dois. E foi construído esse apartamento, que nós vendemos, e como gostamos da divisão, do projeto, minha irmã ficou com um apartamento e eu fiquei com outro. De maneira que eu moro aqui desde 1928 - aqui era a casa de papai.

LO - Desde 1928?

OB - É.

MC - Doutor Odilon, eu queria saber, nós queríamos saber do senhor, já que a gente viu tantas coisas da sua vida profissional, pessoal, política, se o senhor gostaria de acrescentar alguma coisa mais nossa entrevista. O senhor gostaria de falar mais alguma coisa que o senhor queira falar, ou...

LO - Esteja faltando.

OB - Não. Eu só não sei se eu falei com vocês que quando estive exilado, eu tive trabalhando na França. Trabalhei lá no serviço do professor Goffet, em Paris, no *Hospital San Salpêtrière*. Mas lá eu fiz um curso de cirurgia, não sei se eu falei isso antes com vocês. Depois que eu vim aqui para o Brasil, em 1943, eu tive uma bolsa de estudos, para ir para os Estados Unidos, para fazer um curso especializado no *Memorial Hospital de Nova Iorque*, que é um Centro só de cirurgia de câncer. Eu estive lá, e até tenho aquele diploma no consultório. Fora isso, eu também faço parte do Congresso Internacional de Câncer desde 1954. Eu faço parte do Congresso da Paz, cuja sede é lá na Finlândia, eu também faço parte.

MC - O senhor é médico, se não me engano, há 56 anos.

OB - Não.

MC - Mais?

OB - Cinquenta e... não me bota tão velho assim. Eu sou de 1932; há 54 anos.

MC - 54 anos, não é isso? Qual é a perspectiva do senhor, que o senhor vê para assistência médica, para condição do médico? Já que o senhor fez parte da Associação Médica, o senhor participou de todo esse processo e luta, tanto na área política, como também na área médica específica.

OB - Não, a área médica a gente vê que a Medicina está numa evolução espetacular, hoje você vê que quase só se morre de câncer, de moléstias do aparelho circulatório, porque o resto está quase tudo controlado, e de acidentes. Você vê a evolução da Medicina. Eu acredito muito na evolução da Medicina, acredito até em outra coisa que eu acredito também, que nós estamos caminhando rapidamente para solucionar os problemas do câncer. Acredito nisso, acho que o futuro disso está na quimioterapia. Você hoje vê que...

Data: 05/08/1986

Fita 6 – Lado A

OB - Deixa eu acabar de falar sobre essa questão de quimioterapia, também é interessante. Os resultados obtidos hoje com a quimioterapia são muito promissores. A quimioterapia só é utilizada, não em início de tratamento, geralmente são casos de evolução já para um terceiro grau, e no entanto nós estamos obtendo resultados de regressão tumoral, se não de cura, mas às vezes de, prolongar uma vida por mais quatro cinco anos, num indivíduo que está na faixa dos 60, 70 anos, isso é uma grande coisa. Isso já se encontra hoje com a quimioterapia, também com a cobaltoterapia, e com a cirurgia também. De maneira que a evolução é muito grande. Na parte de cardiologia a evolução também é imensa, hoje;

os resultados com as cirurgias cardíacas são... os jornais todos estão falando diariamente, o próprio povo pode perceber isso. De maneira que eu acredito que a medicina evolui em progressão geométrica.

NM - O senhor quer dizer então que nesse mundo conturbado, a Medicina ainda tem uma contribuição fundamental à humanidade?

OB - É claro. Quanto a isso é fundamental. Só se pode ter um país bem organizado e bem governado com um serviço de saúde pública bem feito, serviço médico bem feito. Se não tem disso não... nós vemos hoje situações como por exemplo na China, onde foi erradicada uma série de moléstias contagiosas, num tempo quase recorde, depois do advento do sistema socialista. A situação de Cuba também. O progresso de Cuba nessa parte de Medicina preventiva, eu sou otimista.

MC - O senhor não tem vontade de conhecer Cuba, doutor Odilon?

OB - Muita. Eu até tive agora um convite para ir mas, por problemas particulares, eu não pude. Mas tenho muita vontade de ir à Cuba.

MC - Doutor Odilon, eu queria fazer uma pergunta para o senhor. Há casos, na área da química, da física, de decepções dos cientistas em relação a certos descobrimentos, avanços científicos que foram feitos, mas utilizados para fins que não eram aqueles objetivados pelos cientistas.

OB - Na Medicina, no setor do câncer, é muito comum o indivíduo fazer experiências com o setor animal, e os resultados, às vezes, em determinado tipo de animal, é ultra positivo. Quando se vai fazer uma tentativa no gênero humano, o negócio não funciona. Eu me lembro que há anos atrás, nós tínhamos um pesquisador aqui que era um homem de grande valor, que era o Álvaro Osório de Almeida. Ele fez uma série de experiências para tratamento de câncer, com altas pressões de oxigênio. Ele botava o doente, no caso um animal doente, e muitas experiências foram feitas com cobaia - em cobaias e com coelhos - na época. E o resultado era espetacular. Nisso, ele até foi um pouco precipitado, porque ele gritou como se tivesse feito a descoberta do tratamento do câncer, sob a alta pressão do oxigênio. Quando foi feito, foi experimentado no gênero humano, foi um fracasso. Essas experiências foram feitas no Gaffreé Guinle. Quer dizer, ainda tem isso, não é, que às vezes o indivíduo tem decepções grandes.

MC - O que eu queria acrescentar à pergunta é no sentido das pesquisas que foram feitas, avanços científicos que foram desenvolvidos, mas que foram utilizados para fins políticos, militares. O senhor tem algum aspecto nessa Medicina que...

OB - Na Medicina nem tanto, mais na parte de Química, na parte de Química, por exemplo, a utilização de gases para guerra é um fato que já vem desde 1914. Agora, praticamente a parte médica não. Essa nunca foi utilizada, a não ser nas experiências do Hitler. Aí fez uma série de experiências no regime nazista, eles fizeram. Parece, aliás, que foi só no nazismo, porque parece que na Itália o fascismo não fez não, não fez esse tipo de experiência. Agora, utilizava remédios e coisas para fazer confissões, e purgativos para martirizar as pessoas, os presos e tal, isso foi utilizado.

MC - Doutor Odilon, eu estou me lembrando de que o senhor falou que o seu neto está se formando em Medicina.

OB - É.

MC - Já que a gente está falando sobre essa atuação da Medicina, e em vários momentos a gente também falou da relação da Medicina com a política, o que o senhor diria, para o seu neto? Nesse momento em que ele está se formando, em relação à perspectiva profissional dele, e mesmo ética, dentro da atividade dele?

OB - Eu diria que ele tem um *background* muito bom, que ele vá seguindo pelas posições que já encontrou na família. Meu pai, por exemplo, foi um homem que teve um sentido humanitário muito grande. Papai sempre foi, mesmo dentro da clínica particular dele, teve esse sentido, teve o sentido político também. Vendo dessa maneira eu aconselhei que ele siga a rota da família.

MC - E como é que o senhor se incluiria nisso, nessa rota?

OB - Eu também só tenho procurado, minha posição tem sido sempre essa, tem sido sempre nesse sentido, não é? Apesar de a Medicina hoje, a Medicina do sistema está muito cheia de charlatanismos e de... Você vê: essa semana eu acabei de ver um negócio que é doloroso para a classe médica. Você vê, inclusive, uma notícia de um jornal que dá o nome do médico, do cirurgião que vai fazer, vai fazer uma plástica na Renata Close, como é? Roberta Close. Quer dizer, Medicina está sendo utilizada até para isso. O sujeito fazer mamas na Roberta Close... Saiu no jornal com o nome do cirurgião que vai fazer! Quer dizer, isso é uma vergonha! Não uma vergonha só no ponto de vista, vamos dizer moral, de ética profissional, como também no ponto de vista médico. O sujeito implantar silicone no peito de um... é um corpo estranho. Nós que fazemos a especialidade, sabemos que todo corpo estranho em qualquer tecido é uma coisa que pode, inclusive, produzir câncer. Quer dizer, até sob o ponto de vista científico é uma coisa errada, e você vê aí. De maneira que a Medicina está muito, nesse ponto está muito... Eu faço votos para que meu neto pegue uma época melhor, melhor.

MC - Doutor Odilon, o senhor deve ter acompanhado, e deve estar acompanhando até agora, o caso dos médicos que fizeram concurso lá para Nova Iguaçu e...

OB - Eu não acompanhei bem.

MC - O senhor não acompanhou?

OB - Não acompanhei bem, não. Eles foram, eles estão se negando a ir?

MC - É, eles estão se negando a ir. Eles são médicos concursados, para Nova Iguaçu, fizeram concurso...

OB - E estão se negando por que razão?

MC - É...

OB - Aí é que é! Não é possível! Se o concurso, vamos dizer, se o concurso foi feito para aquela zona, e eles foram aprovados para isso, eles devem ir trabalhar lá, acho que aí está errado.

MC - E tanto é que está havendo um certo conflito entre o Sindicato dos Médicos e o INAMPS...

OB - O Sindicato está do lado deles é?

MC - Está do lado deles.

OB - Justificando o quê? Eu não tenho acompanhado bem isso.

MC - Eu também não tenho assim as justificativas deles. Algum de vocês tem?

OB - Porque se o concurso foi feito para médicos em Nova Iguaçu, o sujeito não vai querer ficar aqui, se a razão é essa, também pode ter outras razões, pode ter outras razões. Eu não sei. Você não sabe...

MC - Não sei quais são, quer dizer...

OB - O que eles alegam?

MC - É claro que para eles não estarem trabalhando lá em Nova Iguaçu, houve algum tipo de movimentação política, "pistolões"...

OB - Aí é que é o mal. É concurso às vezes feito à custa de "pistolão" político também, não é?

MC - Parece que de 120 médicos, só dez se apresentaram lá, não é?

OB - Isso eu vi no jornal, eu vi, que só dez se apresentaram.

MC - E estão trabalhando, os outros estão na Justiça.

OB - Agora, qual é o argumento que o indivíduo vai para Justiça, que eu não estou entendendo, não estou.

MC - O senhor se lembra de situações parecidas com essa, que o senhor tenha tido algum tipo de...

OB - Não. Não, o que tem havido, há sempre esse problema do "pistolão" aqui no Brasil. É uma coisa já de longa data, que o indivíduo é nomeado, e depois designado, não quer ir para o lugar que é designado. Isso sempre existiu, existiu em alta escala, não é coisa nova não. O "pistolão", como chamam.

MC - "Pistolão." Doutor Odilon, o senhor quando falou sobre a mensagem para o seu neto, o senhor colocou logo, a primeira pessoa, o seu pai, Pedro Ernesto. Eu gostaria de que o senhor falasse um pouco mais, assim, sobre Pedro Ernesto, situações que o senhor

viveu com ele, já que parece que ele foi uma figura, um personagem muito forte, para o senhor é uma figura muito forte.

OB - Eu já falei bastante isso na universidade, em um dia em que você não veio. Eu não falei muito, falei!

MC - Está. O senhor teria algum outro...

OB - No começo da vida profissional dele, eu tenho a impressão de que falei.

MC - Mas é muito mais do senhor, quer dizer, a relação do senhor com ele.

NM - Por exemplo, me contaram uma história de uma "arte", que o senhor teria feito. Um caso de um jornal que levantava uma série de acusações...

OB - Ah, esse caso é...

NM - Aí o senhor não contou essa história para gente!

OB - Não, aí o negócio é o seguinte: o empastelamento do *Diário Carioca*.

NM - Empastelamento do *Diário Carioca*!

OB - Mas aí há uma informação errada. Inclusive essa informação está no livro do Foster Dulles. O livro do Foster Dulles em que ele diz que eu chefie o empastelamento do *Diário Carioca*, não é verdade. Na ocasião eu começava que eu tinha naquela época 24 anos, 23 ou 24 anos. E não tinha condições para chefiar um empastelamento, que foi feito pelos oficiais e pelos soldados do Primeiro Regimento de Cavalaria. Alguns deles ainda estão vivos. Aquele Malvino Reis, que foi da telefônica, que foi durante muito tempo presidente da telefônica, foi um dos chefes desse empastelamento. O que realmente aconteceu da minha parte é que eu estava na Casa de Saúde Pedro Ernesto, de plantão, para atender o pessoal que fosse ferido. Porque o negócio foi organizado, o empastelamento foi organizado na casa de saúde.

NM - E qual a justificativa do...

OB - A justificativa foi uma crise política tremenda na época, com o Clube Três de Outubro, que era dirigido pelos tenentes, e com alguns elementos políticos, principalmente políticos ligados à política antiga de São Paulo. O governo estava praticamente dividido, mas a quantidade de tenentes... Teve uma época em que os interventores aqui depois de 1930, em 1931, 1932 por aí, os interventores dos estados, só em Minas que não tinha militar, e aqui no Rio, que era meu pai, que era praticamente era o chefe da corrente do Clube Três de Outubro. E o Macedo Soares, o dono do *Diário Carioca*, é quem chefiava... Fazia uma campanha tremenda contra o Clube Três de Outubro. Campanha agressiva. Foi quando foi resolvido o empastelamento, porque naquela época... é uma forma de violência.

NM - Qual era o tipo de campanha que ele realizava?

OB - Ele não, ele procurava desmoralizar todos aqueles oficiais que estavam lá. Mas, uma campanha difamatória grande. Agora, hoje não justifico o empastelamento, não. Eu acho que o empastelamento foi uma medida também fascistóica, na época. Aquilo também foi, estava errado, foi errado. Inclusive quem sofreu no empastelamento foram os operários que estavam lá dentro. Porque o Macedo Soares teve uma... aliás, eu não sei se vocês conhecem o Macedo Soares. É um pederasta tremendo, conhecido, e naquele dia o empastelamento ficou com... O *Diário Carioca* era na Praça Tiradentes, ali ao lado onde hoje é a... já era naquela época, a Inspetoria de Veículos, então era ali na Praça Tiradentes, o prédio do lado era o *Diário Carioca*, ali. E ficou combinado que o Macedo ia todo dia às vezes às onze horas da noite para escrever o artigo. Ele era o diretor do jornal, tinha que escrever o artigo que ia sair no dia seguinte, o artigo de fundo do jornal. Então o empastelamento ficou marcado para aquela hora. Os oficiais marcaram e veio um caminhão, foram dois caminhões com tropa do Primeiro Regimento de Cavalaria, chefiados por Galvino Reis, pelo Augusto Amaral Peixoto, quem é que tinha? Tinha uma porção, chamamos de Quilombo, uma porção de oficiais, Wagner, Dagnei, depois foi até secretário na Prefeitura. Todos eles oficiais do Primeiro Regimento de Cavalaria. Eles empastelaram o jornal em menos de dez minutos, e saiu muita gente machucada. E o Macedo, que era o procurado, não estava lá porque era o aniversário do Doutor Afrânio de Mello Franco, e ele estava na casa do velho Afrânio de Mello Franco. E esse Foster Dulles, não sei porque, bota no livro. Eu tenho o livro dele, ele até esteve aqui em casa comigo. O Foster Dulles, o que o Ivo Meireles trouxe aqui numa noite para conversar comigo. E era um sujeito interessante, um camarada, o pai dele foi um dos piores elementos nos Estados Unidos, mas ele é um sujeito progressista, pelo menos como historiador. Agora, essa informação é inteiramente errada. Ele dá no livro que quem chefiou o movimento fui eu; não é verdade.

MC - Qual é o livro que o senhor está observando?

LO - *Anarquistas e Comunistas no Brasil?*

OB - É, é. Ele tem dois livros sobre o anarquismo; eu tenho dois livros dele.

MC - Sei, saiu recentemente um sobre comunismo no Brasil de 1938 a 1945.

OB - Cheio de erros!

MC - Cheio de erros?

OB - É, inclusive esse erro comigo. Você acha que eu tinha condições para chefiar um negócio daquele? Tinha 23 para 24 anos, e comandando dois caminhões de tropas, foi tropa que veio, tropa do Primeiro Regimento de Cavalaria.

NM - E a repercussão desse fato?

OB - E aí foi uma repercussão tremenda! Inclusive foi a queda do Luzardo, que era chefe de polícia, o que estava do lado de São... Já havia aquele ambiente, que depois foi, acabou com a explosão da Revolução de São Paulo, a nove de julho de 1932. A crise foi o empastelamento do *Diário Carioca*. O pessoal de São Paulo reclamou, aqueles políticos paulistas.

MC - Doutor Odilon, eu gostaria que o senhor, já que o senhor está mencionando esses fatos, gostaria que o senhor falasse um pouco sobre a prisão do senhor em 1937, 1936, o senhor foi preso...

OB - 1937.

MC - 1937?

OB - Eu já não falei isso também?

MC - O senhor ficou...

OB - Eu já falei.

MC - Mas eu acho que o senhor não falou sobre o contato que o senhor teve com outros revolucionários da época de 1935.

OB - Não falei? Eu acho, eu tenho a impressão que de falei, eu acho que falei nisso, não sei. Mas eu posso falar. Eu fui preso, estive exilado e fui julgado pelo Tribunal de Segurança Nacional, e absolvido. Os papéis que constavam contra mim eram os mesmos papéis que constavam contra meu pai. Meu pai foi condenado a três anos de prisão, e eu fui absolvido, para você ver como era aquele tribunal, como era um Tribunal de Exceção, era um tribunal que começava que nem o réu ficava presente ao julgamento. O negócio era feito, meu pai foi julgado com dois advogados defendendo ele, e ele nem estava presente, estava no hospital. Aí eu fui absolvido, e meu pai condenado. Eu aí resolvi, eu já estava aflito para voltar aqui para o Brasil, por causa de minha mãe, minha irmã, e voltei. Quando cheguei aqui no Brasil, cheguei em setembro, acho que foi em setembro de 1937. Meu pai foi logo, uns dias depois, foi julgado, teve o segundo julgamento pelo Tribunal de Segurança. Tribunal Militar, porque ele foi condenado a três anos de prisão no Tribunal, o Tribunal, como é que eles chamavam? Aí, meu Deus! Eu estava falando, agora me perdi. Tribunal de Segurança.

MC - Segurança Nacional.

OB - Ele foi julgado pelo Tribunal de Segurança Nacional, e condenado a três anos de prisão. Aí os advogados dele, que eram Mário Bulhões Pedreira e o Timpone, recorreram ao Supremo Tribunal Militar. Ele foi julgado dias depois que eu cheguei aqui, e foi absolvido pelo Tribunal Militar. Aí ele foi solto, isso em setembro de 1937. Ele ficou uns dias aqui no Rio, eu até tinha dito para ele: "Por que você não vai fazer uma viagem, não sai um pouco"; porque inclusive ele sofreu muito fisicamente com a prisão, ele esteve doente quase todo o tempo da prisão. E ele disse: - Não, eu vou a São Paulo. Ele aí estava um pouco comprometido com a política do Armando Sales e do Mangabeira. Para esse segundo julgamento do Tribunal Militar, eles, o Mangabeira e o Armando Sales, movimentaram bastante em favor dele. Fizeram pressão para ele ser absolvido, e tal. E o meu pai foi para São Paulo. Mas aí o governo já estava preparando o golpe de 1937. E no dia 12 de outubro, 12 de outubro de 1937 eu morava, aqui era a casa de meu pai, hoje é apartamento, aqui era a casa dele. Eu estava com uns amigos aqui, quando veio a notícia que ele tinha sido preso em São Paulo. Ele foi preso pela segunda vez, em São Paulo. Isso devia ser umas cinco da tarde, mais ou menos.

NM - O motivo dessa prisão?

OB - O motivo eles não deram, era um motivo, eles prenderam papai, prenderam o Otávio Mangabeira, prenderam o Euclides de Figueiredo, o pai do general, do João, prenderam vários políticos. Arturzinho Bernardes também foi preso. E a prisão de papai nós soubemos às dez horas, cinco horas da tarde, mais ou menos. Quando chegou sete horas da noite, chegou um camarada aqui que vinha convidar para ir prestar declarações na polícia. Aí minha mãe, que já estava um pouco nervosa e tal, disse: "Não, o senhor veio aqui, o senhor veio prender meu filho, não é?" "Não, absolutamente, a senhora fique sossegada, porque ele apenas vai lá para prestar declarações, várias pessoas já foram chamadas, inclusive já foram todos soltos..." Perguntou para mamãe: "A senhora conhece o doutor Nicanor de Nascimento?" Mamãe disse: "Conheço muito, é amigo de meu pai e tal." Disse: "Pois é, o doutor Nicanor esteve lá prestando declarações e já foi embora e tal e coisa." Aí eu pedi: "O senhor me dá licença de eu apanhar uma escova de dentes, um pente. Eu sei que essas declarações demoram muito e tal". O sujeito: "Não, não precisa. Eu disse: "Não, mas eu faço questão e tal." Aí eu entrei no carro. Lá no carro tinham mais dois lá dentro, dois tiras. Aí não me dirigiram mais a palavra. Não me dirigiram mais a palavra e me levaram para Polícia Central. Chegando lá, me botaram no terceiro andar, numa sala. Era delegado, nessa época, um sujeito chamado Israel Souto. "Ah, porque o senhor vai prestar declarações ao doutor Israel Souto, não sei o quê, o senhor espera aí." Eu fiquei lá. Isso deviam ser umas oito horas da noite, e eu fiquei esperando sozinho, naquela sala enorme. Quando chegou por volta de onze e meia para meia noite, entra um bruto crioulo lá na sala com uma máquina fotográfica, e um outro cara com uns papéis para aquele negócio de dedo e tal. Eu ainda perguntei: "Como é, o doutor Israel Souto chegou?" Ele disse: "Não, o senhor vai ser agora fichado aqui." E o negócio é gozado, eles te mandam tirar o paletó e tirar a gravata. Eu digo: "Mas, tirar a gravata por que?" Porque eu estava de paletó e gravata. "Porque comunista não tira retrato de gravata, e tal. Aí me ficharam, me ficharam lá. Disse: "Bom, agora o senhor vai mudar de sala." Eu digo: "Mas, eu não vou falar com o doutor Israel Souto?" Disse: "Não, o senhor vai para outra sala. Aí atravessei uma... nunca mais eu me esqueço isso. Isso foi em 1937. Atravessei um corredor, o terceiro andar era Polícia Central. Quando abriram a porta do lugar lá, tinha uma sala com grade, toda de grade, cheia de gente lá dentro. E o sujeito que estava na porta assim, segurando, era o Nicanor de Nascimento, era a primeira figura que eu vi. E lá tinha um bocado de gente presa, e misturado. Inclusive tinha o pessoal político, e tinha o pessoal preso também por crime lá. Era uma sala que dava normalmente para umas 12 pessoas, porque tinha cama, essa, tipo cama de beliche, uma em cima da outra, não sabe? E tinha lá uns quarenta e tantos sujeitos, inclusive um francês preso, um cafetão preso por causa do assassinato de um pierrô, foi uma mulher célebre que tem aí, que desapareceu, e que nunca mais foi encontrada essa mulher. Esse sujeito estava preso lá conosco. Aí eu fiquei preso 24 horas. Não, fiquei dois dias lá, No segundo dia de manhã, estava lá o Sampaio Lacerda, não sei se vocês conhecem o Sampaio Lacerda, na época era do Banco do Brasil.

MC - É líder bancário?

OB - Líder bancário, estava Pedro Paulo, Pedro Paulo Sampaio Lacerda, e 48 horas depois, de manhã cedo, chega um sujeito lá todo... um tipo de tira mesmo, chapéu, com óculos *ray ban*, e essa roupa, que chamam tubarão, uma roupa, sabe o que é tubarão, não é? Ele chamou: "Doutor Odilon Batista, prepare-se para sair." Aí foi uma festa, foi um tal de sujeito mandar recadinho, para mandar telefonar para casa, e o sujeito pedir para falar

com a mulher, o Pedro Paulo pedindo para dar recado lá para o irmão, e tudo. E "Ah, porque você vai embora, e não sei o quê, que bom e tal, que você vai?" Mas, eu não ia embora, não. Eles aí me tiraram, me botaram num carro, e me levaram para casa de correção. Na casa de correção eu tenho a impressão de que já falei esse negócio da outra vez, não falei?

LO - Falou brevemente, falou sim.

MC - Falou brevemente, o senhor não falou com detalhes.

OB - Na casa de correção, eu cheguei lá e fui levado para sala da capela. Estava o preso Otávio Mangabeira, o Euclides de Figueiredo, o Arturzinho Bernardes, um tal Coronel Eiras, que eu nunca vi esse homem, não sei, e o diretor do Hotel Copacabana, que não tinha nada com a história, dizia: "Não sei porque eu estou preso, eu sou um homem doente", e estava que estava. E eu fiquei lá, fiquei lá, uns três dias lá preso. Aliás, eu já conhecia o doutor Mangabeira, eu já conhecia o Otávio, que era um homem muito agradável no trato, e me dava muito com o Arturzinho Bernardes, que era o filho do Bernardes. Agora, tive uma impressão desagradabilíssima do General Euclides de Figueiredo, este sujeito que tem... É uma mania de citar este homem como grande democrata; não sei se vocês já ouviram isso: "O democrata Euclides..." Esse homem não tinha nada de democrata, ele era um reacionário tremendo, e um sujeito que só ouvia, só ouvia uma coisa na vida; era ser contra o Getúlio. Ele topava qualquer movimento, inclusive topou o movimento integralista, ele foi um dos que topou. Como é que esse homem podia ser democrata? Tive uma impressão desagradabilíssima dele. Sujeito posudo, sempre dando a última palavra sobre qualquer assunto; tive uma impressão muito desagradável. Agora, aí eu fiquei uns cinco dias, depois dos quatro ou cinco dias fui retirado e me botaram numa galeria lá em cima, na casa de correção, num cubículo. Nesse cubículo eu fiquei 45 dias lá, aí estava, tinha vários de um pessoal que eu conhecia. Estava preso Carlos Lacerda, que eu me dava com ele nessa época; estava preso o Amauri Teosório, que foi da Aliança Libertadora.

Fita 6 - Lado B

LO - Você estava falando que estava preso o Trifino Correia...

OB - Trifino Correia, que aliás era muito meu amigo, eu já tinha tratado de uma perna dele, de um ferimento que ele teve em 1932, na Revolução de 1932, foi lá para Casa de Saúde. Quem é que estava mais preso? Estava preso o Spencer Bitencourt, que era um líder bancário, um primo do Roberto Sisson, estava lá também preso. Aí tem uma parte interessante, cômica! Estava preso também o José Oiticica, que era um anarquista tremendo, e que tinha horror de conversar conosco, que achava que nós, que ele era contra o pessoal comunista, e ele ficava, mal me dirigia a palavra, passava o dia... Eu tinha sido examinado por ele no Colégio Pedro II", ele era professor de português, e foi um dos primeiros anarquistas aqui no Brasil. E era interessante que ele passava o dia inteiro escrevendo música lá no cubículo, e não queria conversa conosco. Aí nesse lugar tinha também um rapaz, que não era brasileiro, chamava-se Comprat. Não sei, tenho a impressão que esse era polonês, era um campeão de xadrez até, jogava o xadrez admiravelmente bem. Era um matemático. Tinha um outro rapaz chamado Famadas, que na época tinha uma técnica de ensinar inglês por disco. Naquela época era uma coisa muito nova. Esse rapaz, depois, foi para os Estados Unidos, e ficou radicado lá no Estados

Unidos. Famadas era líder bancário também. Aí eu fiquei preso quarenta e tantos dias, e nunca fui ouvido, nunca chegou lá ninguém para... Aliás, nenhum dos que estavam lá, ninguém foi interrogado. O Carlos Lacerda também estava, eu falei, ele também estava lá. Uma madrugada lá, assim por volta de uma hora, duas horas da manhã, eles foram lá, me soltaram, abriram: "O senhor está livre." Eu até fiquei, saí com um medo danado, porque o negócio de sair de madrugada, ali naquela rua, eu digo: "Será que essa saída é para qualquer agressão ou coisa, eu fiquei..." "E, justamente, já tinha se dado o Golpe de 1937; eu saí depois, bastante tempo depois.

MC - Saiu depois do Golpe de 1937?

OB - Depois do Golpe. Eu não sei se eles faziam de propósito: antes do Golpe, dias antes, eles diziam que os integralistas iam atacar a casa de correção, para tirar o pessoal que estava preso lá. E a gente notava que o pessoal ficava nervoso, ficava em tensão. No lugar onde eu estava, onde eu estava preso, no cubículo da casa de correção, você durante o dia não ouvia, mas durante a noite, naquele silêncio da noite, você ouvia os gritos do Berger, que estava preso na casa de detenção junto com o Prestes. Era uma coisa impressionante, era a noite inteira, ele estava... já estava louco, ele estava preso, era uma sala lá onde tinham diversos cubículos, de um lado estava o Prestes, do outro lado estava ele. E ele gritava a noite inteira, e a gente ouvia da casa de correção. E na casa de detenção estava preso aquele pessoal todo do Terceiro Regimento.

MC - E a Olga também estava lá, a Olga Prestes.

OB - É, é.

NM - Ali dentro da casa de correção, onde o senhor estava preso, o senhor ficou sabendo do Golpe de 1937?

OB - Ficamos, soubemos.

NM - E como é que vocês analisavam esse golpe?

OB - Ah, nós analisávamos como um golpe de direita, inclusive que o Golpe na época foi feito com o apoio absoluto dos integralistas. Você sabe que naquela fase de pré-guerra, o governo de Getúlio era todo favorável à Alemanha e Itália, e via com a maior simpatia a revolução de Franco.

MC - Doutor Odilon, a que o senhor atribui o seu pai ter saído do governo do Distrito Federal, da Prefeitura do Distrito Federal? A que o senhor atribui?

OB - Ué, eu atribuo ao que aconteceu, pelo movimento de 1935, que meu pai tomou, ele não tomou parte direta no movimento, mas ele tomou uma posição, que ele inclusive está no próprio, eu acho que está no relatório do (TI) Porto. Ele procurou fazer uma acomodação do governo com a Aliança Nacional Libertadora, que ele via com uma certa simpatia.

MC - Mas foi comprovado que ele não tinha ligações com...

OB - Ele não tinha ligações, ele não tinha ligações de conspiração, mas ele tomou sempre, foi o primeiro político, foi o primeiro homem de governo no Brasil que tomou uma posição radical contra o fascismo, contra o integralismo. Papai foi o primeiro homem público do Brasil, numa reunião do Sindicato de Choferes, aqui no Rio de Janeiro, que rompeu as baterias contra o integralismo, e ele... Outra coisa, também com a populari... ele era um líder popular, e a popularidade dele esteve crescendo muito. Muita gente já falava na possibilidade de ele ser um candidato a Presidente da República, por isso houve o golpe contra ele, articulado, e o maior inimigo que ele teve nisso tudo chamava-se General Góes Monteiro; esse é que foi o homem que articulou toda...

MC - Qual é o peso que o senhor atribui ao Getúlio Vargas no afastamento do...

OB - Sabe qual é a impressão que eu tenho, impressão pessoal. Eu tenho a impressão, o Getúlio era um homem maleável, era o sujeito que ele via acima de tudo a posição dele. Mas, não foi não, não partiu dele a ideia de prender Pedro Ernesto, o negócio partiu da turma militar, do General Góes Monteiro, João Gomes e qual era o outro? O Dutra; foi desses três homens que partiu o negócio. Quem manipulou muito também, na época, uma propaganda tremenda contra meu pai, foi o Adalberto Correia, que era do Tribunal de Segurança Nacional, que tinha isso que é preciso se dizer, histórico também. Eu tenho, não sei até se eu disse isso quando eu prestei declarações lá na Fundação Getúlio Vargas. A grande raiva do Adalberto foi porque meu pai prejudicou uma pretensão dele com negócio de carnes, aqui no Rio. Um entreposto de carnes que eles queriam fazer aqui, que era um negócio prejudicial à Prefeitura, e um negócio errado, em que ele levava comissões, e eram os que estavam atrás disso. Daí a raiva do Adalberto também, contra meu pai.

NM - O seu pai saindo da prisão, até a sua morte, em 1942, qual foi a atuação política dele nesse período?

OB - Quando ele saiu da primeira vez que foi preso, apoiou a candidatura do Armando Saad de Oliveira, aqui no Rio. Foi pouco antes dele ser preso a segunda vez. Quando ele foi preso pela segunda vez, que ficou vários meses preso. Quando foi? Eu acho que ele foi solto em janeiro...

MC - De que ano?

OB - De 1938 já. Ele aí esteve, não foi solto não. Ele teve que ir para uma cidade de Minas, chamada Campanha e ficou na cidade por... Lá, é uma parte interessante também da biografia de meu pai. Lá ele alugou uma casa e ficou lá. Era prefeito e diretor da Santa Casa do local, um colega de turma dele, médico. Colega de turma que era prefeito e diretor da Santa Casa, e esse homem chamou papai para dar consulta lá na Santa Casa, e você não imagina o que foi. Sabe que cidade do interior, imagine o doutor Pedro Ernesto, um grande cirurgião do Rio, dando consulta na Santa Casa, de graça. Sabe que no final, tinham caminhões que vinham trazendo camponeses para se consultar com ele. Ele aí ficou quase três meses, nesse local. Depois ele veio aqui para o Rio, nessa fase não andava já bem de saúde, se afastou também de política, e abriu um consultório ali num edifício que botaram abaixo ali na Rua São José, Edifício Candelária. Ele ficou ali e trabalhava e operava os casos e voltou, assumiu a direção da clínica cirúrgica do Hospital da Ordem Terceira da Penitência, voltou a trabalhar na Ordem Terceira da Penitência, e a clínica particular ele operava na Casa de Saúde Eiras. Aí por esse período ele não teve nenhuma

atuação política assim mais conhecida e tudo. Agora, tem uma coisa interessante dele: quando ele foi para os Estados Unidos, e que voltou já desenganado...

MC - Isso em que ano?

OB - Isso foi em 1942. Ele foi para lá, em 1941, voltou em fevereiro de 1942. Mas já voltou em situação grave, ele tinha um câncer de próstata e tinha um... era inoperável. E quando ele chegou aqui no Rio, ele deu uma entrevista aos jornais, dizendo que devido à situação mundial - isso eu acho um negócio interessante, importante devido à situação mundial, que devia haver um apaziguamento político aqui, e uma frente única. Foi quando o Brasil entrou na guerra, e que os ânimos deviam se acalmar, e esquecer as brigas políticas para fazer um movimento em favor da entrada do Brasil na guerra. Ele foi, fez, logo depois ele morreu.

MC - Doutor Odilon, a avaliação que o senhor faz da queda do Pedro Ernesto da Prefeitura do Rio de Janeiro, era corroborado por ele, ele também acreditava que o Getúlio Vargas não teve um papel importante no seu afastamento?

OB - Ah, eu acho, tenho a impressão que... acho que sim.

MC - O senhor chegou a conversar isso com ele?

OB - O Getúlio, é o tal negócio, o Getúlio por uma questão até, vamos dizer moral, não devia prender meu pai. Ele devia ter chamado papai, ou então dizer: "Você se afasta." Devido ao problema que tinha de gratidão com ele. Mas não, ele não fez nada, tem até... olha, tem até um fato interessante: papai foi preso no dia três de abril de 1936, não é? Neste dia estavam os jornais todos dizendo que a situação do Prefeito era perigosa, e que ele era revolucionário, que não sei o quê. Os jornais *Diário Carioca*, *O Globo*, tudo atacando muito ele. E o meu pai era muito amigo, inclusive tinha operado várias pessoas da família dele, do Antunes Maciel, que foi Ministro da Justiça logo no início do governo revolucionário. E o Antunes Maciel, gaúcho, amigo de Getúlio, neste dia três de outubro, foi a... O Getúlio estava em Petrópolis, estava lá no Rio Negro, em Petrópolis, passando o verão. E o Antunes Maciel foi ao Rio Negro, almoçou com o Getúlio, virou para ele e disse: "Olha, eu vim aqui saber o que é que há contra o Pedro Ernesto, porque está uma boataria lá, dizendo que por ordem do Adalberto Correia, que ele vai ser preso, não sei o quê." Vira-se o Getúlio para o Antunes e diz assim: "Tudo isto é boato, não existe nada disso, tudo isto são coisas engendradas e criadas pelo Adalberto Correia. Você não conhece o Adalberto, como ele é?" O Antunes Maciel almoçou com ele, saiu de lá, naquela época vinha de trem de Petrópolis. Tomou o trem lá em Petrópolis às cinco horas da tarde e, quando chegou na Leopoldina, já estava o pessoal, os jornais dando uma edição extra, especial com a prisão do Pedro Ernesto. No mesmo dia, você vê como é que é. Quer dizer: o negócio foi articulado, não foi articulado pelo Getúlio, foi articulado pelos generais.

NM - Entre 1938 e 1942, seu pai teve algum contato com Getúlio Vargas?

OB - Não, nunca mais teve, nunca mais teve, nunca mais teve contato com ele. E da família do Getúlio Vargas, o único sujeito que... a única pessoa que procurou meu pai, inclusive quando ele estava operado no Estados Unidos, quando ele foi operado lá, foi o

Lutero, foi o único que procurou. Porque como eu já disse anteriormente, papai não só salvou a dona Darcy, como salvou o Lutero, num acidente de...

MC - O contato do senhor com o seu pai era muito aberto, ele discutia muito política com o senhor, como é que era?

OB - Ah, era muito aberto, sempre foi muito, era um contato quase que de companheiro. Inclusive quando eu era rapaz, quando eu tinha meus 18, 19 anos, qualquer coisa que ele queria me repreender, ele não me repreendia não, mandava minha mãe me repreender. Isso era muito comum.

MC - Doutor Odilon, eu queria...

OB - Eu sou filho único e tenho uma irmã bem mais... quase cinco anos mais moça do que eu, só.

MC - Mas, ele não era de mimar o senhor, não, ele mimava o senhor, não?

OB - Não, mas ele era bem agarrado comigo. Tanto que quando ele foi ser operado no Estados Unidos, só eu que fui com ele.

MC - Então, o senhor passou todo esse processo, todo esse...

OB - Para tudo, eu passei horas horríveis. Porque eu como... inclusive como especialista, quando ele foi operado, foi feito o que nós chamamos de biópsia de congelação. Na hora, naqueles 40 minutos para saber o resultado da biópsia, depois o médico chegou para mim e disse: "Olha, é inoperável." É um negócio duro. Agora, sabe que eu consegui que ele nunca soubesse direito o que é que ele tinha? Eu menti de todas as maneiras para ele. Inclusive arranjei até com o Sidnei Riter, que operou ele lá no Estados Unidos, arranjei um vidro com uma próstata lá de um outro doente, e mostrei para ele como sendo a dele. Tanto que quando ele veio aqui para o Brasil, ele começou, a doença começou a evoluir, ele disse: "Perdi meu tempo; fui ao Estados Unidos, fui operado, estou passando mal de novo, isso deve ter sido mal operado."

MC - É, e parece que toda a situação assim da morte dele, do enterro que... foi assim.

OB - Ah, o enterro foi um negócio impressionante. O enterro saiu da Casa de Saúde Eiras às cinco horas da tarde, e foi levado, o povo tirou o caixão lá do carro, e levou à mão, até o Cemitério São João Batista. E o enterro acabou às sete horas da noite, sete e meia quase, da noite.

MC - Doutor Odilon, vamos vir mais para cá, quer dizer, o senhor participou, o senhor ainda participa de uma entidade pela paz, não é?

OB - Participo, faço parte do Congresso Mundial da Paz. Aliás, recebo uma correspondência grande deles, eles mandam, vocês já viram a correspondência, eles mandam... Eles são formidáveis naquilo. É rara a semana em que não recebo correspondência deles.

LO - Como é que o senhor se insere assim, nessa luta pela paz? Como é que o senhor vê essa situação, e ainda mais como um médico. Como é que o senhor avalia essa situação da paz, hoje em dia?

OB - Olha, eu tenho a impressão que esses movimentos de esclarecimento novos e tudo, está crescendo uma consciência universal contra a guerra. Você não tem essa impressão? A gente sente isso. E precisava haver mesmo. É criação de novos partidos, e tudo isso tem que haver uma propaganda muito grande, lá mesmo, dentro do Estados Unidos você nota isso. Ainda hoje a televisão estava mostrando um protesto lá dentro, na Casa Branca. Eu acho, tenho a impressão que com o esclarecimento a tendência é o movimento de paz ser vencedor, vai esclarecendo a humanidade para isso. Porque realmente nós não temos mais condições para uma guerra, uma guerra atômica é o fim da humanidade, tem que ser um..., eu acho que todos os elementos intelectuais e as classes trabalhadoras devem trabalhar nesse sentido; isso é fundamental.

MC - O senhor já disse, várias vezes, que o senhor é otimista em relação a...

OB - Sou.

MC - Mas, em que bases o senhor se, esse seu otimismo?

OB - Porque eu... Olha, eu acho, que o mundo não pára, não é? Acho que ele vai evoluindo, tenho a impressão que... você vê: nos saímos da Grécia, veio Roma, Revolução Francesa, está o capitalismo aí, eu tenho a impressão que nós vamos marchar para um regime socialista. A tendência é essa, porque o mundo marcha para isso, e quer queiram, quer não. A impressão que eu tenho é, quer dizer, não só a impressão, como esperança.

NM - E no Brasil essa transição vai ser violenta ou pacífica?

OB - Olha, ai que está a minha dúvida (risos). Aliás, a dúvida não é só minha, não sei se vocês viram anteontem o Persona*, com o Oscar Niemeyer. Ah, não viu, não? Ah! Esplêndido! O Oscar é um sujeito fora de série, o Oscar inclusive é um sujeito tão decente, que no final da entrevista, (você veja bem, todo mundo... foi ele que fez o Ministério da Educação, projeto dele, o Ministério da Educação) ele vai e diz assim: "Olha, o Ministério da Educação não fui eu que planejei não, aquilo foi planejado pelo Corbusier e eu fui auxiliar dele". Quer dizer, o sujeito para dizer isso precisava ser muito decente, porque o Brasil inteiro está convencido que foi ele quem fez aquilo. E ele disse um negócio ali no final, também você viu, não é?

LO - Não, não vi não.

OB - Mas, você sabe, no final ele disse que acredita no povo armado (risos). Que é feito Che Guevara, que ele acredita no povo... Eu, a minha dúvida ainda é essa, se o negócio pode ser feito por evolução ou por revolução, isso é a minha dúvida. E a gente vê que por evolução o negócio demora muito, e não sai. (risos).

LO - Doutor Odilon, eu queria aproveitar a prorrogação que o senhor nos deu.

* Persona - Programa de televisão com entrevista a uma personalidade.

OB - Pois não.

LO - Eu tenho duas questões pequenas, questiúnculas, perto da que a gente está tratando. Mas eu gostaria de que o senhor desse a sua opinião. A primeira é com relação à atuação do Sindicato dos Médicos, principalmente nas décadas de 1940, 1950, em que o Sindicato dos Médicos colocava questões a favor da classe, contra o assalariamento dos médicos, pelas entidades filantrópicas. O senhor confirma esse tipo de atuação do Sindicato dos Médicos? Porque o senhor nos falou que o Sindicato dos Médicos tinha uma atuação meio pelega, quer dizer...

OB - Muito.

LO - Muito, não é?

OB - Eles começaram a se libertar, eu acho já na década dos anos 1970, porque anteriormente o sindicato era um sindicato de "pelego". Não, eles tomavam geralmente posição sempre contra a classe médica e faziam até, tinham posição policial quase. Depois de 1970 para cá é que houve essa modificação. E hoje o sindicato está com uma posição muito boa, esse rapaz que tem, esse Chabo, tem tido sempre uma atuação muito boa. E no Subconselho Regional de Medicina também está com uma orientação muito boa, com gente boa, gente nova. Mas nessa época que você pergunta, a posição do sindicato era sempre identificando qualquer reivindicação, como reivindicação de caráter político e esquerdista. Eles sempre faziam isso, era a posição deles. Conselho Regional de Medicina também, na mão daquele, como é o nome dele? Negócio de nome...

MC - Ficou um tempão na mão.

OB - Ficou um tempão na mão dele. Não. Ora, Belchior. Esse Belchior ficou tempos ali, e esse sujeito era ligado à Embaixada Americana, inclusive casado com americana.

LO - A outra pequena questão que eu tinha é sobre o atendimento dos bancários no Hospital do Andaraí. O senhor se lembra disso? Do atendimento a bancário, o senhor chegou...

OB - Não, não peguei.

LO - Você não pegou, não.

OB - Não peguei, não peguei. Os bancários foram depois lá para o Andaraí?

MC - Foram. Tinham dois andares lá.

LO - É, inclusive e cirurgia no Hospital do Andaraí.

OB - Espera aí. Eu acho que peguei ainda, peguei. Mas eu não sei de detalhes. Eu tenho a impressão de que eles tinham um ou dois andares ali. E depois o negócio ficou, acabou com o negócio de bancários, ficou tudo INAMPS, não é? Mas vocês têm razão, eles ficaram lá, eles tinham um ou dois andares.

LO - Você não lembra de ter trabalhado com os bancários? Alguma particularidade?

OB - Não, não. Eu trabalhava, nessa época eu só trabalhava com os marítimos.

MC - Nós gostaríamos de saber se o senhor...

LO - Tem ainda alguma questão para colocar?

OB - Eu gostei muito de conversar com vocês, mas já falamos quase tudo!

LO - Eu queria agradecer então...

OB - A única coisa que eu repito aqui, que eu já falei é o seguinte: eu acho que o atendimento anterior à criação do INAMPS, quando havia separação dos institutos por classe, tenho a impressão de que o atendimento era muito mais bem feito. Isso acho que hoje piorou muito.